



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS - PPGCEL

MAURI DE CASTRO AZEVEDO

NEOCONSERVADORISMO E O RECRUDESCIMENTO DA INTOLERÂNCIA
POLÍTICA NA ERA DA PÓS-VERDADE: ANÁLISE DO DISCURSO DE ÓDIO
DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA NO FACEBOOK DURANTE AS
ELEIÇÕES DE 2018

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

MAURI DE CASTRO AZEVEDO

**NEOCONSERVADORISMO E O RECRUDESCIMENTO DA INTOLERÂNCIA
POLÍTICA NA ERA DA PÓS-VERDADE: ANÁLISE DO DISCURSO DE ÓDIO
DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA NO FACEBOOK DURANTE AS
ELEIÇÕES DE 2018**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras:
Cultura, Educação e Linguagens como requisito parcial e
obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras pela
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

A988n

Azevedo, Mauri de Castro.

Neoconservadorismo e o recrudescimento da intolerância política na era da pós-verdade: análise do discurso de ódio da extrema-direita Brasileira no Facebook durante as eleições de 2018. / Mauri de Castro Azevedo, 2020.

152f. il. ; (algumas color.). Discurso de ódio.

Neoconservadorismo. Pós-verdade. Fake News. Facebook. Eleições 2018

Orientador (a): Dr. Marcus Antônio Assis Lima.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL, Vitória da Conquista, 2020.

Inclui referência F. 138 – 143.

1. Discurso político – Discurso de ódio. 2. Neoconservadorismo. 3. Pós-verdade. 4. Fake News. 5. Facebook. 6. Eleições 2018. I. Lima, Marcus Antônio Assis. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL. T. III.

Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção** – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS - PPGCEL

MAURI DE CASTRO AZEVEDO

**NEOCONSERVADORISMO E O RECRUDESCIMENTO DA INTOLERÂNCIA
POLÍTICA NA ERA DA PÓS-VERDADE: ANÁLISE DO DISCURSO DE ÓDIO
DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA NO FACEBOOK DURANTE AS
ELEIÇÕES DE 2018**

Dissertação defendida publicamente no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura,
Educação e Linguagens e avaliada pela seguinte banca:

Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima
(Orientador – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

Prof^ª. Dr^ª. Marcia Lemos
(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

Prof^ª. Dr^ª. Valéria Amim
(Universidade Estadual de Santa Cruz)

Vitória da Conquista, 03 de abril de 2020.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



Governo do
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO
DO MESTRANDO DO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA,
EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DA UESB.

Aos três dias do mês de abril do ano de 2020, reuniu-se, por meio digital/virtual, em caráter excepcional, devido à pandemia do COVID-19, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, os membros da Banca Examinadora constituída pela Prof.^a Dr.^a Márcia Santos Lemos (PPGCEL/UESB), Prof.^a Dr.^a Valéria Amim (DTPP/UFSCAR) e pelo Prof. Dr. Marcus Antônio Assis lima (PPGCEL/UESB) orientador, para julgar a dissertação “Neoconservadorismo e o recrudescimento da intolerância política na era da pós-verdade: análise do discurso de ódio da extrema-direita brasileira no Facebook durante as eleições de 2018”, de autoria de Mauri de Castro Azevedo. Após apresentação pelo candidato e arguição pela banca, deliberou-se pela **Aprovação**, condicionando-se o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, linha de pesquisa: Linguagens e Práticas Sociais à entrega de versão definitiva da dissertação até 30 dias decorridos da data de defesa, conforme preconiza artigo 64, capítulo XXIV – das dissertações, da Resolução Consepe Nº 46/2016 – que aprova o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Nada mais havendo a ser tratado, a comissão examinadora encerrou a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após a sua leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pelo candidato ao título de mestre.

Vitória da Conquista, 03 de abril de 2020.

Campus de Vitória da Conquista
ppgcel@gmail.com

(77) 3424-8695 |

Orientador – Prof. Dr. Marcus Antônio Assis lima

1º Examinadora – Prof.ª Dr.ª Márcia Santos Lemos

2º Examinadora – Prof.ª Dr.ª Valéria Amim

Mestrando – Mauri de Castro Azevedo

Campus de Itapetinga
Praça da Primavera, 40
Bairro Primavera
CEP 45.700-000
PABX: (77) 3261 - 8600

Campus de Jequié
Rua José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro Jequeizinho
CEP 45.200 - 000
PABX: (73) 3528 - 9600

Campus de Vitória da Conquista
Estrada do Bem Querer, km 4
Bairro Universitário
CEP: 45031 - 300
PABX: (77) 3424 - 8600

Esta pesquisa é dedicada às pessoas que lutam
incansavelmente para transformar o mundo.
Haveremos de vencer.

AGRADECIMENTOS

Enquanto as manifestações de Junho de 2013 ocorriam, tive a sensação que algo estava por vir. Naquele momento ainda não era possível saber o que viria, mas germinou a vontade de compreender, pelos estudos, as implicações daquela grande mobilização de rua. Por isso, presto meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens por ter me oportunizado conduzir esta vontade ao mesmo tempo em que possibilitou mais uma passagem como discente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Estes últimos anos foram intensamente vividos e dedicados à pesquisa.

Neste período, o apoio do professor Marcus Lima que me orientou com muita tranquilidade e conhecimento que lhe é pertinente, foi essencial para que a pesquisa fosse conduzida para o caminho alcançado. Ademais, agradeço-o pela liberdade de crescimento concedida durante a condução do Grupo de Pesquisa, do Tirocínio Docente e dos convites para as proveitosas conversas com os estudantes da Graduação em Comunicação Social.

A contribuição dos demais professores do PPGCEL também foi fundamental. Cada palavra, cada discussão, enfim, cada momento compartilhado contribuiu para somar conhecimento que se materializa neste trabalho final.

Não poderia deixar de cumprimentar a Turma de 2018 com a qual tive o prazer de estar ao lado. Cada colega, de maneira particular, deixa marcas que serão guardadas eternamente. Obrigado, colegas. Obrigado também à Turma de 2017 que me recebeu muito bem enquanto estive como Aluno Especial. Vocês me incentivaram. Mas se tem uma pessoa que eu realmente devo agradecer é a eterna colega jornalista Crislene Girardi. Foi ela quem me deu o “empurrão” necessário para acessar o portal do conhecimento. Obrigado, Cris!

No entanto, para que esta pesquisa se materializasse, tive que mergulhar neste mundo acadêmico e me ausentar de pessoas que tanto prezo, para quem presto meus sinceros agradecimentos. À minha fiel companheira de discussões e esposa, Marine Vasti, a quem tanto amo; aos meus amigos que desencontrei, mas que estou pronto para reencontrar, aos meus pais que sempre me queriam por perto; aos familiares que estive distante e aos camaradas de luta que souberam compreender a minha ausência.

Finalmente, deixo meus sinceros agradecimentos aos professores e professoras que compuseram as Bancas de Qualificação e de Defesa pelos apontamentos e discussões que contribuíram com o amadurecimento intelectual. Gratidão!

A rua é meio, raramente é fim, quase nunca é começo. Quando algo começa nas ruas, ainda mais de forma espontânea, o começo tende a marcar novas conjunturas. Foi o caso de Junho no Brasil, de Gezi na Turquia, de Occupy nos Estados Unidos e de Tahrir no Egito.

Sabrina Fernandes

RESUMO

Nestes últimos anos acompanhamos a ascensão do neoconservadorismo expressado pela extrema-direita especialmente nas interações proporcionadas pelas redes sociais virtuais. Enquanto transformavam o ciberespaço em ambiente de disseminação do ódio às diferenças e de desprezo ao conhecimento, os neoconservadores deste momento histórico cumprem os preceitos da contraofensiva do capital para intensificar a lógica neoliberal e preservar os valores tradicionais considerados princípios fundamentais e irrenunciáveis para o campo da direita. Ao chegar no Brasil, esta onda radical conduziu o país a um obscuro retrocesso de ideais que acabaram por ser referendados pelo resultado das eleições presidenciais de 2018. Diante deste cenário, esta pesquisa tem por objetivo elucidar o discurso da intolerância política difundido na rede social virtual Facebook na era da pós-verdade com vistas a evidenciar estratégias discursivas nos comentários de sujeitos-internautas. Buscamos identificar marcas discursivas de ódio nas discussões virtuais e debruçar sobre o discurso intolerante no Facebook, espaço compreendido como local de debate público durante o período de campanha eleitoral. Esta pesquisa se move pelo interesse na materialização do discurso de ódio, compreendendo a necessidade de perpassar por aspectos importantes deste cenário, daí porque a profundidade da discussão teórica apresentada. A fundamentação teórico-metodológica está ancorada na empírico-dedutiva Teoria Semiolinguística formulada por Patrick Charaudeau e se estrutura em uma abordagem quanti-qualitativa distribuída na etapa de constituição das amostras seguida da análise interpretativa do *corpus* constituído por 16 comentários coletados em quatro diferentes *fanpages* de jornalistas brasileiros. Além dos aspectos relacionados a este arcabouço teórico-metodológico, nesta pesquisa, exploramos tópicos concernentes ao conceito de notícia, *Fake News*, Pós-Verdade, Opinião Pública, *internet*, redes sociais virtuais, Esfera Pública, bem como desenvolvemos uma análise da conjuntura em face do quadro político posterior às Jornadas de Junho de 2013. Constatamos que a estratégia adotada pela extrema-direita de recorrer à emoção e às crenças particulares alcançou o objetivo, deixando consequências no caminho da democracia liberal. Para isso as *fake news* cumpriram a função de desinformar e insuflar os ânimos, suscitar o preconceito, o ódio e a intolerância. Os exemplos encontrados ao longo dos comentários selecionados corroboram para compreender como a pós-verdade contribuiu para reconfigurar a vida política ao mergulhar os sujeitos-internautas em saberes de crença de opinião relativa e coletiva, fazendo-os agirem sem qualquer racionalidade.

Palavras-chave: Discurso de ódio. Neoconservadorismo. Pós-verdade. Fake News. Facebook. Eleições 2018.

ABSTRACT

In recent years, we have followed the rise of neoconservatism expressed by the extreme right, especially in the interactions provided by virtual social networks. While transforming cyberspace into an environment for the spread of hatred of differences and contempt for knowledge, the neoconservatives of this historic moment fulfill the precepts of capital's counter-offensive to intensify neoliberal logic and preserve traditional values considered fundamental and indispensable principles for the field of right. Upon arriving in Brazil, this radical wave led the country to an obscure setback of ideals that ended up being endorsed by the result of the 2018 presidential elections. Given this scenario, this research aims to elucidate the discourse of political intolerance disseminated in the virtual social network Facebook in the post-truth era in order to highlight discursive strategies in the comments of Internet users. We seek to identify discursive marks of hatred in virtual discussions and address intolerant discourse on Facebook, a space understood as a place for public debate during the electoral campaign period. This research is driven by interest in the materialization of hate speech, understanding the need to pass through important aspects of this scenario, hence the depth of the theoretical discussion presented. The theoretical-methodological basis is anchored in the empirical-deductive Semiolinguistic Theory formulated by Patrick Charaudeau and is structured in a quanti-qualitative approach distributed in the stage of constitution of the samples followed by the interpretative analysis of the corpus consisting of 16 comments collected in four different fanpages of journalists Brazilians. In addition to the aspects related to this theoretical-methodological framework, in this research, we explored topics concerning the concept of news, Fake News, Post-Truth, Public Opinion, internet, virtual social networks, Public Sphere, as well as developing an analysis of the current situation of the political framework after the June 2013 Days. We note that the strategy adopted by the extreme right to resort to emotion and particular beliefs has achieved the objective, leaving consequences on the path of liberal democracy. For this, fake news fulfilled the function of misinforming and inflating the mood, arousing prejudice, hatred and intolerance. The examples found throughout the selected comments corroborate to understand how the post-truth contributed to reconfigure political life by immersing the subjects-internet users in knowledge of belief in relative and collective opinion, making them act without any rationality.

Keywords: Hate speech. Neoconservatism. Post-truth. Fake News. Facebook. Elections 2018.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Reação Discursiva 1 - Facebook - Cynara Menezes.....	97
QUADRO 2 – Reações Discursivas 2 e 3 - Facebook - Cynara Menezes.....	98
QUADRO 3 – Reação Discursiva 4 - Facebook - Cynara Menezes.....	102
QUADRO 4 – Reação Discursiva 5 - Facebook – Eliane Cantanhêde.....	104
QUADRO 5 – Reação Discursiva 6 - Facebook – Eliane Cantanhêde.....	107
QUADRO 6 – Reação Discursiva 7 - Facebook – Eliane Cantanhêde.....	110
QUADRO 7 – Reação Discursiva 8 - Facebook – Eliane Cantanhêde.....	113
QUADRO 8 - Reação Discursiva 9 - Facebook – Leonardo Sakamoto	116
QUADRO 9 – Reação Discursiva 10 - Facebook – Leonardo Sakamoto	118
QUADRO 10 – Reação Discursiva 11 - Facebook – Leonardo Sakamoto	121
QUADRO 11 – Reação Discursiva 12 - Facebook – Leonardo Sakamoto	124
QUADRO 12 – Reação Discursiva 13 - Facebook – Reinaldo Azevedo	126
QUADRO 13 – Reação Discursiva 14 - Facebook – Reinaldo Azevedo	129
QUADRO 14 – Reações Discursivas 15 e 16 - Facebook – Reinaldo Azevedo	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC – Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C)

AL – Ato de Linguagem

BBC – News Brasil – British Broadcasting Corporation – Corporação Britânica de Radiodifusão

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

DEM – Democratas

ECA – Escola de Comunicação e Artes

EUE – Sujeito interpretante

EUC – Sujeito comunicante

FBI – Federal Bureau of Investigation – Departamento Federal de Investigação

FIFA – Federal Internacional de Futebol

GIFS – Graphics Interchange Format – Formato para Intercâmbio de Gráficos

HGPE – Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral

ICQ – I Seek You – Eu procuro você

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

LGBTQI+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer e Intersexuais

MBL – Movimento Brasil Livre

ONG – Organização Não Governamental

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PEC – Proposta de Emenda à Constituição

PFL – Partido da Frente Liberal

PNDS – Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSL – Partido Social Liberal

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

SPAM – Sending and Posting Advertisement – Enviar e postar publicidade em massa

STF – Superior Tribunal Federal

TI – Tecnologia da Informação

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TS – Teoria Semiolinguística

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TUd – Sujeito destinatário

TUi – Sujeito interpretante

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UnB – Universidade de Brasília

UOL – Universo Online

URSAL – União das Repúblicas Socialistas da América Latina

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
1 FAKE NEWS COMO ARMA POLÍTICA E MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DA PÓS-VERDADE	24
1.1 <i>Notícia no jornalismo industrial: produto mercadológico para informar e formar opinião.....</i>	24
1.2 <i>Evolução das Fake news: dos cliques monetários à desconstrução do oponente.....</i>	27
1.2.1 <i>A distribuição do “kit gay” em escolas infantis</i>	33
1.2.2 <i>Fraudes nas urnas eletrônicas</i>	34
1.2.3 <i>O agressor.....</i>	34
1.2.4 <i>Camisa de Emanuela D’ávila</i>	34
1.2.5 <i>Ursal</i>	35
1.3 <i>Pouco importam os fatos: self-service da verdade ao gosto pessoal</i>	37
1.4 <i>Opinião pública em tempos de “verdades” compartilhadas</i>	42
2 VIOLÊNCIA VERBAL E A CONSTITUIÇÃO DO NEOCONSERVADORISMO BRASILEIRO	46
2.1 <i>As raízes do neoconservadorismo: o fenômeno mundial se instala no Brasil.....</i>	46
2.2 <i>Neoconservadorismo e ódio de classe no Brasil recente.....</i>	48
2.3 <i>Um degrau acima: A escada da intolerância ao ódio.....</i>	50
2.4 <i>Das Jornadas de Junho em diante</i>	55
2.5 <i>Contexto sociodiscursivo e facetas do ódio nas redes sociais virtuais.....</i>	62
3 A GRANDE REDE E AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIABILIDADE	71
3.1 <i>Definindo o que são redes sociais virtuais</i>	76
3.2 <i>Facebook como espaço de comportamento e consumo de conteúdos.....</i>	81
3.3 <i>#Hastag: Redes sociais virtuais, Esfera Pública e Opinião Pública.....</i>	84
4 REAÇÕES DISCURSIVAS DA EXTREMA-DIREITA EM ESPAÇOS DE COMENTÁRIOS NO FACEBOOK	88
4.1 <i>Breve abordagem expositiva acerca da Teoria Semiollingüística.....</i>	88
4.2 <i>À guisa de Metodologia</i>	90

<i>4.2.1 Método de coleta</i>	92
<i>4.2.2 Identificação dos jornalistas</i>	94
<i>4.3 Análises</i>	96
<i>4.3.1 Cynara Menezes – Socialista Morena</i>	96
<i>4.3.2 Eliane Cantanhêde – Representante da grande mídia</i>	104
<i>4.3.3 Leonardo Sakamoto – O “japa” esquerdista</i>	116
<i>4.3.4 Reinaldo Azevedo – Alvo preferido dos intolerantes</i>	126
PARA FINS CONCLUSIVOS	136
REFERÊNCIAS	141
ANEXOS	147
ANEXO 01 – Printscreen da Postagem de Cynara Menezes – 03/09/2018.....	147
ANEXO 02 – Printscreen da Postagem de Cynara Menezes – 26/10/2018.....	148
ANEXO 03 – Printscreen da Postagem de Cynara Menezes – 26/10/2018.....	148
ANEXO 04 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 23/09/2018	149
ANEXO 05 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 25/09/2018	149
ANEXO 06 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 05/10/2018	150
ANEXO 07 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 21/10/2018	150
ANEXO 08 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 06/09/2018.....	151
ANEXO 09 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 30/09/2018.....	151
ANEXO 10 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 11/10/2018.....	152
ANEXO 11 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 22/10/2018.....	152
ANEXO 12 – Printscreen da Postagem de Reinaldo Azevedo – 03/10/2018.....	153
ANEXO 13 – Printscreen da Postagem de Reinaldo Azevedo – 17/10/2018.....	154
ANEXO 14 – Printscreen da Postagem de Reinaldo Azevedo – 19/10/2018.....	155

APRESENTAÇÃO

Quando a popularização do acesso à *internet* se consolidou com a interiorização pelas pequenas cidades brasileiras em meados da primeira década deste século, comumente as pessoas tomavam um fato como verdadeiro – “É verdade, tá na *internet*” – porque o indivíduo que despreziosamente pronunciava tal afirmação havia lido a notícia na *internet* sem dar relevância à origem da informação. A expressão “tá na *internet*” se equiparava a veiculação de uma notícia em um jornal de credibilidade. Naquele momento inicial “estar na *internet*” seria a condição primordial para estabelecer a verdade acerca de um acontecimento.

Passados alguns anos esta realidade pouco se alterou e o ambiente digital se tornou um nicho para a exploração das notícias falsas. Nos tempos atuais, diferentemente, a divulgação de falsas notícias atende a objetivos estratégicos e está imbricada por inúmeras teorias conspiratórias. Enquanto as falsas notícias circulam em alta velocidade pelo espaço cibernético, as correntes antiaquecimento global, antiglobalismo ou ainda aquelas que negam o holocausto nazista, que questionam a importância da vacinação da população e a esdrúxula tese da Terra Plana se intensificam cada vez mais, ampliando os admiradores.

Ocorre que o debate sobre desinformação não é uma questão meramente apenas sobre tecnologia, mas também sobre sociabilidade e democracia. A civilização tecnológica da sociedade em rede de Manuel Castells (2009), meio pelo qual a falsa notícia circula sem restrições, registra o convívio paradoxal entre aqueles indivíduos que atuam pelas liberdades e o desenvolvimento da sociedade, e sujeitos que ocupam o espaço virtual para propagar guerras, desumanizar as diferenças e pregar apologia à ignorância humana. De um lado reside o conhecimento compartilhado, a solidariedade e o fortalecimento dos laços afetivos, de outro estão os intolerantes, na qual se insere a nova extrema-direita.

Resultado deste segundo grupo, o mundo acompanhou o recrudescimento do conservadorismo (daí porque neoconservadorismo) expressado pela extrema-direita por meio das ilimitadas formas de interações sociais possibilitadas pelo ciberespaço (LEVY, 1999) transformado em ambiente de disseminação do ódio às diferenças e de desprezo ao conhecimento. Sem demonstrar qualquer temor, os intolerantes da extrema-direita passaram a agir e a transitar livremente nas timelines das redes sociais virtuais, extrapolando os limites das telas dos computadores e dispositivos móveis.

Ao se atentar para a ascensão da extrema-direita no mundo, Michel Löwy (2015) observou que o crescimento resultou da globalização capitalista neoliberal, da crise econômica que despedaçou o mundo e de uma específica conjuntura internacional no Oriente Médio. Quanto ao Brasil o estudioso ressalta que a extrema-direita atual se aproxima da direita fascista de 1930 na agitação sociocultural, na ideologia repressiva e na intolerância contra minorias. Luís Felipe Miguel (2018) avalia que o neoconservadorismo brasileiro resulta de uma combinação do libertarianismo, do fundamentalismo religioso e da reciclagem do antigo anticomunismo. Na visão de Silvio Luiz de Almeida (2018) a extrema-direita atende aos interesses do neoliberalismo radical que investe na *desdemocratização* para aprofundar políticas de austeridade, mercantilização, quando não a total espoliação de direitos sociais da população em busca de acumulação de capital.

No Brasil, particularmente, uma nova realidade política marcada pela violência verbal se consolidou nas redes sociais virtuais e os reflexos são identificados nas mais variadas formas de convivência humana. O país foi arrastado por uma radical onda direitista e conduzido a um obscuro retrocesso de ideais apregoados pela nova direita referendada com o resultado das eleições de 2018. Neste ponto cabe ressaltar que esta pesquisa debruça acerca deste debate e questiona se esse referendo resulta da livre escolha eleitoral ou se os brasileiros teriam sido arregimentados a tomar essa decisão.

Em conformidade com o pensamento da socióloga Sabrina Fernandes (2019), entendemos que a extrema-direita habilmente aproveitou o legado das Jornadas de Junho para politizar as multidões com a “despolitização” e assim reafirmar a hegemonia, o *status quo* e o senso comum em favor do capitalismo e dos modelos ideológicos complementares, exemplificados pelo conservadorismo e o neoliberalismo (FERNANDES, 2019).

A ação dos neoconservadores deste momento histórico atende aos preceitos da contraofensiva do capital para intensificar a lógica neoliberal e preservar valores tradicionais considerados princípios fundamentais e irrenunciáveis para o campo da direita. Nesse sentido, abrimos um parêntese para a distinção política entre direita e esquerda encontrada em Norberto Bobbio (2001) de modo a contribuir com a compreensão que temos sobre a extrema-direita, bem como o discernimento aplicado no enquadramento político dos jornalistas selecionados.

O estudioso italiano pontua que a direita se configura pela defesa do passado, da tradição e da herança, enquanto a esquerda se efetiva na emancipação do sujeito homem. Bobbio (2001) assinala que a existência de várias modalidades de direita ou movimentos

seria reflexo das seis possibilidades de significados para a expressão tradição conforme sugestão do crítico e conterrâneo Dino Confrancesco: arquétipo; elevação ideal de uma época fundamental ou decisiva na história da humanidade; fidelidade à nação; memória histórica; comunidade de destino; e, finalmente, consciência da complexidade do real. Em resumo, a alma da direita “Nada fora e contra a tradição, tudo na e pela tradição”. Assim, o indivíduo de direita busca salvaguardar a tradição e o indivíduo de esquerda busca libertar e emancipar seus iguais das cadeias impostas pelos privilégios.

Para o autor a diferença entre direita e esquerda não se manifesta sob a forma de tensão entre igualdade de direita e igualdade de esquerda, mas como a igualdade é concebida por estes dois espectros políticos. Dito isso, explica que o indivíduo de direita dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro e o indivíduo de esquerda é aquele que considera mais o que os homens têm em comum do que as divergências. Bobbio (2001) atenta que a distinção entre direita e esquerda decorre da emissão de um juízo positivo ou negativo empregado sobre o ideal da igualdade. Enquanto para a direita a igualdade é a exceção e desigualdade é a regra, para a esquerda a igualdade é a regra e desigualdade a exceção.

Este filósofo e estudioso da política também descreve a dicotomia entre Extremistas e Moderados, presente em ambos espectros, para apontar que a violência é um aspecto dos extremos movidos por uma inspiração antidemocrática. Em relação à direita ele argumenta que os contrarrevolucionários e reacionários defendem a violência enquanto única higiene do mundo. Ainda nas proposições, Bobbio (2001) assinala que direita e esquerda não são palavras que designam conteúdos fixados eternamente e podem denominar diversos conteúdos conforme o tempo e as situações encontradas. Assim, apesar de continuar fixada na extremidade da linha horizontal imaginada por Bobbio (2001), a extrema-direita dos tempos atuais se reorganizou e passou a ser conhecida como *alt-right* (direita-alternativa)¹.

A nova direita-alternativa tenta se distanciar da extrema-direita tradicional que ascendeu no século XX, por isso mesmo adota a expressão “alternativa” em lugar da nomenclatura “extrema”. A atualização do conceito encontrada nos estudos da socióloga Rosana Pinheiro Machado (2019) indica que a base desta nova direita é influenciada por três gerações de pensadores extremistas detentores de grande influência na ascensão do neoconservadorismo mundial que se manifesta de maneira ainda mais radical que as

¹ Mantivemos o uso da expressão extrema-direita nesta pesquisa por acreditar que ao nos referirmos ao termo, estamos também abarcando o sentido expresso pela nova nomenclatura. Não há, portanto, contradição ou conflito no emprego do termo extrema-direita para referir a tradicional ou a atual.

anteriores. A direita “right” cresceu fundamentalmente utilizando-se da guerra da (des)informação e na promoção de campanhas de ódio.

Pinheiro Machado (2019) compreende que a direita-alternativa disputa regimes de verdade desprezando algumas formas de organização do conhecimento, preceitos como a igualdade dos direitos humanos, daí a rejeição às diferenças, direitos reprodutivos, além de construir um modelo de questionamento que funciona para discutir gênero, sexualidade, globalização, cultura, meio ambiente entre outros temas e assim criar maneiras alternativas de interpretar os fenômenos que conduzam para recuperar a tradição da humanidade. Neste trabalho as “diferenças” toma o sentido de “minorias”, não no sentido de inferioridade numérica, mas em relação aos grupos marginalizados, socialmente invisibilizados e historicamente excluídos pelo poder hegemônico nas sociedades que cotidianamente manifestam misoginia, machismo, racismo e homofobia.

A centralidade desta pesquisa se desenvolve em torno do discurso de ódio formulado em *fake news* (falsas notícias) e efetivado pela extrema-direita em comentários de indivíduos intolerantes com base na personalização de algoritmos formadores das “bolhas de filtros” na rede social virtual Facebook. Partimos da hipótese de que na era da pós-verdade, as redes sociais virtuais, como espaços privilegiados de interação, tornaram-se uma extensão da esfera pública do tipo virtual e campo particular de propagação da intolerância política. Com efeito, a verdade tem sido relativizada ao passo de ascender a era da pós-verdade (“*posttruth*”).

Matthew D’ancona (2017) compreende que na era da pós-verdade os sujeitos políticos apelam às falsas argumentações numa espécie de balão de ensaio, uma “hiper-realidade” que faz desaparecer o hiato no modo discursivo entre o real e o imaginário. Christian Dunker (2017), por sua vez, localiza o verbete como uma reação ao pós-modernismo, avaliando que da mesma maneira que a pós-modernidade promoveu a discussão sobre a compreensão do sujeito moderno, a pós-verdade traz uma reflexão prática e política sobre o entendimento acerca da verdade e de sua suposta autoridade (DUNKER, 2017).

Em tempos sombrios de subjetivação da liberdade de expressão, as verdades universais são rejeitadas e novas verdades são sustentadas em crenças compartilhadas envolto por frases de efeito e imagens em formatos de *meme*. Outrossim, a pós-verdade tem contribuído para reconfigurar o sentido da vida política mergulhando o sujeito no que Charaudeau (2016) classifica como “saber de opinião”.

Em vista do que apresentamos, esta dissertação é fruto da necessidade de investigar o sentido oculto por trás das manifestações linguageiras de sujeitos-internautas². Desta forma, considerando a emergência do debate acerca desta conjuntura, esta pesquisa pergunta de que maneira a intolerância política se manifesta na era da pós-verdade na rede social virtual Facebook?

Propondo responder ao questionamento acima, esta dissertação intitulada *“Neoconservadorismo e o recrudescimento da intolerância política na era da pós-verdade: análise do discurso de ódio da extrema-direita brasileira no Facebook durante as eleições de 2018”* tem como objetivo geral definido em uma investigação visando explicar o discurso da intolerância política difundido na rede social virtual Facebook na era da pós-verdade. Quanto aos objetivos específicos estabelecidos, estes visam i) debater o conceito de pós-verdade como elemento de análise do tempo presente; ii) identificar os textos multimodais³ utilizados na propagação do discurso de intolerância política no contexto da pós-verdade e iii) elucidar formas e significados de discursos da intolerância na rede social virtual Facebook compreendida enquanto espaço público de debate.

Com base nestes objetivos lançamos um olhar sobre as reações-discursivas de sujeitos-internautas amparado nas contribuições teórico-analíticas da Análise do Discurso presente na Teoria Semiolinguística desenvolvida a partir de 1983 por Patrick Charaudeau⁴ (2004, 2006, 2009, 2011, 2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2017) e servirá para evidenciar as estratégias discursivas presentes nos comentários. Para isso, mobilizamos categorias teóricas no intuito de identificar e relacionar conceitos da Semiolinguística tais como as minuciosidades dos modos de organização do discurso, imaginários sociodiscursivos, sujeitos do discurso, saberes de crença e de conhecimento, visadas e efeitos de sentido. Neste ponto, Charaudeau (2016a) sublinha que o discurso é propriamente o ato de linguagem que possibilita locutores e interlocutores construir enunciados. Alerta, porém, que o sentido dos enunciados se submete às relações estabelecidas entre elementos linguísticos, sociais, históricos e culturais.

² Mais à frente apresentamos o conceito de sujeito-internauta que utilizamos nesta pesquisa, isto é, o sujeito que proferem e materializa o discurso de ódio.

³ A análise multimodal extrapola os aspectos formais em um determinado contexto cultural e estabelece possibilidades representativas na construção dos sentidos agrupadas em cores, imagens fixas ou em movimento (vídeo), sons e o próprio texto verbal.

⁴ Linguista francês e especialista da Análise do Discurso. Professor da Universidade de Paris XIII, onde criou o Centre d'Analyse du Discours (CAD), local de referência para pesquisadores de várias universidades francesas e de diversos outros países.

Em se tratando de um modelo pragmático de orientação, a Análise do Discurso proposta por Patrick Charaudeau vista sob a ótica das ciências da linguagem é empírico-dedutiva e, por isso, contempla as necessidades metodológicas para a realização da pesquisa. Nesse sentido, a metodologia utilizada está estruturada por uma abordagem quanti-qualitativa como forma de constituir as amostras e a análise interpretativa do *corpus* devidamente distribuídas em duas etapas. As amostras estão reunidas em conformidade com o que Charaudeau (2005) descreve como sendo “*corpus de textos*” e se constituem por 16 comentários de diferentes sujeitos-internautas coletados em quatro diferentes *fanpage* de jornalistas que juntos totalizam quase 1,5 milhão de seguidores. O *corpus* foi selecionado por meio de um levantamento empírico, consoante critérios⁵ recorrendo, para isso, à técnica do *printscreen*⁶, posteriormente transformados em quadros conforme disposto no IV capítulo.

Por seu turno, a escolha por esta temática justifica-se pela constatação do panorama neoconservador instalado no Brasil contemporâneo, registrando fervorosos debates no ambiente digital, agressões virtuais e físicas que desencadearam, inclusive, em morte como verificado durante as eleições de 2018. Uma sociedade conservadora e intolerante que pratica a demonização do outro, inegavelmente conduzirá os seus integrantes a um abismo colossal, daí porque a importância do esclarecimento e do debate de ideias que levem à reflexão capaz de superar a não aceitação das diferenças. Ademais, acreditamos que esta pesquisa tem relevância acadêmica por ainda ser uma temática pouco explorada no campo das linguagens e das práticas sociais, bem como por se propor estudar a intolerância política na perspectiva multidisciplinar possibilitada pela Teoria Semiolinguística.

Em vista disso, a motivação do tema surgiu da inquietação político-militante e do interesse do pesquisador em direcionar esforço intelectual na pesquisa acadêmica intencionado em buscar compreender o Brasil recente. Era necessário, pois, buscar uma resposta para o que se verificava empiricamente no ambiente digital Facebook.

No que tange à estruturação, além da introdução e das considerações finais, esta dissertação se divide em quatro capítulos brevemente descritos.

O primeiro capítulo debruça sobre o surgimento do jornalismo moderno até a formatação do conceito de notícia para compreendermos o que são as *fake news*, já que, a

⁵ Os critérios utilizados para a seleção das amostras estão devidamente explicados na guisa metodológica inserida no Capítulo IV.

⁶ Trata-se de um tipo de fotografia instantânea da tela visualizada no computador ou dispositivos móveis. O uso da expressão *print* (expressão inglesa que em português significa impressão) está associado à ideia de imprimir a página.

princípio, a terminologia seria o oposto do primeiro conceito já há bastante tempo consolidado. Abordamos como a notícia foi transformada em produto comercializável e inspirados nesta ideia, os disseminadores de *fake news* passaram a utilizar esta técnica para vender produtos e visões de mundo, construir imagens e desconstruir oponentes. Neste ponto, apresentamos a evolução e a categorização das *fake news*, bem como algumas situações das inúmeras *fake news* que circularam nas redes sociais virtuais durante o período eleitoral. Após preparar o terreno, adentramos na discussão do que seria a pós-verdade e os eventuais impactos na sociedade política, mormente no que diz respeito a uma possível manipulação da Opinião Pública.

Dedicamos o segundo capítulo a uma análise de conjuntura do Brasil tendo as Jornadas de Junho de 2013 como recorte histórico. Nele são apresentadas as raízes do neoconservadorismo que se instalou no Brasil à luz do fenômeno mundial de crescimento da extrema-direita, o ódio de classe e a intolerância política que se expandiram exponencialmente pelo Brasil dali por diante. Para isso, nos referenciamos em importantes contribuições de teóricos como Wilson Gomes (2006; 2008; 2018), Michael Löwy (2015), Luís Felipe Miguel (2018), Silvio Luiz de Almeida (2018), Jessé Souza (2016; 2017) e Rosana Pinheiro Machado (2019). Também são apresentados o contexto sociodiscursivo e as facetas de ódio nas redes sociais virtuais

Mais adiante tratamos da grande rede e as transformações na sociabilidade provocadas pela *internet*, discutindo a relevância das redes sociais virtuais em função da capacidade de conceber o debate público, mobilizar sentimentos e difundir informações. Referenciado pelos principais estudiosos (CASTELLS, 2009; LÉVY, 1996; 1999; RECUERO 2009a; 2009b; 2012a; 2012b; 2013) direcionamos uma definição conceitual das redes sociais virtuais, perpassando pela distinção sobre redes sociais enquanto junção de pessoas físicas com interesses comuns. No terceiro capítulo também apresentamos importantes informações acerca do surgimento e funcionamento do Facebook e apresentamos esta plataforma de relacionamento como um espaço de comportamento, consumo de conteúdos, local de circulação das *fake news* e discutimos sobre uma possível extensão do conceito de Esfera Pública encontrado em Jürgen Habermas (1984).

Finalmente, no quarto capítulo, desenvolvemos uma breve abordagem expositiva acerca da Teoria Semiolinguística, apresentamos a nossa orientação metodológica, o método de coleta das amostras e constituição do *corpus*, a identificação e o motivo da

escolha de cada jornalista para então discorrermos sobre o que nos propomos e analisarmos o *corpus* com base nos preceitos teóricos-metodológicos semiolinguísticos.

1 FAKE NEWS COMO ARMA POLÍTICA E MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DA PÓS-VERDADE

Este capítulo discute inicialmente o surgimento do jornalismo moderno e o conceito de notícia para então debruçarmos sobre o que seriam as *fake news*, já que, a princípio, este segundo conceito seria oposto ao primeiro já consolidado nos estudos acadêmicos e nas práticas jornalísticas. Tratamos de reconhecer a notícia como produto construído com base em elementos de verdade, enquanto que a falsa-notícia é discutida como um produto recheado de conteúdo falso, gerando assim o caráter de *fake news*. Após preparar o terreno, adentramos na discussão do que seria a era da pós-verdade e o seu impacto na política, notadamente na manipulação da Opinião Pública.

1.1 A notícia no jornalismo industrial: produto mercadológico para informar e formar opinião

Surgido no mesmo período das invenções transformadoras do século XV como a imprensa de Johannes Gutenberg para divulgar as informações mercantis, os jornais modernos não nutriam preocupação em relatar os fatos com precisão e objetividade como foi convencionado nas sociedades democráticas⁷. Neste primeiro momento - até o início do século XIX - os jornais serviam apenas para propagar os ideais políticos que agitavam a sociedade daquele período. As notícias eram marcadas pelo tom panfletário e a retórica sobressaía em detrimento da descrição dos fatos. À medida que as notícias se transformaram em produto disponível para comercialização, os jornais de caráter opinativo perderam relevância. Emergiu, assim, um novo jornalismo.

Este jornalismo evoluiu associado ao surgimento e à expansão do sistema capitalista industrial balizado, principalmente, pelos avanços tecnológicos. Gradativamente os jornais conquistaram autonomia político-financeira e se expandir enquanto negócio. É neste contexto de mudança de paradigma e tecnológica que a notícia se transformou em produto destinado à venda, aperfeiçoada com técnicas e dinâmicas capazes de garantir retorno financeiro aos proprietários do então constituído jornal-empresa.

Neste novo cenário mercadológico, quais fatos seriam dignos de se tornarem notícias ou serem descartados? Quais seriam os critérios para determinar a produção e

⁷ Criado pelo ditador romano Júlio César por volta de 59 a.C. “Acta Diurna” é o primeiro jornal que se tem conhecimento na história da humanidade. O título foi criado para informar a população sobre fatos ocorridos e era afixado em tábuas nos muros das principais localidades da República. O jornalismo moderno resulta da posterior invenção da imprensa de Gutenberg e é o ponto de partida para discutir a noção de notícia.

publicação de um fato como notícia? Diversos referenciais teóricos respondem a estes questionamentos e os desdobramentos provocados pela transformação do jornal em empresa. Entre os quais, os estudos conduzidos por importantes teóricos do jornalismo e da comunicação como Marcondes Filho (1989), Amaral (1997), Wolf (1999) e Motta (2002) dão conta de responder com a profundidade que o assunto requer.

Amparado em uma conceituação crítica marxista, Marcondes Filho (1989, p.13), assinala que notícia é “aquilo que é anormal, mas cuja anormalidade interessa aos jornais como porta-vozes de correntes políticas”. Compreende-se desta definição que nem toda anormalidade pode ser transformada em notícia, mas apenas a situação anormal em que seja possível o uso político. Em seguida sugere que “notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os apelos estéticos, emocionais e sensacionais” (MARCONDES FILHO, 1989, p.13). Desta maneira, de modo a garantir a notícia como um produto visualmente consumível, a informação é lapidada e adaptada “às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo” (MARCONDES FILHO, 1989, p.13).

No entendimento de Amaral (1997, p.39) a notícia é a matéria-prima do jornal se tornando “a base de tudo que é publicado e que determina o ritmo do trabalho”. Referenciado em uma definição da revista norte-americana *Collier's Weekly*, este estudioso do jornalismo lembra que notícia é tudo o que o público precisa saber ou deseja expressar. Segundo ele, a notícia deve seguir a fórmula simplificada de atender a quatro qualidades e ser interessante, abrangente, nova e verdadeira (AMARAL, 1997).

Quanto à última qualidade, Amaral (1997) destaca que se refere à qualificação da boa informação no sentido jornalístico, não no sentido intrínseco da notícia. Ao defender a necessidade de a notícia ser verdadeira, o autor observa que a falsa notícia tem a informação em seu componente assim como a verdadeira notícia e, além disso, desempenha o mesmo papel social. Conforme expressa, a existência da falsa notícia seria possível devido ao fato de que a “autenticidade da informação importa pouco à satisfação da necessidade direta de notícias e que as relações sociais supõem um mínimo de confiança e de credulidade” (AMARAL, 1997, p.41). Esse entendimento contribuirá para conduzir a discussão mais adiante acerca das *fakes news*.

A percepção de Motta (2002) diz que para ser notícia, um fato deve ter atualidade, proximidade, proeminência com a pessoa envolvida no fato, impacto e significância. Para ele, “as notícias, como os mitos, não contam as coisas como elas são, mas contam as coisas

segundo o seu significado” (MOTTA, 2002, p.317) donde se compreende que a notícia será relatada para atender aos interesses do veículo que a produz. Ainda conforme este autor, como narrativa que são, as notícias são culturais e não naturais. Elas, lembra o estudioso, são responsáveis por construir totalidades significativas a partir de acontecimentos diversos.

No início do século XX os jornais norte-americanos começaram a relatar os fatos de maneira cronológica e os jornalistas passaram a ter poder de decisão sobre quais elementos deveriam compor o texto jornalístico. Como resultado deste novo procedimento da produção da notícia surge o *lead*, cujas respostas para seis perguntas “o quê, quando, onde, como, por que e quem” deveriam constar no primeiro parágrafo do texto noticioso.

Além das definições anteriores, existem outras questões relevantes para que um acontecimento se torne notícia. Entre as diversas correntes teóricas, o italiano Mauro Wolf é quem aprofunda e sistematiza com maior clareza os componentes presentes em um fato capazes de torná-lo notícia. Em suas pesquisas sobre o *newsmaking*, Wolf (1999) aborda a construção social de uma dada realidade em que caberá ao jornalista não reconstruir a verdade dos fatos, mas sim interpretá-los e relatá-los. Assim, a produção da notícia seria um fenômeno de interesse público cuja seleção dos fatos, processo conhecido como “Noticiabilidade”, corresponde ao “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gera a quantidade e os tipos de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar as notícias” (WOLF, 1999, p.85).

Por seu turno, caberá aos “valores-notícia”, enquanto componente da noticiabilidade responder se um fato é interessante e relevante capaz de transformá-lo em notícia e, assim, ser possível a sua exploração mercadológica enquanto produto. Wolf (1999) define “valores-notícia” como sendo

regras práticas que abrangem um *corpus* de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redactoriais. Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo (WOLF, 1999, p.85-86).

Wolf (1999) relata que para rotinar a produção da notícia os jornais consideram a existência de quatro critérios “valores-notícias” interligados a pressupostos implícitos ou considerações relativas às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público e à concorrência. Os quatro critérios não são uma classificação abstrata e operam de maneira

peculiar. De acordo com o estudioso, a primeira categoria se refere à transformação do acontecimento em notícia; a segunda diz respeito ao conjunto dos processos de produção e realização; enquanto a terceira diz respeito à imagem formada pelos jornalistas sobre os destinatários e finalmente a quarta que trata das relações entre os *mass media* existentes no mercado informativo.

Conforme o próprio Wolf (1999) explicita, os “valores-notícias” são flexíveis e, no contexto do ambiente virtual (webjornalismo), o fato ocorrido é imediatamente transformado em notícia sem que seja necessário se atentar para o espaço e o tempo destinado como acontece na rotina produtiva dos veículos impressos, por exemplo. Os *hiperlinks* desempenham a função de explorar o acontecimento com a profundidade possível.

Neste novo cenário tecnológico, a produção da notícia se descentralizou e diante dos inúmeros *sites* e *blogs* noticiosos, inúmeras versões sobre um acontecimento podem ser construídas. Se por um lado a *internet* possibilitou a ampliação do mercado de atuação para jornalistas profissionais, por outro, instaurou uma lógica permitindo que qualquer indivíduo seja “produtor de notícias” na qual, na maioria das publicações, a fundamental apuração do acontecimento é desprezada e os “valores-notícias” são eliminados da rotina jornalística.

Ademais, nos tempos atuais, o ambiente virtual foi tomado pela produção e veiculação de notícias que em seu aspecto estético regrediram ao período do surgimento do jornalismo moderno. De igual maneira às práticas existentes nas notícias de meados do século XIX, novamente, o conteúdo panfletário e acusatório, ao lado de fatos criados para causar impacto, resurgem no debate político. Isto porque, a utilização do sensacionalismo com o propósito de direcionar os internautas para os *sites* de cliques econômicos acabam provocando a “viralização” do conteúdo e contribuindo com a formatação de uma realidade paralela estabelecida pelos “filtros de bolhas” dos algoritmos.

1.2 Evolução das Fake news: dos cliques monetários à desconstrução do oponente

As deturpações de informações com o intuito de controlar a opinião pública ou mesmo barrigadas cometidas por erros de investigação ocorrem com frequência no jornalismo, mas veículos sérios se redimem. Todavia, a disseminação mais recente do modelo de notícias falsas popularizadas em torno da expressão *fake news* se tornou uma nova estratégia de manipulação do debate político. Na contemporaneidade os idealizadores

das *fake news* encontraram um potencial para fazer a mentira “viralizar” e atingir a finalidade quer seja na esfera política ou comercial-publicitária. Essa facilidade decorre da popularização do acesso à *internet* por meio de dispositivos móveis e do surgimento das plataformas virtuais e aplicativos mensageiros que potencializam os conteúdos baseados na personalização de algoritmos.

O retorno financeiro para proprietários de *sites* é um fator relevante neste cenário de propagação das *fake news*. A monetização oferece a oportunidade para que os responsáveis por *websites* recebam dinheiro diretamente em suas contas bancárias com base na inserção de anúncios, venda de produtos e a geração de tráfego/redirecionamento para outros endereços. Quanto mais visitas registradas, maiores são as chances de que internautas vejam e cliquem no anúncio, assim como aumenta a probabilidade do redirecionamento para *sites* que originaram os anúncios de produtos e de serviços controlado por plataforma de publicidade como a *Google AdSense*.

Não obstante, a propagação das *fake news* também é uma ação estrategicamente pensada por organizações criminosas que agem na *internet* coletando dados privados e informações financeiras indevidamente para aplicação de golpes cibernéticos. Os golpistas utilizam de notícias falsas e alarmistas para chamar a atenção e atrair o clique de internautas e daí instalarem programas maliciosos em computadores e dispositivos móveis. Trata-se de uma remodelagem da conhecida técnica de envio de SPAM por e-mail, agora aplicada às plataformas digitais.

De igual maneira ao que busca o jornalismo quando cria um título atrativo para uma reportagem, os *sites* de cliques descobriram nos títulos uma maneira de atrair e aumentar o fluxo de navegantes. Foi com essa perspectiva que jovens da cidade de Veles, na Macedônia, promoveram uma verdadeira enxurrada de *fake news* durante as eleições presidenciais americanas no ano de 2016. Reportagem da *BBC News*⁸ relata que histórias absurdamente inventadas publicadas em 140 *sites* de notícias falsas, todos originados em Veles, estavam atraindo numerosos cliques no Facebook.

Durante a investigação, a repórter da *BBC News* ouviu alguns jovens criadores de *sites* fantasiosos e confirmaram que o objetivo era o retorno financeiro conforme relatos transcritos: “Os americanos amaram nossas histórias e queremos tirar dinheiro disso” e ainda “Quem se importa se são verdadeiras ou falsas?” (KIRBY, 2016). As “notícias”

⁸ “A cidade europeia que enriquece inventando notícias – e influenciando eleições”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38206498>>. Acesso em: 09 abr 2019.

recebiam títulos como “Papa Francisco choca o mundo e apoia Donald Trump” ou “Agente do FBI suspeito no caso de e-mails vazados de Hillary é encontrado morto em um aparente caso de suicídio assassinato” (KIRBY, 2016) para instigar a curiosidade.

Com a opção da modalidade “*post* patrocinado” ou “*post* promovido”, pessoas físicas ou jurídicas têm a opção de pagar para que a plataforma Facebook amplie o raio de alcance do conteúdo, ou seja, paga-se para um anúncio quer seja um produto, serviço ou mesmo uma notícia, independente de sua veracidade, alcance um segmento específico de usuários, um número maior de usuários da rede ou a população de determinada cidade. O valor pago é proporcional ao universo de usuários que se pretende alcançar e após atingir o público estabelecido, o conteúdo ganha organicidade com o compartilhamento passando a acontecer de forma natural e espontâneo pelos usuários comuns, por perfis *fakes* e mesmo boots/robôs⁹ que são criados com o objetivo de reforçar a estratégia adotada pelo marketing político.

Desta maneira, as *fake news* avançaram nas redes sociais virtuais, notadamente no Facebook, e com a rápida popularização o universo semântico do termo adquiriu novos sentidos passando a designar uma contraposição a conteúdos que desagradam como faz desde 2016 o presidente norte-americano, Donald Trump, para desacreditar jornalistas e opositores. Depois do êxito em atrair internautas aos *sites* caça-cliques de monetização, as *fake news* adquiriram novas funções que impossibilitam a distinção entre o verdadeiro e o falso de modo a estabelecer confusão generalizada na esfera política. Com efeito, a dimensão atribuída às notícias falsas foi ampliada e a imprecisão conceitual despertou o interesse de diversos estudiosos que perpassam entre o contexto acadêmico e jornalístico.

Segundo os professores Ortellado e Ribeiro (2018) a literatura encontra-se dividida entre os que defendem a validade da terminologia, estes entre a inserção no debate político e na cobertura jornalística, e os que acreditam que a imprecisão do termo gera mal-entendidos e, por isso, seria necessário admitir uma expressão mais adequada. Diante desta divisão, Ortellado e Ribeiro (2018) apontam a discussão das *fake news* fundamentados em três conceituações, a saber:

⁹ Os perfis falsos (ou fake como são conhecidos na rede) são criados para se passarem por pessoas verdadeiras. A conta do “usuário” é alimentada remotamente ou mesmo manualmente por pessoas que trabalham no mercado fake. O fake tenta reproduzir o comportamento de uma pessoa comum na rede social virtual como comentar, enviar mensagem, compartilhar conteúdo entre outras ações. Já os robôs virtuais ou bots são *softwares* configurados automaticamente para a execução de ações preestabelecidas nas plataformas sociais. No Facebook, por exemplo, servem para simular interação entre os usuários sem que seja necessário se apresentar como real.

1-uma expressão abrangente para se referir a todo tipo de coisa, desde artigos de notícias que são factualmente incorretos até artigos de opinião, paródias e sarcasmo, boatos, rumores, memes, abuso online e erros factuais em declarações de figuras públicas que são corretamente mencionados em matérias noticiosas (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018, p.72 *apud* WEEDON; NULAND; STAMOS, 2018).

2-artigos de notícias que são falsos, intencionalmente e verificadamente e que podem enganar os leitores (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018, p.72 *apud* ALLCOTT e GENTZKOW, 2017).

3- a informação fabricada que emula o conteúdo noticioso na forma, mas não no processo ou no propósito organizacional. Veículos de notícias falsas carecem das normas e processos editoriais para garantir a precisão e a credibilidade da informação. Notícias falsas sobrepõe-se, assim, a outros desarranjos da informação, como a desinformação, seja no sentido da informação simplesmente equivocada (misinformation), como no sentido da informação equivocada que é difundida propositalmente com a intenção de enganar (disinformation) (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018, p.72 *apud* LAZER *et al.*, 2017).

Outrossim, acreditamos na validade do conceito proposto pela primeira corrente e à vista disso podemos, portanto, entender o fenômeno das *fake news* como sendo notícias falsas deliberadamente editadas para causar prejuízos à imagem de um alvo pré-estabelecido quer seja adversário político, um concorrente comercial ou mesmo um inimigo pessoal que, em tempos de interconectividade viraliza via plataformas digitais no formato multimodal de texto, imagem, áudio e vídeo.

Buscando aprofundar a compreensão do que seriam *fake news*, Edson C. Tandoc Jr., Richard Ling e Zheng Wei Lim (2017), amparados na conceituação definida por Allcott e Gentzkow (2017), produziram o primeiro grande levantamento sobre *fake news* intitulado “*Defining Fake News*”. Os estudiosos cingapurianos analisaram 34 artigos científicos publicados que empregaram a expressão de 2003 a 2017 e identificaram seis diferentes maneiras de operacionalização das notícias falsas distribuídas em sátira, paródia, fabricação, manipulação, publicidade e propaganda. Esta distribuição é importante, sobretudo, por fornecer uma distinção dos elementos de modo a compreender como as *fake news* são operacionalizadas quanto ao nível de facticidade e a capacidade de enganar. Nesse sentido, Tandoc, Ling e Lim (2017) discriminam as características das categorias.

Segundo os autores, a Sátira é o gênero mais comum e refere-se a “programas de notícias simuladas, que normalmente usam humor ou exagero para apresentar audiências com atualizações de notícias” (TANDOC; LIM; LING, 2017, p. 141, *tradução nossa*). Os *sites* Sensacionalista – “Isento de Verdade” e “G17 – É humor. É pra perder o seu tempo” ilustram este tipo de produção de *fake news*. Conforme os estudiosos, esta categoria tem alto índice de facticidade e baixa intenção de enganar as pessoas.

Além de imitar a mídia tradicional e utilizar-se do humor para alimentar audiência, o gênero Paródia se difere da sátira com o uso de notícias não-factuais e “em vez de fornecer comentários diretos sobre assuntos atuais através do humor, a paródia brinca com o absurdo das questões e as destaca, inventando conceitos inteiramente fictícios de notícias” (TANDOC; LIM; LING, 2017, p. 142, *tradução nossa*). No Brasil, o registro desta modalidade aconteceu no período das eleições presidenciais de 2018 e início de 2019, quando as redes sociais virtuais foram inundadas por perfis que se passavam ou faziam trocadilhos com os nomes de pessoas renomadas da política, da imprensa e famosos no intuito de enganar as pessoas sobre as supostas notícias. A paródia possui baixos índices de facticidade e de intenção de ludibriar a audiência.

Identificado como o terceiro gênero, a categoria Fabricação de tem a intenção de criar a desinformação generalizada. São notícias sem base factual, geralmente apresentando narrativas com viés político, publicadas em *sites* com as mesmas características e estilo de *sites* noticiosos para passar credibilidade e criar legitimidade. Segundo os pesquisadores “ao contrário da paródia, não há compreensão implícita entre o autor e o leitor que o item é falso” (TANDOC; LIM; LING, 2017, p. 143, *tradução nossa*). No Brasil, páginas com esta natureza cresceram na *internet* a partir de 2013 e desde então o Projeto “Monitor do Debate Político no Meio Digital”¹⁰, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP), monitora *sites* anônimos que divulgam notícias falsas entre os quais *Diário do Brasil* e *Folha do Povo*. Possui, portanto, baixo índice de facticidade e alta intenção de enganar as pessoas.

Nem só de texto vivem as *fake news* e os estudiosos apontam o gênero Manipulação como edição deliberada de imagens, áudios e vídeos originais para criar uma falsa narrativa em forma de notícias audiovisuais. Conforme revelaram, a manipulação audiovisual tornou-se recorrente graças à existência de poderosos *softwares* capazes criar e efeitos simples até os mais complexos, além de “ajustes simples que podem incluir o aumento da saturação de cores, a remoção de elementos secundários, mudanças mais invasivas com a remoção ou a inserção de pessoa ou objeto em uma imagem” (TANDOC; LIM; LING, 2017, p. 144, *tradução nossa*). Este gênero de *fake news* composto por imagens, vídeos e áudios circula amplamente pelas redes sociais virtuais dos brasileiros

¹⁰ Informações sobre o projeto estão disponíveis no endereço <https://www.monitordigital.org/> ou <http://observatorioidaimprensa.com.br/monitor-do-debate-politico-do-meio-digital/conheca-o-monitor-do-debate-politico-no-meio-digital/>

pode ser ilustrada com a história de que Adélio Bispo (preso por esfaquear o então candidato a presidente, Jair Bolsonaro - PSL) esteve ao lado do ex-presidente Lula (PT), em um ato realizado no dia de sua prisão em São Bernardo do Campo. Ou ainda a história da camisa supostamente vestida pela então deputada federal gaúcha Manuela D'Ávila (PC do B) com os dizeres “Jesus é Travesti” quando originalmente a frase era “Rebele-se”. Como a anterior, o índice de facticidade é baixo ou nulo e tem alta intenção de ludibriar.

De acordo com os pesquisadores, o gênero Publicidade e Relações Públicas é outro conjunto de *fake news* com a mesma aparência e formato da notícia, especialmente televisivas, para promover a venda de um produto. O internauta é instigado a clicar em determinado conteúdo, mas ao acessar não encontra o que foi anunciado. Esta categoria é definida quando “as relações públicas adotam práticas e/ou a aparência de jornalistas para inserir marketing ou outras mensagens persuasivas nos meios de comunicação” (TANDOC; LIM; LING, 2017, p. 145, *tradução nossa*). É comum a divulgação deste tipo de material em “*Post Patrocinado*” em diversos *sites*, inclusive de credibilidade, bem como em plataformas digitais como *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*. Assim, possui alto índice de facticidade e alta intenção de enganar a audiência.

Já a Propaganda é a última categoria e diz respeito à notícia enquanto propaganda produzida para influenciar as percepções do público com o claro objetivo de beneficiar uma figura pública, organização, governo ou um produto. Os estudiosos ressaltam que “semelhante à publicidade, a propaganda é muitas vezes com base em fatos, mas inclui preconceito que promove um determinado lado ou perspectiva” (TANDOC; LIM; LING, 2017, p. 141, *tradução nossa*). Os exemplos desta modalidade podem ser encontrados em postagens e comentários de pessoas, muitas vezes perfis *fakes*, para alavancar um produto, uma ideia ou destruir a reputação de empresas concorrentes e adversários políticos. Também ilustram este tipo de *fake news* as falsas promoções de marcas famosas para ganhar chocolates, passagens aéreas, perfumes entre outros produtos. Decorrente disso foi estabelecido na *internet* um mercado¹¹ de perfis *fakes* que movimenta milhões ao redor do mundo, capaz de incluir no pacote de serviços curtidas, compartilhamentos e comentários. Por fim, esta categoria é carregada de facticidade, mas com alta intenção de enganar.

Em vista desta classificação e em conjunto com as definições apresentadas anteriormente, evidenciamos que a expressão *fake news* é empregada como subterfúgio

¹¹ Como identificar os diferentes tipos de fakes e robôs que atuam nas redes. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42172154>>. Acesso em 20 abr.2019.

estratégico para desqualificar informações, colocar em suspeição um fato sob a alegação de ser falso ou interpretar acontecimentos convenientemente às emoções, crenças e opiniões. Não obstante, a terminologia foi amplamente empregada durante o período de campanha nas eleições brasileiras de 2018, tanto para classificar os acontecimentos quanto para contradizê-los, e esta percepção está evidenciada nos dados coletados por esta pesquisa conforme apresentada na seção de análise.

Com a polarização política mais intensa estabelecida desde a contestação do resultado das eleições de 2014, a campanha eleitoral de 2018 foi extremamente marcada por embates travados especialmente entre a campanha do ex-presidente Lula, depois substituído por Fernando Haddad (PT), e a chapa do ex-capitão do Exército, Jair Bolsonaro (PSL). Apesar de a Justiça Eleitoral ter manifestado empenho em combater as *fake news* promovendo estratégias¹² na área de inteligência, estabelecendo parceria com a imprensa e agências de checagem, além de acordos firmados com os partidos políticos, na prática, as *fake news* prevaleceram durante o pleito eleitoral, obrigando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a intervir¹³ na tentativa de conter as inúmeras *fake news* que circularam nas redes sociais virtuais, sobretudo, no segundo turno.

Nesse sentido, apresentamos a seguir algumas das *fake news* enquadradas nas categorias “fabricação” e “manipulação” entre as inúmeras que circularam durante as eleições e protagonizaram a desinformação nas redes sociais virtuais e no cotidiano.

1.2.1 A distribuição do “kit gay” em escolas infantis

“Kit gay” foi o apelido pejorativo cunhado pela bancada conservadora do Congresso Nacional ao caderno “Escola Sem Homofobia” proposto pelo programa “Brasil Sem Homofobia”, criado pelo Ministério da Educação, em 2008, na gestão de Fernando Haddad. A proposta do “Kit gay” era oferecer conhecimento e formação para que professores pudessem enfrentar situações de violência e preconceito contra alunos LGBTQ, assim como proporcionar o respeito à diversidade. O assunto voltou a ser explorado durante a campanha eleitoral de forma manipulada e, em uma entrevista na

¹² A estratégia foi revelada pelo ministro Luiz Fux a jornalistas antes do início da campanha eleitoral. Para saber mais visite <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Fevereiro/tse-vai-combater-fake-news-com-apoio-da-imprensa>.

¹³ Com o fracasso da estratégia inicial, o TSE foi forçado a atuar e somente em 11 de outubro de 2018, já no segundo turno, é que o órgão decidiu adotar ações mais rigorosas, especialmente contra a campanha de Jair Bolsonaro. As medidas implementadas foram apresentadas à imprensa e podem ser lembradas acessando o endereço <https://exame.abril.com.br/brasil/o-tse-so-agora-tenta-se-armar-contra-as-fake-news/>.

bancada do programa *Jornal Nacional da Rede Globo*, Jair Bolsonaro apresentou o livro infantil *Aparelho Sexual e Cia* (Hélène Bruller e Philippe Chapuis) como sendo um exemplar do “kit gay” e afirmou se tratar de uma ação do PT para ensinar a “Ideologia de Gênero” e despertar o desejo sexual nas crianças. O livro, entretanto, além de não se tratar do caderno “Escola Sem Homofobia” jamais foi distribuído nas escolas brasileiras. Após o efeito devastador desta *fake news* o TSE determinou que as plataformas digitais apagassem imagens e derrubassem vídeos associando Fernando Haddad ao livro.

1.2.2 Fraudes nas urnas eletrônicas

A segurança da votação e a possibilidade de fraude eleitoral sempre foram assuntos explorados pelo candidato Jair Bolsonaro e seus apoiadores. Assim, o dia 07 de outubro de 2018 foi marcado por uma guerrilha virtual e registrou inúmeros compartilhamentos de *fake news* relacionadas à confiabilidade da urna eletrônica. Um vídeo que circulou nesta data insinuava que ao digitar o número 1 automaticamente a imagem de Fernando Haddad aparecia e o voto era contabilizado para o candidato petista. Outras imagens registravam o número 7 supostamente danificado para impedir a votação em Jair Bolsonaro representado pelo número 17. O TSE desmentiu os conteúdos e se posicionou afirmando que se tratava de material editado para causar descrédito na instituição e no pleito.

1.2.3 O agressor

A fotomontagem do agressor Adélio Bispo participando de um ato ao lado do presidente Lula foi uma das mais compartilhadas durante o período de recorte, está inserida na categoria de *fake news* de manipulação devido a alta intenção de enganar a audiência. Considerada como verdadeira por muitas pessoas, a imagem contribuiu para conformar a narrativa de que o criminoso teria sido motivado por intenções políticas a mando do PT. No entanto, as investigações da Polícia Federal demonstraram que Adélio Bispo agiu sozinho comprovadamente por insanidade mental. Ainda no contexto da facada em Jair Bolsonaro, circularam inúmeras *fake news* que acusavam o PT de financiar as viagens do agressor. As investigações também desmentiram o assunto e comprovaram que Adélio Bispo possuía uma pequena reserva em poupança, fruto de rescisão contratual de trabalho como operário em uma empresa de construção civil.

1.2.4 Camisa de Emanuela D’ávila

Outra foto com teor de manipulação que repercutiu dava conta da candidata a vice-presidente na chapa petista, Emanuela D'ávila (PC do B), vestida uma camisa estampada os dizeres “Jesus é travesti”, contendo um arco-íris em analogia ao movimento LGBTQ, em lugar da verdadeira expressão “Rebele-se”. Aliado a esta grotesca manifestação, imagens editadas de Emanuela D'ávila em supostos cultos satânicos, em situações de abuso de crianças e ao lado de mulheres, numa insinuação à sua orientação sexual, reforçaram a narrativa de “libertinagem” da candidata a vice-presidente e contribuíram para dizimar o apoio junto ao segmento religioso conservador. No início do segundo turno o TSE determinou a retirada de 33 *fake news* contra a então candidata a vice-presidente.

1.2.5 URSAL

União Socialista das Repúblicas da América Latina, a URSAL, foi o nome de um suposto plano de poder comunista de países latino-americanos governados por partidos de esquerda, revelado pelo candidato Cabo Daciolo (Patriota) no primeiro debate entre os presidenciáveis na *TV Bandeirantes*. O candidato se dirigiu ao seu adversário, Ciro Gomes (PDT) e pediu que ele se manifestasse sobre o assunto. O fato se tornou um dos mais comentados nas redes sociais virtuais e no primeiro momento virou motivo de ironia e piada para a esquerda. Os contornos desta *fake news* se ampliaram e o impacto se ampliou ao ponto de se tornar um fenômeno superior ao fato anterior, no momento em que apoiadores de Jair Bolsonaro utilizaram um vídeo no qual Manuela D'Ávila brincava, de forma sarcástica, convidando o ex-presidente uruguaio, Pepe Mujica, a compor uma chapa para presidir a URSAL. Após editar o conteúdo, os apoiadores de Jair Bolsonaro compartilharam o material nas redes sociais virtuais como “verdade” e fizeram a audiência acreditar que a candidata a vice-presidente realmente conspirava para implantar a URSAL.

Esses relatos são apenas algumas das inúmeras *fake news* que tumultuaram as eleições presidenciais brasileiras e corroboram para reafirmar o plano de tomada de poder amparada em estratégias de manipulação e fabricação de dados, como amplamente utilizada nas grandes guerras do início do século XX. O diferencial nestes tempos é a velocidade na qual a desinformação circula no ambiente virtual e os efeitos alcançados, ilustrado, por exemplo, em uma pesquisa realizada pela Avaaz¹⁴ cujo resultado apontou

¹⁴ Trata-se de uma rede mundial que propõe a mobilização social global através da *Internet* para causas internacionais urgentes. Consta no site que o modelo de mobilização *online* permite que milhares de ações individuais possam ser combinadas em uma poderosa força coletiva.

que 98,21% dos eleitores do capitão reformado do Exército foram expostos a *fake news*, dos quais outra pesquisa revelou que 89,77% acreditaram se tratar de fatos verídicos¹⁵.

O resultado demonstra o engajamento e revela a sensação de pertencimento que parte da população brasileira identificou na campanha de Jair Bolsonaro. A antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2019), estudiosa do fenômeno intitulado “bolsonarismo”, acompanhou os “eleitores raiz” do candidato em inúmeras pesquisas desde 2016 e constatou que no início as pessoas tinham motivos claros como a segurança e o porte de armas para votar no então deputado. Segundo ela, a partir de agosto de 2018 essas razões específicas tornaram-se um movimento emocional, contagiante e estruturado no culto à personalidade de Jair Bolsonaro que, àquela altura, representava a rejeição ao *establishment* político e, por isso, no final da eleição, votar em Jair Bolsonaro era uma questão de pertencimento a algo maior. No livro “*Amanhã vai ser maior*” ela relata que

antes de as *fake news* e os robôs atravessarem o processo eleitoral de maneira criminosa, houve muito engajamento *online* autêntico de fãs de Bolsonaro a partir de 2014, o que foi crucial para criar um movimento orgânico em que as pessoas se sentissem incluídas. Na época das eleições, muitos eleitores mencionaram que era a primeira vez que amavam a política, que se sentiam genuinamente parte de uma campanha (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 121).

De acordo com a antropóloga o bombardeio de *fake news* estendeu o sentimento antipetista e atingiu uma parte dos mais pobres que passaram a odiar o PT igualmente já faziam as classes médias e as elites. O bombardeio ocorrido nos últimos dias de campanha pelas redes sociais virtuais, especialmente no aplicativo mensageiro *Whatsapp*, movimentou, segunda denúncia¹⁶ do Jornal *Folha de São Paulo*, cerca de R\$12 milhões financiados de maneira ilícita por empresários interessados na vitória de Jair Bolsonaro. Em nome dos seus negócios, os empresários compraram pacotes de disparos em massa de mensagens em formato de *fake news* contra a candidatura petista. Conforme a legislação eleitoral brasileira a prática é considerada ilegal por se tratar de doação de campanha por empresas, além de não ter sido declarada ao TSE.

No intuito de adentrar no próximo ponto, cabe ainda questionar: o que motiva as pessoas acreditarem em *fake news*? Certamente buscam conteúdos que favoreçam a reafirmação de crenças que circulam no imaginário, ideias estas tornadas universais pela ótica da classe dominante, e as *fake news*, como parte de uma condição de alienação, no

¹⁵ Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>>. Acesso em 12 mai 2019.

¹⁶ Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em 08 fev. 2020.

sentido marxista da expressão, corroboram para a consolidação do individualismo. Não se trata de se informar sobre o acontecimento, mas de buscar uma versão do fato que mais se encaixe na perspectiva do indivíduo. Assim, como sugere D'ancona (2017), as campanhas de desinformação preparam terreno para a era da pós-verdade, semeando a dúvida em vez do êxito junto à Opinião Pública.

1.3 Pouco importam os fatos: self-service da verdade ao gosto pessoal

Passados longos 70 anos da ficcionalidade presente na obra “1984” de George Orwell, os elementos do futuro distópico estão por toda a parte atrelados aos mais variados dispositivos tecnológicos. No mundo da Oceania primeiramente a verdade é desconsiderada e exterminada, seguido do sepultamento da liberdade. A celebre frase da obra “O partido recomenda rejeitar as evidências coletadas através dos seus olhos e ouvidos” ilustra os anos mais recentes de ação do grande irmão propagando ignorância e força. Diante do enaltecimento da opinião própria e da crescente necessidade de sustentar crenças pessoais¹⁷ mesmo que os fatos objetivos as refutem, o fenômeno na qual a emoção prevalece sob a razão emergiu e vitimou diretamente o conceito da verdade.

A acentuada revolução infocomunicacional decorrente dos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em especial, a *Internet*, por sua vez, tem sido marcada por controversos aspectos que afetam diretamente a sociabilidade e as redes sociais virtuais se destacam na função de comunicação cooperativa. As plataformas de conversação *online* se transformaram em megafones que dão voz aos indivíduos antes restritos a receptores de informações em uma audiência global.

Ocorre que, como consequência desta conjuntura resultante da vida digital, a noção de verdade que já se encontrava em processo de dissolução desde a ascensão do estruturalismo, e reforçada a partir de 1968 com as teorias pós-modernas, adquiriu o *status* de relativa ao passo que a realidade pode ser escolhida numa espécie de *self-service*. Cada indivíduo compartilha sua própria versão do fato ao ponto de esvair do imaginário popular a expressão “dono da verdade”, isto é, neste cenário de indiferença com a verdade cujo “especialista em tudo” expressa sua compreensão, não existe verdade única, mas verdades. Afinal, os celulares se tornaram acessórios indispensáveis para registrar o fato.

¹⁷ As crenças pessoais são resultantes de interações complexas da ideologia dominante com o metabolismo social. Apesar da ideologia dominante operar no sentido de evidenciá-la como produção do indivíduo, é importante observar que toda crença é sócio-histórica.

Não se trata de relevar a narrativa de superação da noção clássica da verdade, aceitar a meia-verdade ou normatizar a mentira, mas de considerar possível novas semânticas para uma realidade que se altera na velocidade dos *megabytes*. Verdade, portanto, não é mais apenas o oposto da mentira, mas cada vez mais o falso se torna verdade com a ajuda dos dedos das mãos. Nestas circunstâncias, o mundo atravessa a chamada era da pós-verdade (“*post-truth*”), eleita em 2016 pelo Departamento da Universidade de Oxford, no Reino Unido, como palavra do ano devido ao aumento vertiginoso do uso da expressão por ocasião das eleições presidenciais norte-americanas e da campanha pela saída do Reino Unido da União Europeia, evento conhecido como Brexit. A terminologia, conforme definido pelo dicionário da Universidade de Oxford, se refere a “circunstâncias nas quais os fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou às crenças pessoais” (ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIES, 2016).

O Dicionário de Oxford destacou que o termo pós-verdade não seria nenhuma novidade e o uso da palavra havia sido registrado pela primeira vez no ano de 1992, quando, em reflexão às guerras do Irã e do Golfo Pérsico, o dramaturgo sérvio-americano, Steve Tesich, cunhou a expressão na revista *The Nation*, para se referir ao fato de que o povo livre daquele período havia decidido por viver em um mundo de pós-verdade. A utilização do prefixo “pós” estava em expansão e em vez de apenas mencionar tempo posterior a um evento histórico como pós-guerra, por exemplo, passou a se referir a um tempo em que o conceito especificado perdeu a importância. Tesich asseverou o entendimento de que a própria verdade se tornou irrelevante e em vista disso a pós-verdade estendeu a compreensão da qualidade isolada de afirmações particulares para uma característica geral daquela época.

Neste intervalo, o escritor Ralph Keyes publicou, em 2004, a obra “*A Era da pós-verdade: desonestidade e decepção na vida contemporânea*” na qual aborda como a mentira se tornou trivial e a tentativa de racionalizá-la. No artigo “Política de pós-verdade”, publicado no ano de 2010, o articulista David Roberts afirmou que o bipartidário sistema político estadunidense já mergulhava sob a pós-verdade no instante em que a narrativa dos fatos e a opinião pública haviam se desconectados da política legislativa. Nos anos subsequentes, com a expansão das mídias digitais e o gradativo enfraquecimento da imprensa, o uso da terminologia foi se normatizando até que em setembro de 2016 a

expressão foi consolidada pela revista inglesa *The Economist* no artigo “A arte da mentira”.

Refletindo acerca da contribuição dos dois fenômenos políticos ocorridos em 2016 para a ascensão da pós-verdade, Matthew D’ancona (2017) observa que não se trata de uma disputa entre conservadores e liberais, mas uma batalha entre duas formas de perceber o mundo, ou seja, duas abordagens fundamentalmente distintas em relação à realidade, na qual é necessário escolher entre manutenção de valores democráticos e sociedades livres, ou charlatões que destroem estes princípios. Referenciando-se no pensamento do filósofo Anthony Clifford Grayling, ele argumenta que a crise financeira do sistema capitalista no ano de 2008 foi o momento germinal que, em poucos anos, lançaria a era da pós-verdade.

D’ancona (2017) relata que coube a assessora de Donald Trump, Kellyanne Conway, reconhecer a alvorada da pós-verdade quando, em resposta ao entrevistador durante um programa radiofônico, remeteu a uma velha formulação de Nietzsche sobre a qual “não há fatos, apenas interpretação” numa batalha para definir a realidade entre os fatos (questionados pelo entrevistador) e os seus “fatos alternativos” (respostas concedidas). Foi com base nesta narrativa que o mandatário não só se elegeu, mas como também continuou se dirigido à opinião pública nos Estados Unidos.

Nesta perspectiva, D’ancona (2017) descreve que Kellyanne Conway compreendia não existir uma realidade estável e verificável, mas apenas uma batalha incessante para definir o que seria a verdade, cujos fatos concretos estariam em contraste com os fatos alternativos estabelecidos por ela, para que fosse possível fazer conciliação da afirmação falsa com a prova fotográfica de modo a estar sempre à frente da batalha. Assim, uma história sobre o fato era mais importante do que o fato propriamente e a verdade seria resultante da compreensão do fato.

Conforme D’ancona (2017) relata, a campanha do Brexit explorou o filão da desconfiança em relação aos especialistas (economistas, pesquisadores de opinião pública, cientistas sociais) e às fontes tradicionais de autoridade e informação, quando o então Secretário de Justiça, Michel Gove, declarou em entrevista a um programa televisivo que “o povo deste país está farto dos especialistas” (D’ANCONA, 2017, p. 42). O autor pontua que existia uma crescente suspeita dos britânicos em relação às fontes de tal forma que as informações reveladas eram consideradas duvidosas, mercenárias ou até totalmente fraudulentas e o colapso da confiança se tornou a base social da era da pós-verdade.

Na pós-verdade os sujeitos políticos apelam às falsas argumentações numa espécie de balão de ensaio, criando o que D'ancona (2017) intitulou como sendo “hiper-realidade”, isto é, o desaparecimento do hiato no modo discursivo entre o real e o imaginário. Na perspectiva pós-verdadeira o real é apenas imaginação e o imaginário se torna real e, com efeito, o direito de opinar se transforma em direito de criar percepção própria do fato. A apresentação de evidências não é suficiente para refutar essa perspectiva porque a pós-verdade é, sobretudo, um fenômeno emocional que contesta o próprio sentido de verdade.

Na compreensão do autor

a pós-verdade representa render-se a essa análise: um reconhecimento pelos produtores e consumidores da informação de que a realidade agora é tão elusiva e nossas perspectivas como indivíduos e grupos tão divergentes, que não é mais significativo falar da verdade ou procurá-la. Há muito tempo, os pluralistas falavam de “valores incomensuráveis”. A epistemologia da pós-verdade incita que aceitemos que existem “realidades incomensuráveis” e que a conduta prudente consiste em escolhermos lados, em vez de avaliarmos evidências (D'ANCONA, 2017, p. 90).

Dessarte, observamos o surgimento e o crescimento de inúmeras falsas narrativas negadoras do aquecimento global e do holocausto nazista, ou ainda as correntes que pregam a antivacinação e a esdrúxula teoria da Terra Plana. Essas narrativas são alimentadas pela superficialidade de respostas encontradas em diferentes redes sociais virtuais e mecanismos de buscas alimentadas pela facilidade de um toque “*Ok Google*” para que de imediato seja ofertado um leque de respostas em vez de o valioso saber científico amparado em evidências. O resultado como sugere D'ancona (2017, p. 79), é uma mistura de resumo e lixo completo em que o “pluralismo saudável é suplantado pelo relativismo doentio, a suposição cultural é de que todas as opiniões são igualmente válidas” sendo considerada, portanto, uma “*truthiness*”, ou seja, uma verdade sem pé nem cabeça (D'ANCONA, 2017 *apud* COLBERT, 2006).

Dentre os pensadores que se debruçam a compreender a era da pós-verdade, os postulados apresentados por Christian Dunker (2017) enriquecem o debate na perspectiva da psicanálise ao localizar o verbete como uma reação ao pós-modernismo, isto é, a pós-modernidade é a condição ideológica que fez a pós-verdade emergir se aproveitando de percepções sociais quanto a um excesso de definições em termos como relativismo, multiculturalismo, igualitarismo, entre outros. Para ele, de igual maneira que a pós-modernidade ascendeu a discussão sobre a compreensão do sujeito moderno, a pós-verdade traz uma reflexão prática e política sobre o entendimento acerca da verdade e de sua suposta autoridade (DUNKER, 2017).

Com efeito, apresenta implicações políticas, morais e institucionais e reconfigura o entendimento da subjetividade que passa a ser compreendida como

um conjunto de negações tanto de ligação entre as três faces da verdade como corrupção de sua potência ficcional, mas também como degradação da experiência da verdade do desejo que produz certa unidade entre *alethéia*, como *emurah* e como *veritas* (DUNKER, 2017, p.20).

O autor observa atentamente que desde as referências mais antigas, a verdade é constituída por uma tríade de conotações identitárias. Primeiro uma verdade de revelação grega (*alethéia*) nos convida a adquirir uma linguagem que nos une por uma experiência comum. Depois surge a verdade latina do passado (*veritas*) sob uma lembrança que requer testemunho e exatidão, dependente da individualidade em torno de uma lei comum. Finalmente a confiança no futuro (*emunah*) de natureza judaico-cristã que diante do imponderável imaginativo cria um horizonte comum. Juntas, corroboram para a constituição de opostos diferentes, quais sejam, a ilusão, a falsidade e a mentira (DUNKER, 2017). Dessarte, como explica Dunker (2017), a pós-verdade se distingue do mero relativismo, do pragmatismo e do cinismo, rompe os três regimes de verdade e seus contrários, e ataca a estrutura de ficção da verdade, ficção essa fundada em dois ramos de alimentação, o sonho e a loucura, eliminados por René Descartes, mas retomados por Sigmund Freud.

Para o estudioso, os excessos da contemporaneidade não aposentaram a verdade, mas a tornou uma mera coadjuvante, isto é, mais um elemento sem prerrogativa, sem força e sem potência eticamente transformativa. Dunker (2017) alerta que agora a verdade está inflada de subjetividade, mesmo sem a presença de um sujeito, e apesar de moralmente potente, não é capaz de produzir expressivas transformações éticas. Assim, esta “verdade se confunde com processos sociológicos de individualização, com as prerrogativas estéticas do gosto e com a força política das religiões” (DUNKER, 2017, p.18).

Mais adiante ele vai dizer que do ponto de vista das relações intersubjetivas, do discurso e da lógica do reconhecimento

a pós-verdade promove a recusa do outro e a cultura da indiferença, e diante de ameaças o sujeito em situação de ameaça reage com ódio ou violência. É cada vez mais difícil escutar o outro, assumir a sua perspectiva, refletir, reposicionar-se e fazer convergir diferenças. Isso se aplica tanto ao espaço público, com suas novas e inesperadas conformações digitais, quanto ao espaço privado das relações amorosas e amistosas, passando pelas relações laborais e institucionalizadas (DUNKER, 2017, p.28).

Nesse sentido, em tempos de flexibilização da liberdade de expressão para abarcar opiniões sobre tudo, as redes sociais virtuais se configuraram como espaços de circulação

de verdades que transcendem em uma via de mão-dupla perpassando da realidade virtual para o *offline* e vice-versa. O conhecimento universal comprovado pelos métodos científicos é desprezado e substituído por “verdades” e crenças estabelecidas com o toque do dedo ao compartilhar conteúdo baseado em frases de efeito e “*memes*” divertidos. Há uma perda de sentido social e o sujeito-internauta se encontra em uma zona de conforto que lhe permite comentar ou questionar acontecimentos sob a égide da liberdade de expressão irrefutável e universal, independente do conhecimento evidenciado pela ciência.

Na esfera política, frequentemente, a mentira e a enganação são recursos empregados com desenvoltura pelos agentes políticos, notadamente os demagogos, para sustentarem as argumentações discursivas. Não obstante, na era da pós-verdade estes componentes foram aperfeiçoados, ganharam novas feições e como relata Antônio Zarzalejos (2017), foram introduzidos elementos sentimentais, emotivos, em suas falsas mensagens, enriquecendo-as de uma força arrasadora.

Deste acréscimo, verificamos que a pós-verdade tem contribuído para reconfigurar o sentido da vida política, quer seja na instância de poder ou na instância cidadã/opinião (CHARAUDEAU, 2016), já que para alcançar o poder é necessário conquistá-lo pela palavra, isto é, antes de alçar o poder é preciso convencer pelo argumento. Ora, para convencer um indivíduo a tomar uma decisão, neste caso a votar em um candidato, é fundamental que o indivíduo votante esteja plenamente esclarecido. A despeito desse requisito, a pós-verdade mergulha o sujeito no que Charaudeau (2016) considera saber de opinião. Isto porque, complementa o estudioso do discurso, o saber de opinião pertence à subjetividade de quem fala e se origina de um processo avaliativo ao fim do qual o sujeito revela um ponto de vista acerca dos fatos do mundo.

1.4 Opinião pública em tempos de “verdades” compartilhadas

O linguista francês, Patrick Charaudeau (2016a), defende que a manipulação das mentes ocorre pela linguagem e a opinião é um fato de linguagem resultante do entrecruzamento de atos languageiros que o indivíduo ou um coletivo recebeu, ouviu e produziu. Decorrente desta linha de raciocínio assevera que compete à Análise do Discurso desenvolver os estudos acerca da opinião e dos jogos de manipulação (CHARAUDEAU, 2016a, p.20). Por conseguinte, para este estudioso, a manipulação seria uma visada discursiva de incitação com a finalidade de influenciar o interlocutor a “fazer-agir” e o discurso manipulador recorre a argumentos de ordem moral ou efetiva acompanhado de

uma sanção potencial (positiva ou negativa) que impossibilita ao manipulado desenvolver uma reflexão.

Segundo Charaudeau (2016a, p.33) uma “opinião é um julgamento pessoal ou coletivo que um indivíduo faz sobre os seres ou acontecimentos do mundo quanto ao seu valor, o que leva a tomar posição”, não devendo, pois, ser confundida com um saber sobre o mundo, por não se tratar de um conhecimento, mas um ponto de vista a respeito de um saber que não enuncia uma verdade sobre o mundo por ser uma crença (CHARAUDEAU, 2016a). Mais do que isso, existe um fosso abissal entre opinião subjetiva configurada em “saber de opinião” e a verdade objetiva estabelecida em “saber de conhecimento”.

Para Charaudeau (2016a), enquanto o primeiro diz respeito à opinião de um sujeito que expressa um ponto de vista diferente de outro que manifesta sobre o mesmo fato, o segundo trata de estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo fora da subjetividade do sujeito para apresentar e explicar os fatos de forma objetiva. Assim, o saber de opinião é subjetivo e relativo por ser dependente das crenças que perpassam por cada indivíduo e por possuir um contrário, isto é, indivíduos que veem o fato de diferentes maneiras. O autor prossegue afirmando que o saber de conhecimento tende a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo, verdade esta que existe fora da subjetividade do sujeito. Segundo Charaudeau (2016a) esta verdade dá existência aos fatos do mundo e é dita por um sujeito que se quer neutro, sem julgamento, despido de toda subjetividade como fazem, por exemplo, os jornalistas, cuja afirmação faz subtender que “isso é verdade”. Desta forma, complementa o francês, enquanto o conhecimento remete ao mundo e, portanto, se impõe ao sujeito, a opinião remete ao sujeito e o sujeito se dirige ao mundo.

Desenvolvido este exercício de diferenciação, continuamos apostando nos postulados apresentados por Patrick Charaudeau para descrever o conceito de Opinião Pública. Segundo Charaudeau (2016a), a opinião pública atravessa os séculos desde a democracia ateniense passando pela Roma Antiga chegando até o século XVIII quando a vida pública começa a se organizar e a opinião se torna um conceito.

Decorre desse período um pensamento que descobria o poder da razão com *As Luzes* (iluminismo), os ideais da Revolução Francesa ascendem como possibilidade de emancipação das sociedades, a laicização do Império napoleônico com a separação definitiva entre poder e graça divina substituída pelo surgimento de um Estado Guerreiro, Jurídico e Administrativo. Charaudeau (2016a) relata que nos grandes centros urbanos foi

possível constituir espaços de trocas, além de desenvolver e publicar a “palavra crítica” que logo começaria a circular em grupos de discussão, transformados posteriormente em grupos de reivindicação organizados na sociedade civil contra o poder central. Com isso, aponta Charaudeau (2016a), foi possível o alvorecer de uma razão crítica e com ela a sociedade civil com direito à palavra pública. Emergiu desta nova realidade uma luta contínua entre instância de poder e instância de opinião, acarretando na imprecisão da fronteira entre o público e o privado ao ponto de eliminá-los quase que totalmente.

Mais adiante, como explica Charaudeau (2016a), com a migração da força de trabalho do campo para as fábricas das grandes cidades, o homem desloca-se do espaço aberto para o espaço fechado das fábricas, perde a autonomia laboral, o vínculo de propriedade com os objetos de trabalho e a autonomia de movimento já que passa a trabalhar forçadamente preso às máquinas e à autoridade hierárquica. No entanto, complementa o estudioso Charaudeau (2016a), se o desenvolvimento do trabalho industrial exigia a reunião de trabalhadores no mesmo espaço para garantir mais rentabilidade, essa mesma junção contribuiu para o surgimento do fenômeno das massas e delas uma nova consciência coletiva que levou os trabalhadores a se organizarem, reagirem e se constituírem em contrapoder.

Charaudeau (2016a) complementa afirmando que num primeiro instante a reação das massas acontecia em forma de força contra o comando (burgueses), já que a opinião decorrente deste processo era uma somatória de pontos de vistas individuais e a razão do mais forte era senão uma razão de número, logo convertida em razão estatística com o surgimento do sufrágio universal. Assim, a compreensão de uma opinião majoritária substituía a opinião crítica (esclarecida) do século anterior.

Em reação ao que ele chama de ditadura do número, durante a primeira metade do século XX as instâncias de poder retomam o controle organizando a burocracia do Estado constituída por elites e o conseqüente surgimento de um poder tecnocrático mais abstrato, permitindo a organização da Sociedade Civil em corpos intermediários constituídos de partidos, sindicatos e associações, e possibilitando o arranjo da informação em torno da propaganda e do debate social que produzisse o entendimento. Por isso, o autor sugere que a Opinião Pública seria a nova “rainha do mundo” ou uma massa sempre vítima de manipulação.

Ao prezar pela validade do conceito defende que “a opinião existe na medida em que se manifesta e influi na vida social” (CHARAUDEAU, 2016a, p.42) e um olhar

semiológico direcionado ao comportamento dos indivíduos em sociedade possibilita “múltiplas manifestações, na medida de suas atividades discursivas” (CHARAUDEAU, 2016a, p.42). Assim, argumenta que é falando que os indivíduos trocam e constroem pensamento, é falando que se tomam consciência simultaneamente da singularidade e do pertencimento social, é falando que no espaço público que se entrecrocaram, explodem e recompõem as infinitas controvérsias.

Nos tempos atuais, a pós-verdade tem contribuído na reconfiguração do sentido da Opinião Pública encontrada em Charaudeau (2016a). Ao ser forçada a se desconectar das relações sociais, em especial a política, a Opinião Pública, podemos dizer manipulada, têm levado os indivíduos a tomarem decisões sem os esclarecimentos necessários. O ódio e a intolerância às diferenças, se juntam ao fanatismo, ao medo, à suspeita, à discricção e à mentira para constituir o que Walter Lippman (2008) distinguiu como sendo os “sete pecados mortais contra a Opinião Pública” que mesmo diante de tudo que acontece, apenas acompanha silenciosamente o apelo à razão ser dizimado.

2 VIOLÊNCIA VERBAL E A CONSTITUIÇÃO DO NEOCONSERVADORISMO BRASILEIRO

Como observaremos no capítulo de análise, a extrema-direita brasileira utilizou o apelo à emoção e às crenças pessoais enquanto estratégia política para conquistar mentes e corações. As *fake news* proliferadas nas redes sociais virtuais foram utilizadas não só para insuflar ânimos, mas também para suscitar o preconceito, o ódio e a intolerância de modo a contribuir com a manipulação da Opinião Pública e conseqüentemente o debate público durante as eleições. Neste capítulo nos detemos à análise de conjuntura do Brasil recente.

2.1 As raízes do neoconservadorismo: o fenômeno mundial se instala no Brasil

Evidenciamos nestes tempos uma nova realidade política marcada pela violência verbal que impacta as mais variadas formas de convivência humana, especialmente no debate público proveniente das interações peculiares às redes sociais virtuais. Reflexo desta circunstância, as eleições de 2018 constataram o crescimento dos ideais apregoados pela nova extrema-direita que, sem demonstrar qualquer temor, passou a transitar livremente nas *timelines* e a extrapolar os limites das telas de dispositivos móveis.

Neste cenário, ocorreu o recrudescimento do conservadorismo e o ciberespaço - com as ilimitadas possibilidades de interação social - se transformou em ambiente de disseminação do ódio. Com efeito, a sociedade em rede descrita por Manuel Castells (2009) experimenta o paradoxo convívio entre indivíduos que atuam para garantir as liberdades e o desenvolvimento da humanidade, e sujeitos que operam no ambiente virtual em defesa da guerra e da desumanização. Sucede que o alerta de Manuel Castells aventada no final do século XX não recebeu a devida atenção e o que ele considerou perigo iminente se transformou em um projeto político de ameaça às diferenças.

Dialogando com aspectos objetivos e subjetivos deste momento, Michel Löwy (2015) interpreta que as forças progressistas subestimaram a “onda marrom” e observa que, guardadas as diferenças conjunturais, o levante da extrema-direita é um fenômeno que só encontra precedentes nos anos de 1930 e nos tempos atuais tem influenciado a direita tradicional, parte da esquerda social liberal e corroído a democracia liberal. Na visão do sociólogo, algumas correntes da esquerda falharam ao adotarem um raciocínio economicista e enxergarem o crescimento da extrema-direita apenas como um efeito

colateral da crise e do desemprego, desconsiderando o fenômeno como ascensão do fascismo e a consequente ofensiva ideológica de caráter racista, xenofóbica e nacionalista. Löwy (2015) frisa que em tempos de crise, o sistema capitalista produz e reproduz fenômenos como o fascismo, o racismo, os golpes de Estado e as ditaduras militares.

Löwy (2015) dedica parte dos seus estudos para explicar os motivos que levaram a ascensão desta nova extrema-direita quase 100 anos após o fenômeno do fascismo e sugere três possíveis explicações. Primeiro ele se refere ao crescimento da extrema-direita como resultado do processo de globalização do capitalismo neoliberal e cujo procedimento de homogeneização cultural provocou a produção de *identity panics* (pânicos de identidade), cuja obsessiva procura por fonte e raízes leva a “formas chauvinistas de religião, de nacionalismo, além de alimentar conflitos étnicos e confessionais” (Löwy, 2015, p. 656).

Em seguida o pensador marxista aponta a crise econômica de 2008, originada nos Estados Unidos que despedaçou a Europa e o mundo, como processo diretamente relacionada à hegemonia mundial do capital financeiro neoliberal. Alerta, porém, que é preciso evitar explicações exclusivamente economicistas porque, segundo ele, fatores históricos como a longa tradição antissemita espalhada em alguns países, além da sobrevivência de correntes que colaboraram durante a Segunda Guerra Mundial e a cultura colonial também são elementos importantes.

Por último, mas não menos importante, soma-se aos dois primeiros fatores a conjuntura internacional proveniente do Oriente Médio. Löwy (2015, p.658) detalha que a agressividade político-colonial israelense nutre o antissemitismo “ao passo que o terror do Estado Islâmico (Daesh) e de outros jihadistas assassinos alimenta a islamofobia, pretensamente em nome do secularismo”. Para ele, os eventos negativos no Oriente Médio, assim como os ataques terroristas na Europa, foram habilmente aproveitados pela extrema-direita para promover a agenda conservadora e empreender a sua “guerra de civilização”.

Quanto ao Brasil, Löwy (2015) elenca alguns pontos para explicar a expansão da extrema-direita e apontar diferenças e semelhanças com a Europa. A atual extrema-direita brasileira se difere da direita fascista da primeira metade do século XX e possui pouca relação com a matriz antiga; ao contrário da Europa, no Brasil não existem partidos de massa que carregam o racismo como bandeira principal; os conservadores brasileiros tradicionalmente levantam a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e legitimar golpes militares e finalmente, o que ele considera o mais preocupante, sem equivalência na Europa, é o apelo para uma intervenção dos

militares. No que tange às aproximações, Löwy (2015) indica temas de agitação sociocultural como a ideologia repressiva, o culto à violência policial e a intolerância com as minorias sexuais.

Confinada nestas últimas décadas, à luz do fenômeno mundial, a extrema-direita brasileira se articulou e utilizou as plataformas *online* para aflorar sentimentos que emergiram em um “coquetel de neoconservadorismo” (GOMES, 2018) até então reclusos. Nesse sentido, Wilson Gomes (2018) corrobora com a análise proposta por Michel Löwy (2015) e sinaliza que esta mistura inclui em sua composição uma combinação de temas neoconservadores originadas do continente europeu como a xenofobia e a islamofobia; dos norte-americanos como a retórica anticomunista, a defesa do armamento, a guerra cultural contra pautas liberais nos costumes e, finalmente, o caráter tupiniquim, baseado na convocação das Forças Armadas para a política e na constituição de um imaginário que correlaciona Direitos Humanos condescendentes com criminosos (GOMES, 2018).

As especificidades do neoconservadorismo à brasileira são analisadas por Luís Felipe Miguel (2018) que discorre sobre a combinação de três expressões principais, a saber: libertarianismo, fundamentalismo religioso e reciclagem do antigo anticomunismo. Segundo ele, a ideologia libertariana ou ultraliberal descendente da escola econômica austríaca chegou ao Brasil através de acadêmicos e ativistas dos Estados Unidos pregando o Estado Mínimo e a rejeição a qualquer tipo de solidariedade social. O fundamentalismo religioso proveniente do crescimento das igrejas neopentecostais e a inflexão dos seus líderes para a política fundamentada na “percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate” (MIGUEL, 2018, p.21). Finalmente, a terceira especificidade materializada na reciclagem do anticomunismo da Guerra Fria transformado em “bolivarianismo venezuelano” estabelecendo uma sobreposição entre anticomunismo e antipetismo.

Temos, portanto, na perspectiva destes três estudiosos, uma profusão de matizes ideológicos que constituíram o neoconservadorismo no Brasil.

2.2 Neoconservadorismo e ódio de classe no Brasil recente

Se as variadas percepções no campo progressista levaram a compreensões diferenciadas sobre o recrudescimento do conservadorismo como já apontaram Löwy (2015) e Gomes (2018), não resta dúvida quanto às cores próprias adquiridas por este

fenômeno no Brasil como destacou Miguel (2018). As recentes transformações na estrutura das classes sociais brasileiras são uma, entre outras particularidades, que endossaram a acentuada reação da extrema-direita. Ao passo que as políticas compensatórias distributivas dos governos petistas contribuíram para melhorar as condições sociais do país, a classe média defendeu-se para conter a migração social, manter a hierarquia social e salvaguardar seus privilégios. A classe abastarda reagiu manifestando intolerância política instrumentalizada na disseminação do ódio que recusa o diálogo e, por vezes, se efetiva no aniquilamento das diferenças. Essa reação, sobretudo anti-intelectualista, produz uma verdade própria cujos posicionamentos se confundem com a realidade objetiva.

Apesar de serem utilizadas como sinônimos, existe uma diferença conceitual entre conservadorismo e neoconservadorismo. No capítulo da obra “*O ódio como Política*” Silvio Almeida (2018) discerne os dois conceitos e compreendendo as diferenças ideológicas que as constituem, traz à luz do debate o contexto em que cada termo é empregado e no campo da economia política revela a relação existente entre conservadores e liberais. Segundo Almeida (2018) o conservadorismo clássico se origina em resposta às transformações políticas e sociais ocorridas no século XVIII como forma de conservar valores e instituições como a monarquia e a igreja cristã diante das ameaças das revoluções burguesas liberais. Na sociedade industrial o termo passou a ser empregado como oposição ao racionalismo, ao cientificismo, ao fim da vida tradicional e hierarquizada, e finalmente como defesa das elites, como únicas capazes de gerir o Estado.

Por seu turno, o neoconservadorismo é uma ideologia surgida na década de 1960 em reação aos fenômenos pós-Segunda Guerra Mundial como o *Welfare State* (Estado do bem-estar-social), a contracultura e a nova esquerda, assim como o advento do modelo de acumulação fordista como relata Almeida (2018). Os neoconservadores acreditavam que a crise capitalista que abatia o mundo naqueles anos não era fruto do *Welfare State*, mas resultante do intervencionismo do Estado característico do *Welfare State*. Neste novo cenário, os conservadores buscavam preservar a ordem social mantendo as diferenças de classe, de sexo e de raça em oposição à degradação cultural da sociedade sem classe infestada de hippies, sindicalistas, comunistas, negros, feministas entre outros agrupamentos que ganharam força em razão da permissividade e do assistencialismo estatal (ALMEIDA, 2018).

O neoconservadorismo desta segunda década do século XXI, por sua vez, abarca a carga ideológica da direita pós-grande guerra acrescida de um “antiglobalismo”, violência

verbal que naturaliza o discurso de ódio refuta o politicamente correto e rejeita os princípios norteadores da democracia liberal já que este sistema seria conduzido por uma elite intelectual comunista que privilegia somente alguns. Ademais, conforme Almeida (2018), o neoconservadorismo atende os anseios de radicalização do neoliberalismo para tornar possível o processo de *desdemocratização* que garanta o aprofundamento das políticas de austeridade e da retirada de direitos sociais. Em suas palavras,

o discurso neoliberal clássico, baseado no universalismo e no multiculturalismo, não é capaz de amparar enquanto ideologia a necessidade de uma prática política brutal de extermínio e de rebaixamento das condições de vida. Só pessoas capazes de articular um discurso de violência contra minorias, de intolerância e de hiperindividualismo podem dar conta de justificar o estágio atual da economia capitalista, e eles o fazem justamente invocando o direito e com o apoio das instituições de repressão do Estado (ALMEIDA, 2018, p.32).

Resguardadas as diferenças conceituais, na prática, conservadorismo e neoconservadorismo podem ser compreendidos como expressões equivalentes em um processo mais amplo de reconfiguração do neoliberalismo na tentativa de preservar a base material do sistema capitalista. Daí porque a candidatura de Jair Bolsonaro ter absorvido o sentimento antipolítica e ter se constituído como antissistema ao ponto de forjar um posicionamento de alinhamento como legítimo defensor dos interesses do povo brasileiro contra as demais candidaturas consideradas representantes do *establishment*.

Em um jogo de encenação, as forças neoconservadoras consolidadas na imagem de Jair Bolsonaro se articularam e convenceram uma parcela considerável da população que o Brasil dos últimos 30 anos, ou seja, desde a redemocratização, foi governado pela esquerda representante do “sistema” que precisava ruir. Portanto, não se trata de mera coincidência o apelo nostálgico para retornar ao Brasil dos governos militares onde supostamente inexistia a corrupção política. Destarte, a onda neoconservadora configurada em um leque de novas feições reascendeu a intolerância brasileira que, apesar de perceptível no cotidiano, encontramos-nos diante do necessário desafio de examinar as diferenças conceituais.

2.3 Um degrau acima: A escada da intolerância ao ódio

De maneira resumida, a intolerância pode ser compreendida como uma irracionalidade que parte de indivíduos que se colocam como superiores com o objetivo de negar a alteridade de pessoas supostamente inferiores. É um comportamento impaciente que busca manter indivíduos ou grupos com valores divergentes isolados por meio da diminuição e do desprezo. As diferenças não devem ser toleradas porque os indivíduos

diferentes romperam com pactos sociais, fugiram à naturalidade dos fenômenos da sociabilidade e tornaram-se doentes incapazes de conviver em sociedade.

Etimologicamente intolerância vem do latim *intolerantia* oriunda do verbo tolerar que significa ser “indulgente com o ser condescendente, ter clemência, misericórdia, ter compaixão, ser benevolente, ter capacidade de perdoar” (AQUINO, 2001, p.10). Para Mirian Aquino (2001), a intolerância é uma reação de sujeitos que julgam terem seus projetos de vida ameaçados. Decorrente desta concepção implica atentar que intolerância não é a ausência de informação, ao contrário, ela é condutora de uma informação deformada. Ao discutir as consequências da intolerância, Aquino (2001) considerada que esta prática “minimiza, retarda, compromete e nega o desenvolvimento dos indivíduos. Ela obstrui, interdita, exclui, seleciona e nega a troca. A linguagem da intolerância é a violência. O ódio, que aniquila a liberdade de homens e mulheres, é o prolongamento dela” (AQUINO, 2001, p.03). A intolerância é ainda capaz de negar o rico potencial da informação, esvaziar o seu significado e aprisionar o indivíduo em um mundo de desinformação (AQUINO, 2001). Portanto, temos a intolerância como o terreno onde viceja o ódio e brota as *fake news*.

Para ilustrar os diferentes estágios de transformação da intolerância em ódio, imaginemos uma escada, cujo primeiro degrau representa a forma inicial de manifestação da intolerância e os degraus seguintes simbolizam as gradações odiosas que se elevam a cada novo degrau. Ocorre que esta escada leva a um precipício e a intolerância incita o ódio na medida em que os degraus acima são tocados, fazendo germinar o ódio que se retroalimenta em posicionamentos cada vez mais radicais contra o outro, isto é, o ódio se torna o prolongamento da intolerância surgida do medo. Continuando a subida desta escada, nos próximos degraus a intolerância se afunilará e induzirá uma “manifestação de vontade” expressada de diferentes maneiras contra as diferenças.

A definição do discurso de ódio discutida nesta pesquisa está amparada na Convenção Interamericana contra Toda Forma de Discriminação e Intolerância, aprovada em 2006. Assim, Schäfer, Leivas e Santos (2015) delimitam o discurso do ódio como

manifestação de ideias intolerantes, preconceituosas e discriminatórias contra indivíduos ou grupos vulneráveis com a intenção de ofender-lhes a dignidade e incitar o ódio em razão dos seguintes critérios: idade, sexo, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, idioma, religião, identidade cultural, opinião política ou de outra natureza, origem social, posição socioeconômica, nível educacional, condição de migrante, refugiado, repatriado, apátrida ou deslocado interno, deficiência, característica genética, estado de saúde física ou mental, inclusive infectocontagioso, e condição psíquica incapacitante, ou qualquer outra condição (SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015, p.149-150).

A discussão do modelo conceitual apresentado por Schäfer, Leivas e Santos (2015) está amparada em Brugger (2007), Meyer-Pflug (2009) e Diaz (2011). Para Brugger (2007 *apud* SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015, p.144-145) o discurso de ódio está vinculado à utilização de palavras “que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião” ou ainda à sua potencialidade ou “capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”. No entendimento de Meyer-Pflug (2009 *apud* SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015, p.145) trata-se de uma manifestação de “ideias que incitam a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”. Finalmente, Diaz (2011 *apud* SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015, p.145) destaca que “o discurso de ódio é mais que uma manifestação de antipatia, indica hostilidade contra determinado grupo”. Com efeito, estes autores expressam que o discurso de ódio busca estigmatizar, escolher e marcar um inimigo com o objetivo de manter ou alterar um determinado estado de coisas.

Schäfer, Leivas e Santos (2015) amparados em Rios (2008) observam que o discurso de ódio passa por fases preparatórias como o estímulo ao preconceito com a finalidade de ativar percepções mentais negativas em face de indivíduos e grupos socialmente inferiorizados. No entender de Brugger (2007 *apud* SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015, p.146) alguns verbos nucleares são recorrentemente empregados para balizar o discurso de ódio no tocante aos efeitos imediatos como insultar, assediar e intimidar, e no que se refere aos efeitos mediatos para instigar a violência ou a discriminação. Para ele, o discurso de ódio pode ser dividido em dois atos, sendo a agressão direta por meio do insulto e a disseminação para indivíduos de outros grupos como forma de instigar. Isto é, o discurso de ódio se divide em duas frentes cuja primeira linha é a ação direta daqueles que projetam o discurso, enquanto a segunda linha seria uma espécie de extensão operacionalizada por simpatizantes do discurso proferido.

O psicanalista Christian Dunker, em entrevista ao *Jornal Nexo* salienta que um discurso é muito mais do que um conjunto de teses que alguém defende ou representa. Ele explica que um “discurso compreende os efeitos de reprodução e reverberação do que alguém diz autorizando, incitando ou, por outro lado, reprimindo ou deslocando afetos e disposições de ação” (CORSALETE, 2018). Ao avaliar a linguagem digital em redes sociais virtuais Christian Dunker observa que o discurso de ódio compreende desde os comentários que o indivíduo gera até o conjunto de efeitos, e é caracterizado pela “criação

de inimigos, valorização de armas ou violência, uso de provocação e desqualificação, ataque contra instâncias de mediação” (CORSALETE, 2018). Para ele, esta prática “incita efeitos que a psicanálise situa no campo do imaginário, caracterizado pelas paixões de ódio ou fascinação, assim como espelhamento e inversão simétrica” (CORSALETE, 2018).

Realizada esta distinção conceitual, incorremos em um novo questionamento: a manifestação de ódio, em qualquer que seja o ambiente, pode ser tolerada enquanto exercício da liberdade de expressão?¹⁸. Aparentemente, vislumbramos uma resposta decisiva, porém, neste debate, existe uma dicotomia de posicionamentos de diferentes vieses ideológicos entre os que defendem limites à liberdade de expressão e os que rejeitam qualquer intervenção sob a alegação do direito à manifestação do pensamento. Nesse sentido, de um lado surge o paradoxo da tolerância proposta pelo filósofo Karl Raimund Popper (1902-1994) e de outro a defesa irrestrita da liberdade de expressão defendida pelo economista e filósofo liberal John Stuart Mill (1806-1873).

Popper parte do pressuposto que é inaceitável admitir qualquer tipo de intolerância e, por isso, ser condescendente pode resultar em uma ilimitada flexibilidade, e quando a sociedade se torna por demais permissiva, a democracia é corroída e a sociedade ameaçada de ser dilacerada. Desta forma, Popper alerta para os rumos das sociedades cuja tolerância é irrestrita por acreditar que a ausência de limites pode levar a supressão total de qualquer forma de tolerância visto que inexistindo limites, os intolerantes seriam capazes até mesmo de dilapidar as sociedades democráticas e, conseqüentemente, a própria noção de tolerância. Finalmente argumenta que o uso da força deve ser aplicado em casos extremos como em situações que visem à abolição de enunciados intolerantes.

Em contrapartida a filosofia liberal de Stuart Mill germinada no contexto das Revoluções Burguesas do século XVII considera que a liberdade de expressão é um direito fundamental e individual. Porquanto, é na capacidade de se expressar que reside a capacidade de emitir sentimentos, pensamentos, opiniões, apresentando a terceiros seus valores e crenças. Stuart Mill (1963) acredita que somente através do diálogo o homem pode cooperar para a construção do saber e diante desta ponderação considera que todo e

¹⁸ Reconhecemos também o macro debate em torno dos limites conceituais e práticos de direitos impostos pela democracia liberal aos cidadãos. Compreendemos que as liberdades democráticas, estabelecidas como benesses criadas pela burguesia do século XVIII são relativas e não provocam mudanças na estrutura de poder. Ainda assim, este trabalho está orientado nos princípios que norteiam o Estado Democrático de Direito ao qual o Brasil está submetido.

qualquer discurso, inclusive os mais radicais, deve ser livre, pois se trata da livre manifestação do pensamento, princípio básico para o bem-estar da sociedade.

Considerado um crítico percussor do “politicamente-correto”, Stuart Mill questiona o ideal democrático acusando-o de “tirania da maioria” e por isso mesmo muito mais perigoso quando aplicado na defesa do *status quo*. Segundo sua reflexão, esta prática desestimula outras pessoas a manifestarem opiniões contrárias muito mais do que utilizado por rebeldes, uma vez que estes são marginalizados por definição. Nos tempos atuais, essa sua percepção poderia ser compreendida como discurso de ódio.

Advogamos, pois, que proferir discurso de ódio é uma da maneira de abusar do direito à liberdade de expressão e por isso é preciso combatê-lo sem violar o princípio democrático das garantias. Diante destes dois posicionamentos, consideramos a importância do paradoxo da tolerância popperiano no sentido de refutar qualquer possibilidade de práticas intolerantes uma vez que expressar intolerância não deve ser considerado exercício da liberdade de expressão. Por isso, impor limites é certamente mais razoável do que permitir a livre disseminação de enunciados intolerantes que acarretam em consequências psicológicas e físicas às vítimas. Dessarte é preciso combater a intolerância de modo a impedir a destruição de valores democráticos como na contemporaneidade.

Do leque de direitos fundamentais da pessoa humana surgidos das revoluções liberais, a liberdade de expressão ocupa a primeira dimensão. A Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 destaca no 11º artigo que a comunicação de pensamento é livre, todavia, os excessos serão observados. Já a Declaração dos Direitos Humanos de 1948, no artigo 19º, considera que todo cidadão tem direito à liberdade de opinião e expressão, e o artigo 24º pondera que a fim de assegurar reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades dos outros e do bem-estar de uma sociedade democrática, todo ser humano estará sujeito às limitações determinadas pela lei.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, nos artigos 5º, incisos IV e IX, e 220º, é bastante clara ao consagrar a liberdade de expressão como direito fundamental à livre manifestação do pensamento individual. O artigo 5º, inciso IV, dispõe que “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato” (BRASIL, 1988). Já o 220º artigo da Carta Magna estabelece que “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição” (BRASIL, 1988).

A Constituição Liberal, no entanto, assegura que o cometimento do abuso que transgride os preceitos legais e limites impostos por normas coletivas é passível de sanção judicial. O cidadão brasileiro é livre para expressar tudo que deseje desde que não esbarre no respeito à opinião do outro e na integridade moral. Por conseguinte, o cidadão brasileiro não é livre para difamar, caluniar, violentar ao ponto de causar desordem e prejudicar o efetivo funcionamento do Estado Democrático de Direito.

Combinados às particularidades da política brasileira recente, a intolerância se irrompeu amparada na concepção de indivíduos que acreditam dominar uma suposta verdade e idealizam um mundo livre das diferenças. Acobertados pelo elemento indissociável do princípio democrático reivindicam a liberdade de expressão para manifestar suas visões de mundo, legitimar práticas contra minorias e vulneráveis sociais e censurar oponentes. Com efeito, a intolerância pregada pela extrema-direita tornou-se uma plataforma política expressada em ódio de classe social, xenofobia e naturalização do racismo e da homofobia.

2.4 Das Jornadas de Junho em diante

Apesar do leque de interpretações sobre os significados das Jornadas de Junho, alguns estudos apontam a centralidade deste evento para o rumo do Brasil atual. No espectro político à esquerda a disputa de narrativa ainda em curso ocorre essencialmente entre pensadores próximos ao PT que sustentam a tese sobre a qual os protestos sem liderança constituíram a causa do golpe parlamentar de 2016 e da ascensão da extrema-direita na qual se insere o sociólogo Jessé de Souza (2016; 2017) e a versão que credita a Junho de 2013 um momento aglutinador de uma série de reivindicações por mais democracia, contra o neoliberalismo em continuidade às lutas históricas e autônomas desta última virada de século como sugere a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2019).

Na perspectiva da segunda corrente, acreditamos, pois, que as Jornadas de Junho contribuíram para potencializar a extrema-direita brasileira numa espécie de encorajamento e não como provocador deste novo cenário. O crescimento da direita brasileira não pode ser reduzido à catarse coletiva do “Gigante Acordou”, quando, em resumo, as bases para essa reorganização foram lançadas desde a década de 1980¹⁹. A grande novidade dos

¹⁹As bases do conservadorismo brasileiro são discutidas por Rene Dreifus (1989) na obra *O Jogo da Direita*.

tempos atuais decorre da intensidade na qual se deu o progresso da direita neoconservadora com a importante contribuição da *internet*, notadamente, as plataformas digitais.

Considerando o ano de 2013 como recorte histórico marcado pelo retorno das manifestações de massa, compreendemos que o cenário constatado nas eleições de 2018 decorre da disseminação do medo e da conseqüente naturalização do discurso de ódio em meio a uma difusa conjuntura preenchida por um julgamento sumário provocador de rupturas nas esferas da sociabilidade. Esta realidade foi captada por uma pesquisa²⁰ realizada às vésperas das eleições na qual foi identificada no Brasil uma tendência mundial demonstrando que os brasileiros estavam menos tolerantes que há 10 anos. Os dados do levantamento revelaram que 62% dos brasileiros acreditava que o país estava mais polarizado, dos quais 54% atribuíram a tensão política como motivo.

Surgida de uma pauta unitária contra o aumento do valor das tarifas do transporte público na cidade de São Paulo e dirigida de forma autônoma e horizontal pelo Movimento Passe Livre (MPL), na cobertura midiática as primeiras manifestações se resumiam a um bando de “arruaceiros” sem causa. À medida que a Polícia Militar aumentou a repressão, as manifestações cresceram e se espalharam pelas principais cidades brasileiras e de “manifestação de arruaceiros” foi canalizada pela grande mídia como um movimento pacífico legítimo do povo brasileiro. O episódio dessa virada ficou marcado entre o comentário²¹ do jornalista Arnaldo Jabor na edição de 12 de junho de 2013 do *Jornal Nacional*, que tentou deslegitimar as manifestações por inexistir motivos para reivindicar míseros 20 centavos, e sua remissão em artigo publicado no *Jornal O Globo* no dia 17 de junho de 2018 em que ele classificou de “avaliação precoce” o seu comentário anterior e passou então a enxergar nos protestos uma força política original até mesmo maior que “os caras pintadas” que pressionaram pelo *impeachment* de Fernando Collor em 1992.

A antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2019) endossa essa tese revelando em seu livro *Amanhã vai ser maior* que diante dos casos de violência policial sofrida por seus jornalistas, a mídia hegemônica viu a oportunidade para introjetar suas pautas e ao denunciar a brutalidade policial provocou uma comoção nacional que levou mais pessoas às ruas. Assim, em meio à adesão de uma parcela da sociedade até então ausente do debate na esfera pública, a mídia substituiu os sentidos negativos de tumultos, prejuízos e trânsito

²⁰ “Brasileiros se veem menos tolerantes e mais divididos que há dez anos, diz pesquisa”. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/04/23/brasileiros-se-veem-menos-tolerantes-e-mais-divididos-que-ha-dez-anos-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em 03 mai 2019.

²¹ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/passe-livre-vale-mais-8717407>>. Acesso em 04 mai 2019.

afetado por “bandeiras genuínas” da população brasileira como a redução da maioria penal, a derrubada da PEC 37 e a luta contra a corrupção na política.

Já no dia 20 de junho de 2013 foi possível identificar a mudança de comportamento do público e como pontua Pinheiro-Machado (2019) esta data foi única na história do Brasil, por colocar em marcha *pari passu* polos antagônicos. O apoio midiático à mensagem de apartidarismo foi compreendido como antipartidarismo representado pelas expressões “Sem Partido” ou “Minha bandeira jamais será vermelha” e a chance de transformar as manifestações como “uma crítica pura e simples à corrupção do PT constituíram uma janela de oportunidade para as elites se apropriarem das ruas” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p.37). A antropóloga pontua que muitas das frases exibidas pelos manifestantes foram apoderadas pelas elites na formatação do antipestimo.

No mesmo junho de 2013 o Brasil sediava a Copa das Confederações e no ano seguinte sediaria a Copa do Mundo de Futebol, seguido das Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro em 2016. Conhecendo as exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA) para a construção dos estádios, uma parcela dos manifestantes passou a contestar o investimento de recursos nos megaeventos esportivos que privilegiavam o setor privado, a reivindicar melhores serviços públicos e a impulsionar gritos nas ruas e *hashtags* nas redes sociais virtuais como o “Não vai ter Copa” ou “Queremos padrão FIFA” para pleitear maiores investimento em saúde e educação de igual maneira a entidade máxima do futebol exigia para as praças esportivas.

Nesse ínterim, a desconfiança e repulsa à política se materializaram em aversão ao “vermelho” e as organizações associadas à esquerda (partidos, movimentos sindicais, sociais e estudantis, além das figuras políticas) foram amplamente rechaçadas. Enquanto isso se cultuava o apartidarismo hasteado na bandeira do “meu partido é o Brasil” e se fincava a luta da “nova política” contra a sujeira da “velha política”, sentimentos captados pela candidatura de Jair Bolsonaro em 2018. Ao anunciar o êxito na pauta original, o MPL se retirou das manifestações que àquela altura caminhava em direção à formação da base social da extrema-direita, alastrando-se por todo o país.

Defensor da primeira corrente de pensamento, Jessé Souza (2016; 2017) argumenta que as decantadas jornadas de junho possibilitaram “uma nova narrativa para a direita e seu público” (SOUZA, 2016, p.98-99). O autor sustenta que a ascensão social das pessoas menos favorecidas durante os governos petistas criou um medo generalizado na classe média que viu ameaçado os seus espaços exclusivos e ansiava travestir o ódio e o desprezo

de classe. Nesse sentido, o sociólogo argumenta que faltava então, uma narrativa adequada para justificar o irracional discurso e um líder carismático, encontrados respectivamente na Operação Lava Jato com o “moralismo típico do combate seletivo à corrupção” (SOUZA, 2016, p.86) e no juiz Sérgio Moro com sua estética e moral.

Souza (2016) anotou que o potencial político das manifestações foi percebido pelo “partido da elite do dinheiro” e a manipulação midiática federalizou os protestos e criou a estética e moral do movimento antigoverno federal. O rito se baseou no apelo ao verde e amarelo da bandeira brasileira, na camisa da seleção dirigida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e no cantar o hino nacional pelas “famílias de classe média com perfil de renda alta” (SOUZA, 2016, p.91). Nas palavras dele, as Jornadas de Junho resultaram na

reconstrução, repaginada e turbinada – uma espécie de versão 2.0 – de um ator político velho e bem conhecido da história brasileira: a fração da classe média moralista e conservadora, que sempre desprezou e odiou os pobres (SOUZA, 2016, p.100).

Por outro lado, na visão da antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2019), a Revolta dos 20 centavos deve ser explicada com base em fatos sociais que antecederam a eclosão do *boom* das manifestações no Brasil de 2013. Para ela, ainda que inconclusivos, existem cinco processos fundamentais para entender as Jornadas de Junho. Primeiro o surgimento de cidadãos que queriam mais, uma vez que a ascensão econômica implicou no surgimento de pessoas mais críticas e exigentes. O segundo aspecto seria a criação de filhos rebeldes nascidos no novo Brasil no qual negros, pobres e indígenas que acessaram o ensino superior promoveram um abalo nas estruturas elitistas brasileiras.

Em seguida a estudiosa relata a esperança precária cuja política de inclusão econômica foi privilegiada em relação ao cuidado dos bens públicos e a despeito da mobilidade social, o lulismo deixou pelo caminho contradições sociais e lacunas democráticas. Também cita os órfãos da governabilidade surgidos após os escândalos do mensalão e a guinada lulista pela governabilidade em que apoiadores petistas ficaram à deriva e ao se sentirem traídos, abandonaram o interesse político e mudaram de partido ou mesmo de espectro ideológico. Por fim, a antropóloga descreve o recalque das elites diante da perda gradual dos privilégios e do processo de insubordinação das camadas populares.

Apontando para a necessidade de um olhar mais generoso, Pinheiro-Machado (2019) entende que as Jornadas de Junho foram as maiores marchas já ocorridas no Brasil cujas multidões em variados locais reivindicavam melhores bens públicos e se colocavam contra os abusos corporativos e a violência de Estado praticada para garantir a realização

da Copa do Mundo. Ela observa, no entanto, que a compreensão das jornadas perpassa pelo entendimento de um processo que não começou e tampouco terminou em apenas um dia. Além disso, sem incorrer na negação da importância da cidade de São Paulo no processo de mobilização, Pinheiro-Machado (2019) alerta que é preciso ampliar a narrativa focada na capital paulista para não pensar as manifestações como uma marcha sem foco que reuniu multidões despolitizadas.

No entendimento dela, mesmo sob forte repressão policial, além da pauta pelo transporte público gratuito e de qualidade, milhares de pessoas em diversas capitais brasileiras protestaram por mais segurança para pedalar, contra a construção da Usina de Belo Monte, levantaram bandeiras feministas, LGBTQI+ ou ainda expressaram indignações singulares de cada localidade. Segundo ela, esse cenário se somou a uma série de eventos registrados desde o início do ano como as manifestações contra o aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre ou a radicalização, registrada desde março, contra os impactos da Copa do Mundo nas comunidades mais vulneráveis do Rio de Janeiro que resultaram no surgimento de coletivos de luta pela moradia e pelo direito à cidade.

Pinheiro-Machado (2019, p.38) defende que “as jornadas não foram as causas da tragédia nacional. Ao contrário, elas traziam reivindicações essencialmente antiautoritárias”. Para ela, além disso, Junho de 2013 deixou como legado uma onda de “ocupações estudantis, a multiplicação de coletivos descentralizados, a explosão do ativismo feminista, LGBTQI+ e antirracistas nas gerações mais novas” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p.38), reunindo crítica de representação e a defesa dos direitos sociais. Por tudo isso e em busca de uma reparação com o que considera uma injustiça histórica, a antropóloga rejeita a tese simplista que retrata as Jornadas de Junho como “marchas de coxinhas que produziram o golpe”.

O tensionamento pós-2013, porém, foi fundamental para despontar o ódio das elites às diferenças, isto porque “o poder sobre o qual o Brasil se estruturara por cinco séculos estava sendo minimamente ameaçado” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p.32). O conservadorismo brasileiro aflorou na medida em que os privilégios das elites se reduziam e como resposta à afronta da distribuição de renda, à mobilidade socioeconômica das classes mais baixas e ao avanço da sociedade em temas referentes a valores morais como a questão da sexualidade, direitos da mulher e dos homossexuais.

Na tentativa de atender as pautas das mobilizações, o Congresso Nacional votou pela rejeição da PEC 37 e a presidenta Dilma Rousseff (PT) propôs um pacto contendo

cinco pontos para contemplar algumas bandeiras reivindicadas: Reforma Política para combater a corrupção e enquadramento desta prática como crime hediondo, cuja orientação seria determinada por um plebiscito; transporte público de qualidade; Responsabilidade Fiscal; melhoria na saúde pública com a criação do programa “Mais Médicos” e a destinação de 100% dos recursos do Pré-Sal para a educação. Contudo, o desprezo das elites por políticas públicas foi fundamental para a rejeição das propostas e estabelecer o esgotamento do ciclo político de conciliação de classe adotado pelo PT desde a Carta ao Povo Brasileiro lançada em 2002 para chegar ao poder.

Nos anos seguintes aconteceu o que Pinheiro-Machado (2019) chamou de “acordo precário” entre as forças de uma antiga direita e a extrema-direita em ascensão. O ponto de partida ocorreu com a execração pública da presidenta Dilma Rousseff, hostilizada na abertura da Copa do Mundo em 2014. Daí por diante os grupos ditos apartidários como o Movimento Brasil Livre, Revoltados Online, Vem Pra Rua, entre outros, apareceram com grande força mobilizadora e vital importância na ascensão da “nova política” defendida pela extrema-direita e nas manifestações *pró-impeachment* arquitetadas pelas elites econômicas e políticas.

Os ataques iniciados durante a Copa do Mundo de 2014 perdurariam até a queda da presidenta em abril de 2016. Antes, todavia, Dilma Rousseff sairia vencedora das eleições de 2014 com uma pequena margem, mas o seu principal adversário, Aécio Neves (PSDB) custou a reconhecer o resultado das urnas ao pedir auditoria da votação²² e ensaiou os primeiros passos pelo *impeachment* da recém-eleita²³. Dilma Rousseff, por sua vez, como ressalta a antropóloga Pinheiro-Machado (2019, p.39) “não tardou em adotar uma agenda contrária, em direção a mais austeridade” e convidou o banqueiro neoliberal Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda, responsável por conduzir o ajuste fiscal nas contas públicas na tentativa de reduzir o déficit estrutural. Mesmo assim, as elites não se deram por satisfeitas e continuaram pressionando o governo da petista.

Por seu turno, a Operação Lava-Jato iniciada em março de 2014, além de catalisar a mobilização popular, absorveu a difusa compreensão da corrupção política do imaginário popular e desempenhou papel fundamental na construção da “violência simbólica necessária para a retirada do inimigo de classe do comando” (Souza, 2016, p.119). O

²² Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,psdb-de-aecio-neves-pede-auditoria-na-votacao,1585755>>. Acesso em 04 mai 2019.

²³ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/em-convencao-aecio-diz-que-dilma-nao-concluira-mandato-faz-apelo-por-unidade-no-psdb-16667961>>. Acesso em 04 mai 2019.

Estado Policial constituído pela “República de Curitiba”, numa alusão a um novo país livre da corrupção política, vazava criteriosamente para grande mídia informações e depoimentos das delações premiadas que “manipulava e incendiava seu público com os jogos de dramatização e demonização do inimigo” (Souza, 2016, p.123).

Sintonizada com o resultado das eleições de 2014 que demarcou o crescimento da bancada conservadora no Congresso Nacional (BEDINELLI, 2014)²⁴, em março de 2015 a direita tradicional brasileira, naquele momento liderada pelo PSDB e DEM, aliada a frações da burguesia nacional e aos novos grupos “apartidários”, em especial o MBL, que conduzia o ritmo de ataques nas redes sociais virtuais, convocou a população brasileira a retomar os protestos de rua e os ataques nas redes sociais virtuais, exigindo uma faxina moral na política do país e a saída da presidenta. Daí por diante, cinco grandes manifestações atestadas por “*selfies*” com policiais cumpriram o papel de apelo popular e perduraram até às vésperas do *impeachment* concretizado com o afastamento da presidenta pela Câmara dos Deputados em 17 de abril de 2016.

O Brasil registrou, então, pouco mais de um ano de protestos centrados no discurso da moralidade seletiva de combate à corrupção política, na defesa da meritocracia no combate às regalias dos “vagabundos” beneficiários do programa Bolsa-Família e na nostalgia ao “meu país de volta”. Sincronicamente, a extrema-direita rebaixou o debate público e inundou as redes sociais virtuais com *fake news* e *memes* envoltos por uma linguagem vulgar com o propósito de moldar o comportamento das massas como um vírus que contagiou diferentes extratos sociais.

2.5 Contexto sociodiscursivo e facetas do ódio nas redes sociais virtuais

Inegavelmente, o ciberespaço foi transformado em um ambiente de disseminação do discurso de ódio promovido pela extrema-direita. Segundo revelou a Organização Não Governamental SaferNet que atua na promoção dos Direitos Humanos na *internet*, em

²⁴ A Bancada Conservadora é um agrupamento da chamada Bancada BBB (Bala, Boi e Bíblia) que atua no Congresso Nacional constituída por deputados federais representantes da Polícia, do Agronegócio e dos Evangélicos. Em 2014 o número de deputados oriundos destes segmentos de ampliou consideravelmente e tornou o parlamento brasileiro ainda mais reacionário e conservador.

reportagem publicada na BBC Brasil²⁵ o número de denúncias relacionadas à intolerância e a discurso de ódio mais que dobrou durante o período oficial da campanha de 26 de agosto a 28 de outubro de 2018 registrando 39.316 casos comparados aos 14.563 anotados entre 1º de julho e 6 de outubro de 2014. Do volume total anotado em 2018, 13.999 denúncias foram relacionadas somente ao discurso de ódio na *internet*.

Os dados do levantamento mostram que, apenas no 2º turno da eleição presidencial de 2018, as denúncias com teor de “xenofobia cresceram 2.369,5%, de apologia e incitação a crimes contra a vida, 630,52%, de neonazismo, 548,4%, de homofobia, 350,2%, de racismo, 218,2%, e de intolerância religiosa, 145,13” (MESQUITA, 2018), majoritariamente oriundas do Facebook. Enquanto no dia da votação em primeiro turno foram registradas 109 denúncias de xenofobia, no dia seguinte esse número aumentou 46 vezes e chegou a 5.163 casos denunciados. Conforme o relatório da ONG, o estrondoso crescimento de manifestações xenófobas ocorreu devido à expressiva votação que a população nordestina dedicou ao candidato petista, impossibilitando a vitória do candidato da extrema-direita, ainda no primeiro turno.

Apesar de não representar a totalidade do que ocorreu no período da campanha eleitoral, já que a ONG apenas recebeu denúncias de pessoas dispostas a acessar a plataforma, além de existir outros canais de denúncias, o levantamento, entretanto, corrobora para constatar o cenário descrito nesta pesquisa visualizado nas redes sociais virtuais durante as eleições. Os elementos identificados nos discursos estão em conformidade com Almeida (2018) e indicam que os neoconservadores brasileiros se alimentam do ódio e refutam o princípio da dignidade da pessoa humana.

Como destacado anteriormente, o ódio foi utilizado como estratégia política pela extrema-direita com êxito e o resultado foi alcançado com a vitória eleitoral. A questão que se coloca então é: quais são os marcadores presentes nos discursos da extrema-direita no período citado? Para responder a esta indagação, apresentamos de forma cronológica o contexto sociodiscursivo das reações discursivas que serão examinadas posteriormente.

O incêndio que destruiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, ocorrido no dia 03 de setembro de 2018, foi o primeiro acontecimento dentro do período eleitoral a movimentar as redes sociais virtuais. Na perspectiva do campo progressista a tragédia teria sido causada em consequência da ausência de manutenções decorrentes da redução dos

²⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46146756>. Acesso em 21 mai 2019.

repasses de recursos federais para o equipamento público enquanto que a extrema-direita incriminou a reitoria da UFRJ (Universidade responsável pelo gerenciamento do Museu) supostamente pelo fato de na administração ter pessoas filiadas ou ligações com partidos de esquerda. No mesmo dia, a jornalista Cynara Menezes postou em sua página no Facebook o link do texto comentando o ocorrido.

Em resposta a um comentário proferido anteriormente por outra pessoa na seção de comentários, o sujeito-internauta 01 rebate um evidente preconceito sofrido por não ter estudado e ao refutar acusa-o de cegueira diante da roubalheira que tomou conta do país. Prossegue o seu argumento afirmando que vive à custa do próprio trabalho diferentemente do seu acusador que precisa da ajuda dos políticos corruptos já que não consegue caminhar com a própria perna. Finaliza o comentário de forma pejorativa afirmando que inteligente seria somente o eleitor do presidiário, numa referência ao ex-presidente Lula. Neste contexto temos um exemplo do preconceito contra as políticas distributivas que alteraram as estruturas das classes sociais brasileiras.

Frente ao forte apelo religioso que dominou a campanha, Cynara Menezes ousou tocar no assunto com maior profundidade em texto publicado no dia 20 de outubro de 2018 ao publicar em sua página no Facebook link direcionado para seu Blog cujo conteúdo revelava que o cristianismo pregado por Jair Bolsonaro, Silas Malafaia, Marcos Feliciano e “et caterva” se tratava de fundamentalismo bem distante das práticas cristãs. A reação dos neoconservadores foi imediata e ao refutar a publicação da jornalista o sujeito-internauta 2 escreveu que as ideias dela não correspondiam aos fatos narrados na Bíblia. Questionou ainda se a escritora teria subido ao céu para perguntar a Jesus Cristo se ele gostaria de ser chamado de gay, travesti, viado ou bicha e qual teria sido a resposta obtida. No entanto, em nenhum trecho do texto a jornalista faz esta comparação, demonstrando que o sujeito-internauta 2 comenta imbuído de uma conceituação já estabelecida.

Na mesma postagem o sujeito-internauta 3 se diz cristão, eleitor de Jair Bolsonaro, favorável ao armamento da população e contrário a quem apoia o comunismo, o aborto, desrespeita a fé cristã e confunde a formação das crianças. O sujeito-internauta 3 sustenta que amar não significa concordar integralmente e cita que poderia amar os homossexuais sem problema, porém os criminosos teriam que pagar pelos crimes cometidos. Nesse quadro, enxergamos marcas do fundamentalismo religioso, e, enquanto o sujeito-internauta 2 demonstra total aceitação ao discurso pregado pelos “et caterva” sob a égide do amor, o sujeito-internauta 3 insere a homossexualidade em um tipo de crime de menor intensidade

capaz de ressocialização, ressalvando, porém, que criminosos de alta periculosidade devem penalizados, inclusive com a própria vida sob o mote “bandido bom, é bandido morto”.

Véspera do dia da votação, no sábado 26 de outubro de 2018, a estratégia “Vira Voto”, criada na última semana de campanha para convencer as pessoas a não votarem em Jair Bolsonaro, foi o assunto da publicação de Cynara Menezes em sua página do Facebook. A jornalista postou que diversos artistas estavam nas ruas de cidades brasileiras para conversar sobre a importância do voto em Fernando Haddad e na resposta o sujeito-internauta 4 associou a ação com o medo dos artistas em perder os benefícios da Lei Rouanet, uma vez que para ele, estes mesmos artistas nunca haviam protestado contra a corrupção. O comentário do sujeito-internauta 4 expressa um preconceito com a referida lei que fomenta atividades culturais no país e facilita a captação de recursos para patrocínio dos eventos. A manifestação do indivíduo é constituída com base em informações oriundas de *fake news* da categoria fabricação com a intenção de vilanizar artistas que supostamente receberiam recursos para apoiar uma “cultura de esquerda”.

Em 23 de setembro de 2018, a jornalista Eliane Cantanhêde compartilhou o link do seu artigo semanal para o Jornal *O Estado de São Paulo* em sua página no Facebook apresentando uma análise dos números das pesquisas mais recentes cujo debate se centrava na consolidação dos espectros políticos em regiões do país. Conforme Eliane Cantanhêde a direita havia se consolidado entre os eleitores das regiões Sul e Centro-Oeste enquanto a esquerda havia se solidificado no Nordeste. No espaço de comentários o sujeito-internauta 5 demonstrou concordância com os números apresentados argumentando que as regiões lideradas pela direita eram mais dignas do que a região Nordeste que apoiava a esquerda porque um grupo não sonhava e outro só sabia sonhar. Comparando as obras “*O tempo e o vento*” de Érico Veríssimo e “*A pedra do reino*” de Ariano Suassuna o sujeito-internauta 5 ilustrou o seu raciocínio afirmando que o Centro-Oeste era herdeira de um pragmatismo realista enquanto o Nordeste sempre buscou o reino encantado idílico para escapar das angústias. Neste caso, há uma configuração intelectualizada de manifestação xenófoba à região Nordeste, sempre enunciada no estereótipo da seca.

As pesquisas de intenção de voto voltaram a ser analisadas em artigo de Eliane Cantanhêde para o Jornal *O Estado de São Paulo* cujo link do conteúdo foi publicado em sua página no Facebook no dia 25 de outubro, dois dias antes da votação em segundo turno. Com base nos números da sondagem a jornalista sinalizou que havia uma pequena queda na diferença entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad como constatado por outros

institutos. O sujeito-internauta 6, entretanto, preferiu desacreditar a análise da profissional ao afirmar que as urnas sempre foram fraudadas pelo PT igualmente faz o presidente venezuelano, Nicolas Maduro.

Os argumentos do sujeito-internauta 6 são marcados por *fake news* dos gêneros fabricação e manipulação quando afirma que o “PNDS de Lula e da esquerda” estabelece a redução populacional até 2030 com base nos 10 mandamentos da Pedra Guias da Geórgia, além de informações difusas sobre a ação de uma suposta Nova Ordem Mundial, intitulada Globalismo²⁶, e conteúdos oriundos de teorias conspiratórias. O discurso de ódio do internauta 6 reúne, pois, uma mescla de xenofobia, de ignorância política, de subserviência política aos Estados Unidos de igual maneira defende a extrema-direita.

No dia 05 de outubro de 2019 Eliane Cantanhêde voltou a compartilhar em sua página o link do novo artigo para “*O Estado de São Paulo*” abordando o antagonismo entre as candidaturas de Jair Bolsonaro, líder entre os mais ricos e escolarizados, e a Fernando Haddad, líder entre os mais pobres e menos escolarizados. Sem demonstrar surpresa com a estratificação da pesquisa apresentada na postagem, o sujeito-internauta 7 classifica os sem instrução como sendo ignorantes, associa o resultado ao fato deles acreditarem que ficarão rico como Lula e insinua que eles são tão corruptos quanto os dirigentes petistas. Argumenta ainda que devido à possibilidade de provocar questionamentos, os governos do PT não se preocuparam em ofertar educação para a população brasileira. O conteúdo do comentário revela não só o ódio de classe, como também desconhecimento sobre os anseios dos menos favorecidos.

Percebendo a vitória de Jair Bolsonaro, no dia 21 de outubro de 2018 Eliane Cantanhêde postou link do seu artigo semanal analisando o cenário de caça às bruxas no Itamaraty e a linha da política externa adotada pelo virtual novo governo. Na seção de comentários o sujeito-internauta 8 demonstrou concordância com a nova postura governamental e escreveu que aguardava o momento para ver acabar o uso de expressões recorrentes como políticas públicas, fascistas, homofobia e divisão de classes que, na compreensão dele, são termos nascidos da esquerda que coloca uns contra os outros. A argumentação do internauta perpassa por palavras e elementos que constituem o discurso de ódio, além de demonstrar desprezo pelas minorias.

²⁶ Globalismo é uma expressão empregada pela extrema-direita para se referir a um projeto ideológico e conspiratório supostamente promovido pela esquerda em uma nova reconfiguração do Marxismo Cultural.

Compreendido como um marco das eleições presidenciais, o fatídico acontecimento na tarde de 06 de setembro de 2018 mudou os rumos da disputa. Em um ato de campanha o candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro, realizava uma caminhada pelas ruas do centro da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, quando foi atingido por uma facada proferida por um indivíduo em meio à multidão de seguidores. Imediatamente após a notícia do ocorrido se espalhar pelas redes sociais virtuais, teorias da conspiração surgiram centradas em três eixos principais: os apoiadores do candidato acusavam o esfaqueador de ter agido a mando da esquerda e a esquerda se dividia entre acreditar que o criminoso teria atuado por princípios religiosos, como ele mesmo havia dito no momento de sua prisão, e acreditar que o acontecimento seria uma armação de Jair Bolsonaro para criar uma sensibilização em torno do candidato que naquele instante estagnava na disputa eleitoral.

Na postagem do dia 06 de setembro de 2018 o jornalista Leonardo Sakamoto publicou um link direcionando para o texto que havia publicado em seu Blog contendo a análise sobre o atentado, cuja tese defendia a inauguração de uma nova etapa na violência política. Nos comentários à postagem, o sujeito-internauta 9 argumentou que a ação teria sido praticada a mando da esquerda associando o fato a uma normalização da baderna cometida pela esquerda, especialmente pelas lideranças que apoiam invasões de terras e imóveis, fechamento de rodovias e protestos com queimas de ônibus e pneus. Neste episódio temos um exemplo de como o discurso de ódio banalizou qualquer tipo de manifestação e criminalizou as reivindicações por direitos sociais.

Nos dias seguintes a este evento o debate centralizou-se sobre a ausência do candidato na campanha e o impacto do episódio sobre as pesquisas de opinião. A cada nova sondagem os números apontavam o crescimento de Jair Bolsonaro e as dificuldades de crescimento da candidatura petista que, paralelo ao acontecimento, substituiu Lula pelo ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, devido à inelegibilidade do ex-presidente²⁷.

Os protestos pluripartidários intitulados “#EleNão”²⁸ foram temas da postagem de Leonardo Sakamoto datada de 30 de setembro de 2018 em sua página no Facebook. O jornalista buscou responder às inúmeras *fake news* da categoria manipulação em formato

²⁷ Devido à condenação em segunda instância na Operação Lava Jato, Lula foi enquadrado na Lei da Ficha Limpa e considerado inelegível pela Justiça Eleitoral. Mesmo preso, foi lançado candidato pelo PT.

²⁸ Liderada por mulheres e proposta no grupo "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro" no Facebook, a manifestação intitulada #EleNão aconteceu no dia 29 de outubro de 2018 em milhares de cidades brasileiras e em diversos países com o objetivo de repudiar as declarações públicas do presidente Jair Bolsonaro. Movimentos feministas, sociais, sindicais, partidos de esquerda, apoiadores de candidatos da direita tradicional e do centro político também estiveram nas ruas. O nome da manifestação surgiu da utilização da hashtag #EleNão criada em substituição ao nome de Jair Bolsonaro, considerado impronunciável.

de imagens que foram compartilhadas como reação à mobilização das mulheres contra o candidato Jair Bolsonaro. Ao contestar a argumentação contida no texto o sujeito-internauta 10 expressou sua visão afirmando que o evento fora marcado por drogas e libertinagem e, por isso, ele estaria trilhando o caminho certo, isto é, da família e de Deus.

O enunciado do sujeito-internauta 10 reproduz a falsa narrativa criada pela extrema-direita para deslegitimar a manifestação contra as práticas discursivas machistas, misóginas e homofóbicas a uma semana da votação em 1º Turno. O fundamentalismo religioso e o conservadorismo moral vieram à tona com a grotesca manipulação das imagens e a edição de vídeos, associando o ato das mulheres à orientação sexual e desrespeito aos valores cristãos, conformaram uma violenta reação, especialmente dos segmentos mais religiosos que apoiavam a candidatura da extrema-direita.

O aumento da violência prevista por Leonardo Sakamoto após o episódio da facada foi confirmado na noite do domingo de votação quando o mestre de capoeira Romualdo Rosário da Costa, conhecido como Moa do Katendê, foi morto em um bar localizado na região central de Salvador por ter declarado voto em Haddad. Na postagem do dia 11 de outubro de 2018 o jornalista compartilhou o link do texto publicado em seu Blog sugerindo que uma parcela dos apoiadores de Jair Bolsonaro havia entendido que a vitória em primeiro turno seria um salvo-conduto para o ódio reprimido.

No comentário, sujeito-internauta 11 minimizou o acontecimento intitulado-o de alarmismo bobo se comparado com o assassinato de 60 mil pessoas assassinadas anualmente no Brasil conforme explica. Prosseguiu em defesa do argumento recorrendo ao sarcasmo para comparar o posicionamento do jornalista com os programas policiais que espetacularizam a violência. No entendimento do sujeito-internauta 11 a esquerda seria incoerente ao condenar o espetáculo midiático dos programas jornalísticos que julgam os criminosos e pedem justiça para as vítimas, porém, se assusta diante de casos que atingem a sua “turminha”. Neste comentário, há a banalização da violência expressa no “bandido bom, é bandido morto” e a sua aceitação desde que seja para oprimir pessoas de esquerda.

Faltando poucos dias para a votação em segundo turno o clima de hostilidade aumentou consideravelmente nas redes sociais virtuais, principalmente devido ao comportamento do candidato da extrema-direita que, em uma *live* (transmissão de vídeo ao vivo via *internet*) para seus eleitores que promoviam um ato em apoio à candidatura na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, prometeu expulsar os vermelhos do país, numa referência aos militantes de esquerda. O assunto foi pauta da análise desenvolvida por

Leonardo Sakamoto e postada em sua página no Facebook no dia 22 de outubro de 2018. O texto gerou diversas reações entre as quais o comentário do sujeito-internauta 12 que pontuou a necessidade de colocar limites na mídia, uma vez que a mídia havia abusado da parcialidade e da sua potencialidade influenciadora. Neste trecho, o comentário do internauta 16 expressa concordância com o radicalismo antidemocrático do candidato que enxerga a mídia como inimiga.

Ao analisar o que ele considerou efeitos contraproducentes dos protestos “#EleNão”, o jornalista Reinaldo Azevedo compartilhou em sua página no Facebook no dia 03 de outubro de 2018 o link do texto publicado em seu Blog no qual sugeria que a manifestação não alcançou êxito porque imagens ousadas invadiram os templos religiosos numa alusão às *fake news* da categoria manipulação de imagens que circularam naquele dia. Nos comentários o internauta 13 se dirigiu a outra pessoa para explicar que concordava com a importância da valorização da mulher, no entanto, ressaltou que os referidos protestos desrespeitavam a tudo e a todos devido às cenas de exibicionismo e atos reprováveis. Igualmente ao comentário proferido pelo seu antecessor, o sujeito-internauta 13 assume o discurso produzido pela extrema-direita no intuito de deslegitimar o amplo movimento. Apesar de uma resposta supostamente ponderada, o comentário descortina a reprodução do machismo por uma mulher que também contesta a prática política das feministas.

A questão ambiental foi pautada por Reinaldo Azevedo em postagem do dia 17 de outubro de 2018 ao revelar o provável comandante dos Ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente (ambos seriam fundidos) em uma eventual vitória de Jair Bolsonaro. O jornalista questionava a pretensão do suposto futuro ministro de tirar o Brasil do Acordo de Paris e indicava as prováveis consequências que o ato poderia gerar como sanções e indisposições com a comunidade internacional. Em resposta à colocação do jornalista, o sujeito-internauta 14, assim como outros já observados, utilizou-se de *fake news* marcada por características dos gêneros fabricação e propaganda para sustentar a defesa da retirada do Brasil do acordo climático.

Desta vez, entretanto, esta *fake news* que nega o aquecimento global chegou ao Brasil depois de alcançar uma amplitude mundial. O sujeito-internauta 14 reproduz informações conspiratórias dentre as quais já teriam se passado mais de 20 anos da falácia do aquecimento global, e sem qualquer mudança perceptível, ao contrário, as geleiras do Polo Norte cresceram, e o próprio planeta produziria 400 vezes mais gases constituidores

do efeito estufa do que as ações humanas. Neste ponto, verificamos como o discurso populista da extrema-direita atingiu inúmeras pessoas e rebaixou um debate de fundamental importância para a sobrevivência do planeta.

Com os resultados das pesquisas sugerindo a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, no dia 19 de outubro de 2018 Reinaldo Azevedo postou o link do seu artigo publicado no Jornal “*Folha de São Paulo*”. No texto, o jornalista convidava Jair Bolsonaro a aprender a vencer, parar com o vitimismo e assumir uma nova postura condizente com o papel de futuro presidente do país. Em reação à postagem o sujeito-internauta 15 questionava a suposta mudança da cobertura midiática que naquele instante deixava de abordar crime, fome, desemprego e a pornografia que o PT estaria propagando para se manter no poder.

No espaço de comentários desta postagem o sujeito-internauta 16 divulgou uma *fake news* que mescla as categorias fabricação e manipulação ao compartilhar uma notícia do portal G1 que denunciava a existência de mais de 500 mil funcionários públicos recebendo o benefício do Programa Bolsa Família. Junto ao link o internauta 16 comentou que mais de um milhão de petistas estariam recebendo o benefício dos quais 585 mil eram funcionários públicos, totalizando um rombo de R\$2,6 bilhões aos cofres públicos. Assim, segundo o sujeito-internauta 16, Dilma e Lula defenderiam o Bolsa Família não por causa dos necessitados, mas para garantir um milhão de militantes e cabos eleitorais pagos com dinheiro do contribuinte. Nestas duas reações discursivas, percebemos como o discurso de ódio moldou a opinião de dois indivíduos que manifestaram preconceitos e intolerância contra a expressão “militante”, contra o funcionalismo público e contra os supostos crimes cometidos pelo PT expressado no aumento dos crimes, da fome, do desemprego e propagação da pornografia.

Desenvolvido este exercício reflexivo de contextualização do *corpus* da pesquisa acreditamos ter respondido as colocações apresentadas anteriormente. Ao longo das amostras coletadas foi possível identificar inimigos em comum, verbos nucleares que balizam o discurso de ódio e, em conformidade com Brugger (2007 *apud* SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015), verificamos que a maior parte dos comentários são reproduções enquadradas na segunda linha, operacionalizadas por apoiadores das ideias.

Mais adiante aprofundaremos a discussão do *corpus* aplicando o modelo conceitual da Teoria Semiociológica para identificar marcadores e elementos que compõem o imaginário sociodiscursivo neoconservador. Em conformidade com a Teoria Semiociológica averiguaremos as estratégias discursivas, os modos de organização do

discurso pelos sujeitos da linguagem, o contrato de comunicação, as visadas dos atos linguageiros na perspectiva de desvendar o efeito social provocado pelo discurso de ódio. Antes, todavia, examinaremos a contribuição das redes sociais virtuais na construção da pós-verdade, na disseminação das *fake news* e na disseminação da intolerância política.

3 A GRANDE REDE E AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIABILIDADE

Desde o final da década de 2000, as tecnologias digitais adquiriram relevância comunicacional em virtude da capacidade de difundir informações, mobilizar sentimentos e proporcionar o debate público. Nas práticas sociais, inegavelmente, tem contribuído para alterar as relações políticas, muito por conta da aproximação que as plataformas de conversações *online* desempenham na sociabilidade entre indivíduos. Se há poucos anos pairava o ceticismo quanto às possibilidades de uso destas ferramentas e suas eventuais contribuições, hoje, o ambiente virtual demonstra potencial para fomentar a participação política. Ao menos enquanto não surgem novas ferramentas.

No campo da política, as eleições presidenciais de 2014 e, especialmente 2018, consolidaram esta ferramenta como recurso de engajamento comunicacional. Não obstante, este suporte também foi estrategicamente utilizado como local para estabelecer a desinformação generalizada e semear a dúvida na população. Diante do grande potencial existente no ciberespaço (LEVY, 1999), os estrategistas do marketing político tornaram a comunicação no ambiente virtual uma aliada complementar ao Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) veiculado na mídia tradicional.

Antes de ingressarmos na discussão é importante frisar que não é nosso foco discutir comunicação política e conseqüente o uso das redes sociais virtuais em campanhas eleitorais. Após pouco mais de duas décadas de pesquisas relacionadas às campanhas eleitorais digitais, a vasta literatura demonstrando o resultado de inúmeros estudos já publicados²⁹ comprovam a riqueza proporcionada pela temática. Pretendemos, entretanto, discutir as redes sociais virtuais enquanto instrumento de disseminação de *fake news* e do discurso de ódio contra minorias visando atingir a reputação dos adversários políticos na construção de uma realidade paralela.

O desenvolvimento da *internet* e a proliferação dos dispositivos móveis proporcionou a difusão de informações de forma mais rápida, interativa e horizontal. No entendimento do sociólogo espanhol Manuel Castells (1999) a revolução tecnológica é caracterizada pela aplicação dos conhecimentos de informação para a geração de novos

²⁹Alguns estudos recentes: ROSSINI, BAPTISTA, OLIVEIRA, SAMPAIO - O uso do Facebook nas eleições presidenciais brasileiras de 2014; AGGIO, Camilo - Campanha eleitoral no Facebook usos, configurações e o papel; BACHINI, Natasha. Curtiu - O uso do Facebook nas eleições municipais de São Paulo em 2012; MAIA, PRUDENCIO, VIMIEIRO – Democracia em ambientes digitais: eleições, esfera pública e ativismo.

conhecimentos e de dispositivos de comunicação digital, em um ciclo contínuo que se retroalimenta de forma cumulativa entre a inovação e o seu uso.

Em suas análises sociológicas, Castells (1999) observou que os importantes avanços das telecomunicações e das tecnologias de integração possibilitaram uma convergência e ampliação dos efeitos das tecnologias da informação conexa que geraram as condições tecnológicas para fazer surgir a *internet*. Assim sendo, a *internet* brotou da fusão entre estratégia militar, cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural e, diferentemente de outros veículos de comunicação, levou apenas três anos para penetrar na sociedade.

Castells (1999) pontuou ainda que a *internet* se transformaria em um instrumento que desenvolve, mas não muda comportamentos humanos, ao contrário, os comportamentos é que se apropriariam da *internet* para potencializarem. Desta maneira, cabe anotar que a *internet*, notadamente as redes sociais virtuais, não podem ser consideradas como responsáveis pelo acirramento do debate público e a consequente polarização na política brasileira. Para além de contribuir com a manipulação da opinião pública, como já relatado no capítulo anterior, as redes sociais virtuais se transformaram em “armas” habilmente manuseadas na guerra cultural promovida pela extrema direita em busca de uma suposta moralização político-cultural. No entanto, o discurso de ódio não surgiu com o advento da *internet*, foi, pois, potencializado e amplificado em virtude das facilidades comunicativas possibilitadas pelo ciberespaço.

Na obra “*A Sociedade em Rede*” (CASTELLS, 1999) em que apresenta uma abordagem histórica do surgimento da *internet* até a sua popularização no início dos anos 2000, o estudioso frisa que a tecnologia digital possibilitaria o empacotamento de todos os tipos de mensagens incluindo som, imagens e dados e, por conseguinte, o entrelaçamento de uma rede capaz de se comunicar por nós sem que fosse necessário centros de controle como nos primórdios do desenvolvimento da *internet*. Ele descreve que o sistema de comunicação em rede nasceu em ampla escala de redes locais e regionais interligadas e, gradativamente se espalhou por locais onde existiam redes telefônicas e computadores equipados com modems. Com o passar dos anos, os estudos acerca das tecnologias de informação e comunicação avançaram e a *internet* progrediu em larga escala com a invenção da teia mundial world wide web – www já na década de 1990.

Pierre Levy, filósofo francês, toma emprestado o conceito de ciberespaço criado por William Gibson em 1984 para definir o universo desta nova rede de teias digitais.

Segundo Levy (1999, p.92) o ciberespaço é definido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Para apresentar tal definição ele leva em consideração o conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Levy (1999, p.93) sinalizou que o novo meio nasceu com a vocação de “colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação”.

Ademais, Levy (1999) já adiantava que o ciberespaço se tornaria o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade como de fato ocorre 20 anos após a publicação dos seus estudos. O que poderia ser novidade há duas décadas hoje se incorporou ao cotidiano da sociedade e facilitou as atividades nas mais diversas áreas laborais e do conhecimento. Como bem lembrou, no ciberespaço, cada um é potencialmente emissor e receptor pois trata-se de um ambiente qualitativamente diferenciado, não fixo e explorável (LEVY, 1996). Neste espaço, relata o estudioso, pouco importa nome, posição geográfica ou condição social, mas sim os centros de interesses numa paisagem comum do sentido ou do saber uma vez que o ciberespaço proporciona a construção cooperativa em grupos numerosos e dispersos geograficamente.

Ao ilustrar a nova realidade da informação Levy (1999) enunciou que o ciberespaço promoveria acesso remoto a computadores, possibilitaria a transferência de arquivos, troca de mensagens por meio de correio eletrônico, viabilizaria conferências eletrônicas em grupos, desenvolveria a comunicação virtual compartilhada e permitiria a navegação na web para a busca de informações. Desde então, vislumbrava a navegação em telefones móveis avançados, televisões digitais e assistentes pessoais digitais que na atualidade são conhecidos como os *smartphones* e demais dispositivos móveis digitais.

Naquele momento inicial não seria possível imaginar as redes sociais virtuais tal como existem hoje ao ponto de se tornarem espaços privilegiados de comunicação mediada por computadores (RECUERO, 2012a). A evolução da *internet* e o consequente desenvolvimento do ciberespaço nos anos seguintes, com o fortalecimento de uma cultura da comunicação e informação hiperconectada, é que proporcionou o surgimento de inúmeros suportes e ferramentas de acesso e de convivência integrativa neste ambiente digital. Assim sendo, Levy (1996) enxerga que o ciberespaço mistura a compreensão existente de unidade, identidade e localização.

Levy (1996) apontou ainda que, como resultado da transformação tecnológica, a “comunicação todos-todos” surge como nova forma e mais evoluída de inteligência coletiva. Esta “comunicação todos-todos”, por sua vez, marcada pela intensidade da interconexão entre os nós da rede proporcionou a formação de grupos e comunidade virtuais e os “avanços possibilitaram a pioneira interatividade em tempo real para redes socialmente configuradas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.58) como foi o caso do precursor programa de troca de mensagens ICQ em meados da década de 1990. Dito isto, o que seria rede e o que seria virtual?³⁰

É com essa noção de relacionamento entre pessoas visando o compartilhamento de ideias que as redes podem ser melhor compreendidas. Ao entender as redes como a nova forma de organização social, Castells (1999) as definem como

um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação [...] Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista, baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada” (CASTELLS, 1999, p.566).

Para Castells (1999) o fato de as redes serem múltiplas, tornam os códigos interoperacionais e as conexões fontes fundamentais de firmação, orientação e desorientação das sociedades. Essa convergência da evolução tecnológica e social possibilitou a criação de uma nova base material para o desempenho de atividades na estrutura social, sinalizando que a nova economia se organiza em torno de redes globais de capital.

O sociólogo Manuel Castells (1999) alertou que o surgimento do novo sistema de eletrônico de comunicação de alcance global mudaria para sempre a cultura humana, fazendo despontar a cultura da virtualidade real. Castells (1999) descreve que essa virtualidade real

³⁰ Brake e Safko (2010) apontam que as redes sociais já existiam antes de se virtualizarem. Já Recuero (2009) observa que existem diferenças conceituais entre *sites* de redes sociais e as redes sociais. *Sites* de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na *internet*, ou seja, o suporte que possibilita a interação *online* entre atores sociais. A despeito das várias denominações para o termo rede social, compreendemos a necessidade de adicionar a expressão “virtuais” em conformidade com os estudos de Castells (1999) e Levy (1999) para localizar as redes sociais no ciberespaço. Desta forma, neste trabalho, adotamos a expressão “redes sociais virtuais” para nos referir aos modelos de redes sociais. Cabe ainda pontuar as diferenças entre redes sociais virtuais e mídia social. Enquanto a primeira é compreendida como o ambiente virtual onde os atores sociais compartilham conteúdos, as mídias sociais são mais amplas e se referem aos canais onde ocorrem os relacionamentos entre as pessoas, isto é, as redes sociais virtuais são uma categoria de mídias sociais.

é um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência” (CASTELLS, 1999, p.459).

Para ele, a virtualidade real é fruto da revolução tecnológica da informação, ocorrida simultaneamente ao período histórico de reestruturação global do capitalismo no final do século XX. Emergiu neste cenário o informacionalismo como a nova base material, tecnológica, da atividade econômica e da organização mundial cujo desenvolvimento seria responsável por moldar a esfera do comportamento social (CASTELLS, 1999). O capitalismo informacional, por sua vez, lembra Castells (1999), aproveitaria das novas tecnologias para integrar o mundo em redes globais de instrumentalidade.

Pierre Levy (1996) afasta o que ele chama de oposição fácil e enganosa entre real e virtual e pondera que o virtual se opõe ao atual e não ao real. E assim ele descreve que

A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma elevação à potência da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado (LEVY, 1996, p.17-18).

Na perspectiva filosófica de Levy (1996), virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. Com efeito, detalha Levy (1996), a virtualização é capaz de reinventar uma cultura nômade ao fazer surgir interações sociais que são minimamente reconfiguradas. Assim, conforme Levy (1996), quando algo é virtualizado se torna “não-presente” e se desterritorializa numa espécie de separação entre o espaço físico e geográfico da temporalidade do relógio e calendário, posto que a “virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar” (LEVY, 1996, p.21). Contudo, nem por isso, o virtual pode ser considerado imaginário.

Resumidamente, um mundo virtual simula de maneira fidedigna o mundo real em escalas variadas de minúsculas a enormes. Este mundo seria marcado por duas características distintivas que são a imersão e a navegação por proximidade em que os indivíduos emergem de tal maneira ao ponto de criar uma imagem de si mesmos e de sua situação, isto é, cada ato do indivíduo modifica o mundo virtual e a sua imagem constituída. Levy (1999) especifica o seu raciocínio revelando que no virtual é possível ao indivíduo construir uma imagem virtual muito diferente da sua aparência física cotidiana, simular ambientes físicos hipotéticos regidos por leis diferentes do mundo comum ou ainda

ser modelos abstratos de situações, universo de relações, complexos de significações e mesmo a combinação híbrida de todos esses territórios.

Outra questão levantada por Levy (1999) diz respeito aos diferentes sentidos da expressão virtual, daí porque a confusão que se cria entre os sentidos suscitar o fascínio pela realidade virtual. Segundo o estudioso, existe um sentido técnico relacionado à informática, um segundo uso corrente e um terceiro filosófico. O primeiro é técnico e dispensa maiores explicações. Quanto ao entendimento filosófico, para ele, o virtual é aquilo que existe apenas potencialmente e não concretamente. Por fim, no uso corrente o termo é utilizado para expressar a irrealidade oposta ao sentido de realidade compreendida como efetivação material ou uma presença tangível.

3.1 Definindo o que são redes sociais virtuais

À medida que a *internet* evoluiu, as redes sociais virtuais também progrediram das Redes Sociais na *Internet* (RSI's) 1.0 para as Redes 3.0, conforme relatam Santaella e Lemos (2010). Depois do ICQ e da Friendster no início dos anos 2000, as redes sociais virtuais progrediram em direção ao 2.0 com o compartilhamento de arquivos e interesses, período marcado pelo domínio do Orkut, MySpace e LinkedIn. Em seguida as estudiosas relatam que com o surgimento do Facebook em 2004, abriram-se as portas para a era do 3.0, cuja característica principal possibilitou integração com outras redes.

Atualmente as redes sociais virtuais agregam todas as “modalidades diferenciais” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.58) e “sua evolução é marcada pela transformação gradual das redes monomodais 1.0 para redes monomodais múltiplas 2.0, até as redes multimodais 3.0”. Segundo as autoras, “o diferencial principal na modalidade de interação das RSI's 3.0 encontra-se na sua integração com múltiplas redes, plataformas e funcionalidades através de aplicativos e de mídias móveis” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.59).

Nesse sentido, Lopes e Araújo (2016) categorizam as redes sociais virtuais em plataformas de social networking nas quais se inserem o Facebook e o LinkedIn; microblogging para se referir ao Twitter; fotografia para exemplificar o Flickr, Instagram e Pinterest; vídeo para ilustrar o YouTube e o Vímeo, social news para os casos do Digg e Reddit; as redes de transmissão em streaming como o Periscope, Meerkat e Ustream; entre outros tipos de redes relacionadas a jogos e blogs de publicações de textos.

Nesta nova era cada clique estabelece o perfil do usuário que utiliza as redes sociais virtuais. Para Santaella e Lemos (2010) esta é uma era do valor tanto social quanto econômico que cada vez mais seleciona qualitativamente os laços e contatos tendo em vista o valor potencial dessa rede constituída. As autoras explicam que

Entramos na era dos predadores vs. colaboradores. Predadores são atores que, ao ganharem acesso a determinada rede, usam seus dados para proveito próprio sem gerar valor em contrapartida. Colaboradores, ao revés, são atores que, ao se conectarem a um grupo social, geram valor para esse grupo, fazendo com que o grupo reconheça esse valor e, conseqüentemente, retribua esse valor através de reconhecimento, impactando positivamente na reputação do usuário/marca (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.60).

Outrossim, não há como negar os impactos do mundo virtual nas práticas sociais *offline*, bem como a capacidade que este ambiente de comunicação possui no que diz respeito às novas possibilidades de relacionamento, mobilização para causas de interesse público e aberturas para participação política na democracia representativa brasileira. Por outro lado, na perspectiva econômica as grandes corporações que controlam as principais plataformas de redes sociais virtuais coletam dados dos usuários para a produção de conteúdo e venda de publicidade direcionada.

Na visão de Recuero (2012a), as redes sociais virtuais expandiram múltiplas formas de ação e interação. No Facebook, por exemplo, os sujeitos usuários podem estabelecer ou migrar para o virtual, relacionamentos sociais preexistentes ou não com pessoas, concebendo uma teia em vários graus de profundidade, além da possibilidade da troca de informações. Pelas redes sociais virtuais buscamos informações sobre locais ou pessoas que pretendemos conhecer, fazemos check-in em espaços visitados, efetuamos compras, postamos fotos registrando momentos de felicidade, nos relacionamos com personalidades, amigos e familiares distantes, nos informamos onde nossos amigos estão e como estão, se tristes ou felizes, além de buscar informações sobre os acontecimentos da sociedade. Neste espaço virtual também discutimos política e vemos nossos contatos compartilharem “*memes*” aparentemente engraçados, porém enviesados pelo discurso de ódio.

Antes de uma contextualização do que seriam as redes sociais virtuais, cabe conceituar o que são redes sociais. Brake e Safko (2010), por exemplo, pontuam que as redes sociais existem desde que as primeiras espécies do homem começaram a se organizar em comunidades em busca de interesses comuns objetivando a sobrevivência humana. Dito isto, Brake e Safko (2010) definem as redes sociais como um “grupo de pessoas de pensamento parecido que se reúnem em um lugar comum para partilhar pensamentos, ideias e informações sobre si próprios” (BRAKE; SAFKO, 2010, p. 29). Grupos de

esportistas, grupos da terceira idade, agremiações partidárias, grupos escolares entre outras possibilidades de associação são modelos de redes sociais.

Ilse Scherer-Warren (2006), socióloga estudiosa dos Movimentos Sociais, aprofunda a conceituação para discernir o entendimento acerca das redes sociais constituídas pelas múltiplas articulações das formas organizacionais de associações da Sociedade Civil como Movimentos Sociais e Organizações Não Governamentais. Para ela, esses movimentos e organizações perceberam a necessidade da articulação em grupos com a mesma identidade social ou política no intuito de garantir visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania.

Scherer-Warren (2006) compreende que em uma rede há elos mais fortes, que são as lideranças, mediadores, agentes estratégicos, detentoras de maior poder de influência do que outros elos de conexão da rede. Desta forma, ela entende que “a ideia de rede de movimento social é, portanto, um conceito de referência que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos” (SCHERER-WARREN, 2006, p.04). E como qualquer relação social, as redes estão impregnadas pelo poder, pelo conflito, assim como pelas possibilidades de solidariedade, de reciprocidade e de compartilhamento, anota a estudiosa.

A pesquisadora da conversação em rede, Raquel Recuero (2013), já havia chamado a atenção para a necessidade de se estudar os efeitos gerados pela conversação em redes sociais virtuais, notadamente as formas de propagação do discurso da violência e da agressividade através dos conflitos gerados por essas práticas. Da maneira como é explorado, o humor travestido de *memes* mascara o discurso de ódio e contribui com a sua legitimação. Segundo Recuero (2013) as mudanças sofridas pelas redes sociais virtuais também modificaram os processos sociais no espaço *offline*, criando efeitos sobre os grupos e os fluxos de informação.

As redes sociais virtuais possibilitaram um modelo de comunicação e interação instantâneo, se tornaram uma importante ferramenta geradora de conteúdos e têm viabilizado a sociabilidade no ciberespaço constituída pela interação entre pessoas para a manifestação do pensamento. Com efeito, os *sites* de redes sociais podem ser comparados com espaços físicos públicos como grandes praças e avenidas pelas quais as pessoas circulam, isto é, local onde os indivíduos que acessam a *internet* mantêm perfis para o

consumo de conteúdos, expor opiniões e se relacionar com outros sujeitos. Boyd e Ellison (2007), citado por Recuero (2012b), pontuam os *sites* de redes sociais

como aqueles que proporcionam a expressão das redes sociais através da representação dos indivíduos via perfis públicos ou semi-públicos, que articulam uma lista de outros usuários com quem existem conexões e, finalmente, que permitem a visualização das redes sociais por outros. Sites de rede social são, assim, um novo espaço público, que permite a interação entre usuários, a reconstrução dos grupos e a mediação da sociabilidade (BOYD; ELLISON 2007 *apud* RECUERO, 2012b, p.03-04).

Ainda conforme a estudiosa, é importante diferenciar os *sites* de redes sociais enquanto espaços utilizados para a expressão das redes sociais na *internet*. No entender dela, os *sites* de redes sociais compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores, cujo foco está na exposição pública das conexões entre os atores sociais. Citando Boyd e Ellison (2007), Recuero (2009a) explica que *sites* de redes sociais funcionam

como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de *softwares* sociais, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador (BOYD; ELLISON 2007 *apud* RECUERO, 2009a, p.102).

Uma rede social virtual, no entanto, é definida por Raquel Recuero (2009a) como um conjunto de dois elementos: ator social (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) existentes entre esses nós. São os atores que fazem as conexões existirem, formando e moldando a estrutura da teia social com base nas interações. Conforme a autora, uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores, frutos das representações identitárias construídas na *internet*. Portanto, rede é uma expressão para uma representação estrutural utilizada metaforicamente para fazer compreender a existência de relacionamentos entre agrupamentos sociais através dos laços sociais que unem os atores em meio às conexões.

Para Recuero (2009b), ao permitir que qualquer ator seja um potencial emissor de informações, as redes sociais virtuais, também compreendidas como “teias de conexões”, alteraram o fluxo de informações na sociedade, deram voz às pessoas, construíram valores diferentes e proporcionaram a geração de “capital social”. Em seu entendimento, as redes sociais virtuais possuem um potencial imenso para colaborar, mobilizar, transformar a sociedade e construir novos valores sociais. Segundo ela, as redes sociais virtuais são

vistas como fontes produtoras de informação, filtros de informações ou ainda como espaços de reverberação dessas informações. Nos interessa compreender a contribuição deste espaço e como se relaciona com a circulação de informações, especialmente nesta era da desinformação.

A dinâmica e as diferenças existentes no âmbito das redes sociais virtuais, por sua vez, são processos fundamentais para a percepção desse espaço em contínua transformação. Assim, Recuero (2009a) enumera a cooperação, competição e conflito; ruptura e agregação; adaptação e auto-organização como aspectos que contribuem com o processo dinâmico de mudanças contínuas nas redes sociais virtuais. A estudiosa compreende que os três primeiros processos merecem maior atenção, pois são essenciais para a percepção das redes sociais virtuais no tempo e sua compreensão enquanto elementos não estáticos. Desta forma,

Enquanto a cooperação é essencial para a criação e a manutenção da estrutura, o conflito contribui para o desequilíbrio. A competição, por outro lado, pode agir no sentido de fortalecer a estrutura social, gerando cooperação para atingir um fim comum, proporcionar bens coletivos de modo mais rápido, ou mesmo gerar conflito, desgaste e ruptura nas relações” (RECUERO, 2009a, p.83).

Com a possibilidade de acesso a um conjunto cada vez maior de indivíduos às redes sociais virtuais por meio de aplicativos instalados em dispositivos móveis, popularizado pela facilidade dos pacotes de navegação decorrentes da disputa comercial entre as operadoras de telefonia móvel, a terminologia *sites* de redes sociais requer uma redefinição por não mais contemplar somente a concepção de “suporte” ou ambiente de conexão entre pessoas. Se no passado recente o uso dos *sites* de redes sociais se restringia à navegação em *browser*, hoje, majoritariamente, o acesso acontece por meio de aplicativos para celulares. Esta realidade constatada pela pesquisa TIC Domicílios - 2018³¹, realizada pelo Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, apontou que 70% da população brasileira navega na *internet*, dos quais 56% dos usuários utilizam exclusivamente o celular para acessar as plataformas, enquanto 40% combina o acesso entre computador e celular.

Outro importante apontamento da autora trata da conversação em rede entre os atores sociais participantes. Segundo a pesquisadora, durante as conversações, compreendidas como diálogos ou discussões, os sujeitos-internautas esperam ser legitimados de sua face, seja pela participação ou pela aceitação dos demais sujeitos-internautas para seus enunciados e compartilhamentos. No entanto, como observa a autora,

³¹Disponível em: <https://cetic.br/noticia/tic-domicilios-2018-revela-que-40-8-milhoes-de-usuarios-de-internet-utilizam-aplicativos-de-taxi-ou-transporte>. Acesso em: 04 jan 2020.

quando acontece uma interação fora do frame pretendido, essa expectativa acaba por se frustrar e ocorre a quebra da polidez, ou seja, as normas da conversação, geralmente provocadas pelo que Ruth Amossy (2011) intitula “*flames*” conhecidos no mundo virtual como “*trolls*”.

Como consequência, a conversação em rede, notadamente no Facebook, “é um espaço frutuoso para a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos e mesmo, pela propagação da violência” (RECUERO, 2013, p.9) de modo que, para acontecer de forma coerente e organizada, é necessário que os atores integrantes cooperem com as normas negociadas previamente. Ocorre que, para os intolerantes, não há compromisso com regras e ao direcionar as discussões nos comentários para a violência verbal ou à desqualificação do outro, acabam por afetar a deliberação existente nas interações cotidianas.

Raquel Recuero (2012b) compreende que o Facebook tem um importante caráter de performance, uma vez que os perfis dos usuários constituem um discurso identitário que expressa um indivíduo ou instituição. Observa, assim, cada perfil constitui a representação de um nó (ou nodo) da rede social virtual. Porém, a estudiosa pondera que como existem as conexões entre esses nós, no caso do Facebook, são representadas pelas conexões aditivas existentes entre “amigos” e as conexões interativas que ocorrem nos espaços tradicionalmente conversacionais como grupos ou *fanpages*.

3.2 Facebook como espaço de comportamento e consumo de conteúdos

Criado nos Estados Unidos, em 2004, pelo então estudante da Universidade de Harvard, Mark Zuckerberg, o Facebook surgiu com o propósito de conectar pessoas e possibilitar um mundo mais transparente, tendo entre seus valores a liberdade para o compartilhamento de informações e respeito à privacidade do usuário. Segundo a plataforma, a missão é oferecer às pessoas o poder para compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado. O modelo de negócio está amparado na venda de publicidade direcionada.

Em seu surgimento, o Facebook promoveu a conexão entre os colegas na Universidade de Harvard de modo que os estudantes pudessem se conhecer e se relacionarem. No segundo instante, passou a reunir estudantes de escolas secundárias e outras universidades norte-americanas, cujo acesso estava condicionado ao vínculo à uma

instituição de ensino e a existência de um e-mail nos servidores na unidade matriculada. Oficialmente o Facebook chegou ao Brasil somente no terceiro momento, ocorrido no ano de 2007, quando gradativamente passou a aceitar pessoas comuns de todas as partes do mundo, empresas e a oferecer suporte em diversas línguas.

De acordo com informações públicas disponibilizadas pelo próprio Facebook, as estatísticas globais³² da empresa apontaram uma média de 1,52 bilhão de pessoas ativas diariamente e 2,32 bilhões de pessoas ativas mensalmente. No Brasil, o terceiro maior país em números de pessoas cadastradas nesta plataforma, atrás apenas da Índia e Estados Unidos, e em dezembro de 2018 a empresa registrava uma média diária de 93 milhões de pessoas ativas e outras 130 milhões de pessoas ativas mensalmente. Do total de usuários, 90% acessava a plataforma por meio de dispositivos móveis. Em 2014, auge do Facebook no Brasil, os relatórios divulgados pela empresa apontaram que 89 milhões de brasileiros possuíam perfil, dos quais 59 milhões acessavam a plataforma diariamente.

Muito mais do que 2,3 bilhões de usuários em todo o mundo, ao controlar o Whatsapp, o Facebook Messenger e o Instagram que em 2018 ocupavam, respectivamente, a segunda, terceira e quinta posição entre as maiores ferramentas de conversação online em todo o mundo com aproximadamente 4,6 bilhões de visitantes, somados, o conglomerado Facebook guardava dados sobre quase sete bilhões³³ de usuários.

Ao utilizar esta plataforma de interação online, os usuários podem interagir com seus amigos, publicar conteúdo em formato de textos, fotos, vídeos, animações, compartilhar publicações produzidas por outras pessoas. O conteúdo compartilhado fica listado em um espaço conhecido como *timeline* (linha do tempo). Os usuários têm a possibilidade de organizar grupos com acesso aberto ou restrito, além de criar e promover eventos públicos. O Facebook também oferece espaços para que empresas e pessoas públicas, a exemplo de políticos, criem páginas (*fan pages*) com o objetivo de promover produtos, imagem, causas entre outras possibilidades. Conhecido como *impulsioneamento*, a ampla divulgação de produtos requer um investimento financeiro para se espalhar.

³² As informações disponibilizadas pela empresa são referentes ao período de dezembro de 2018. Disponível em <https://about.fb.com/br/company-info/>. Acesso em 04 jan 2020.

³³ O Facebook possui definição própria do que seria o seu usuário. Assim, este número é referente à somatória de perfis, entre os quais, usuários simultâneos de duas ou mais plataformas do conglomerado Facebook. Além disso, cabe pontuar que um mesmo usuário pode possuir uma ou mais contas/perfis em uma mesma plataforma. Ademais, o Facebook também contabiliza o perfil fake.

Na plataforma existe ainda o *feed* de notícias, que funciona como um mural cujas postagens das páginas que o usuário segue ou dos amigos são organizadas automaticamente com base em algoritmos. É neste aspecto que surge a polêmica quanto ao uso do Facebook. Os algoritmos identificam o comportamento dos usuários para gerar um perfil de consumidor com base nas preferências e reações dos usuários às postagens, comentários e curtidas, e delimitar o conteúdo que os usuários terão acesso.

Como resultado, a plataforma destaca no *feed* dos usuários conteúdos que supostamente seriam mais interessantes e favoráveis ao engajamento para assim mantê-los conectados por mais tempo. No entanto, ao agir desta maneira, o Facebook reforça a disposição dos indivíduos que buscam informações alinhadas às suas crenças, molda comportamentos e contribui para a construção das chamadas “bolhas de filtros” ou “câmaras de eco”.

Nesse sentido, analisam Neto e Pereira (2019), se tudo o que é visualizado na plataforma é conteúdo com o qual o usuário concorda, a tendência é fazer o usuário acreditar que tudo o que se pensa e se faz é o correto. Para estes estudiosos a formação das bolhas políticas, sociais e culturais acontecem porque os cálculos algorítmicos privilegiam a conexão entre atores com laços fortes e ao priorizar

conteúdos que mobilizam mais interações entre os usuários e a visibilidade entre usuários com maior interação entre si, passa-se a impressão de que as opiniões presentes nas plataformas representam a opinião da maioria, persuadindo a adesão ou reafirmação de determinada opinião e contribuindo para a polarização de ideias (NETO, PEREIRA, 2019, p.15).

Ainda conforme Neto e Pereira (2019, p.20) os algoritmos contribuem para a formação de uma ilusão de maioria, considerada prejudicial “à medida que um sujeito ao ver apenas conteúdos com os quais concorda, não questiona suas opiniões e tem a falsa ideia de que o que pensa é uma verdade absoluta”.

Essa personalização criada com o propósito de direcionar conteúdo publicitário são exploradas a fundo em campanhas eleitorais ao redor do mundo. Empresas especializadas em marketing digital combinam análise comportamental dos usuários com ferramentas específicas de Tecnologia da Informação (TI) para influenciar a opinião dos indivíduos. Foi o que fez a consultoria britânica *Cambridge Analytica* que coletou e utilizou dados de milhões de usuários do Facebook para segmentar anúncios durante as eleições presidenciais norte-americanas de 2016 e na campanha pela saída do Reino Unido do acordo da União Europeia, evento conhecido como Brexit, também no ano de 2016. Com as informações coletadas a *Cambridge Analytica* orientou na produção de comunicação

direcionada para fortalecer preconceitos e aproveitar das vulnerabilidades das populações destes dois países e assim manipular a opinião pública diante dos pleitos.

Por outro lado, para além da exploração dos recursos imagéticos e multimidiáticos, o Facebook também possibilitou a presença de “*flames*” agressivos causadores de polémicas e permitiu que as crenças regressivas adquirissem o que Christian Dunker (2017) intitula como sendo uma espécie de “*backing vocal*”. As redes sociais virtuais autorizaram que sujeitos-internautas opinem sobre qualquer assunto e diante da falsa ilusão de anonimato que o ambiente virtual supostamente possibilita, esses sujeitos-internautas vociferam hostilidades no mundo digital enquanto se comportam de outra maneira no cotidiano. Daí porque as redes sociais virtuais terem se tornado um local convidativo para potencializar e radicalizar as práticas sociais preconceituosas e desencadear o compartilhamento de discursos intolerantes.

3.3 #Hastag: Redes sociais virtuais, Esfera Pública e Opinião Pública

Wilson Gomes (2006) pondera que a *internet* contribuiu para uma nova mudança estrutural da esfera pública apregoada por Jürgen Habermas (1984), proporcionando uma repaginação e modernização nestes tempos de hiperconexão e hiperexposição. Não se trata do estabelecimento de uma nova esfera pública, mas de uma expansão da esfera pública habermasiana possibilitada por este sistema de nós em rede por onde circulam opiniões. Para Gomes (2006) a *internet* seria uma esfera pública devido ao seu caráter emitente gerador de uma rede de discussões, circulação de informações e ideias.

Assim, Gomes (2006) encontra cinco acepções para sustentar a defesa da ampliação da expressão. Enumera

- 1) esfera pública como domínio daquilo que é público, isto é, daquilo sobre a qual se pode falar sem reservas e em circunstâncias de visibilidade social; 2) esfera pública como a arena pública, isto é, como locus da discussão sobre temas de interesse comum conduzidas pelos agentes sociais; 3) esfera pública como espaço público, isto, é como locus onde temas, ideias, informações e pessoas se apresentam ao conhecimento geral, sem que necessariamente sejam discutidas; 4) esfera pública como domínio discursivo aberto, isto é, como conversação civil; 5) esfera pública como interação social, como sociabilidade (GOMES; 2006, p.56).

Esta citação reafirma a compreensão da *internet* enquanto fomentadora dessa nova esfera pública. A *internet* possibilita que indivíduos manifestem opinião sem reservas sobre o que pensam; permite a criação de uma arena pública para discussão de temas de

interesse da sociedade; se converte em espaço público ao garantir a apresentação de assuntos para o conhecimento público; se torna o local do debate público da sociedade e, por fim, se consolida como espaço da interação social e das bases da sociabilidade.

Ao nosso ver, as conexões em grupos, comunidades e seguidores constituem uma rede de compartilhamento de informação e de promoção do debate, cujos assuntos públicos perpassam do espectro virtual para o *offline*, tal qual o inverso, oportunizado pelos atores que estão conectados às essas redes sociais virtuais. Nesse sentido, os assuntos públicos atravessam de um espectro ao outro em movimentos paralelos e simultâneos sem a existência de marcos que delimitem a separação desses espaços.

Em sua releitura de conceitos habermasianos, Gomes (2008 *apud* HABERMAS, 1984, p.35-36) apresenta a noção da esfera pública como sendo “uma rede para a comunicação de conteúdos e pontos de vista, isto é, de opiniões; por meio dela os fluxos de comunicação são filtrados e sintetizados de tal modo que se condensam nas opiniões públicas topicamente especificadas”. Prossegue pontuando que a esfera pública se materializa no âmbito da vida social “em várias arenas, por vários instrumentos e em torno de variados objetos de interesse específico – numa discussão constante entre pessoas privadas em público” (GOMES, 2008, p.35-36).

Para ele, entre os requisitos necessários para que a esfera pública se configure, é preciso que as trocas públicas de argumentos ocorram com razoabilidade e racionalidade. Gomes (2008) continua observando que, para participar da esfera pública, os atores devem se comprometer a obedecer às leis da racionalidade e da discursividade e que a argumentação pública, por princípio, tem que aceitar o melhor argumento como única autoridade, posto que a esfera pública é a esfera do raciocínio público ou do uso público da razão.

Aprofundando na conceituação proposta por Habermas, Gomes (2008, p.40) sublinha que a esfera pública é o âmbito da negociação argumentativa dos cidadãos, isto é, “o domínio do seu debate racional-critico, a dimensão social das práticas e dos procedimentos mediante os quais os cidadãos reunidos podem elaborar, estipular, rejeitar ou adotar posições sobre qualquer questão de interesse comum”. Ressalta, porém, que público não é uma simples aglutinação de indivíduos, mas uma reunião de pessoas privadas que livres são capazes de discursivamente apresentar posicionamentos racionais e argumentativos.

Como observa Rousiley Maia (2006), em seu tempo, Habermas não havia conceituado a existência de uma esfera pública virtualmente conectada. Maia (2006) pondera que a esfera pública deve ser vista de acordo com a densidade da comunicação, da complexidade organizacional e do alcance levando-se em consideração a diversidade de âmbitos em que ela pode ocorrer. Ela pontua que a expressão “escala” utilizada por Habermas explica os diferentes espaços e graus de interações (das mais simples às abstratas) existentes na esfera pública. Com isso, diferencia a esfera pública constituída em espaços como fóruns, palcos e arenas formado por audiências fisicamente reunidas, da esfera pública abstrata que admite a presença virtual e é constituída por expectadores fisicamente dispersos, mediada pelos meios de massa. Conforme Maia (2006) Habermas propôs a existência de

“Esfera pública episódica (bares, cafés, encontros nas ruas); esfera pública de presença organizada (encontro de pais, público que frequenta o teatro, concertos de rock, reuniões de partido ou congressos de igrejas) e esfera pública abstrata, produzida pela mídia (leitores, ouvintes e espectadores singulares e espalhados globalmente)” (MAIA, 2006 *apud* HABERMAS, 1997, p.282).

Maia (2006) observa ainda que Habermas não explana acerca da existência de uma esfera pública propriamente virtual, mas a distinção acima oferece um caminho a trilhar. Para ela, a *internet* é uma importante arena conversacional cujo espaço se desdobra para possibilitar que novas conversações possam seguir seu curso, uma vez que “as redes eletrônicas permitem que as pessoas interajam localmente ou transcendam as fronteiras do estado-nação, para trocar informação e compartilhar interesses em fóruns virtuais, em escala global” (MAIA, 2006, p.283).

É nessa Esfera Pública virtual que a Opinião Pública poderia se fortalecer. Em seus estudos, Gomes (2008) também apresenta a degeneração da esfera pública e conseqüentemente a deterioração do seu produto, qual seja, a Opinião Pública, consoante à perda de suas três características fundamentais: acessibilidade, discutibilidade e racionalidade. Paradoxalmente, se a *internet* se transformou em um espaço conversacional, o conceito moderno da esfera pública estaria selado à falência devido à sua íntima relação e submissão aos *mass media* e à *mass culture*, observou o autor.

Outrossim, por muitas vezes, a Opinião Pública presente nas redes sociais virtuais é incapaz de expressar argumentos racionais. Muitas vezes, o que se verifica é a existência de “perturbações não-rationais e não-discursivas impedindo a formação democrática da opinião e da vontade” (GOMES, 2008, p.42). Percebemos cada vez mais uma opinião pública manipulada e irracional numa “atmosfera pronta para a aclamação” (HABERMAS,

1984). Desta forma, o comportamento dos sujeitos-internautas nas redes sociais virtuais e a consequente naturalização do discurso de ódio estaria devidamente aplicado como banalidade do mal.

4 REAÇÕES DISCURSIVAS DE SUJEITOS INTERNAUTAS E MARCAS DO DISCURSO DE ÓDIO DA EXTREMA-DIREITA EM COMENTÁRIOS NO FACEBOOK

Tendo a Teoria Semiociológica como arcabouço teórico-metodológico, nesta seção analisamos marcas discursivas identificadas em comentários proferidos por internautas em situações de comunicação proporcionadas pelas postagens de jornalistas no Facebook durante o período da campanha eleitoral de 2018. Patrick Charaudeau compreende o discurso associando-o a saberes partilhado que são construídos consciente ou inconscientemente e pertencentes a um determinado grupo social.

Anteriormente os preceitos semiociológicos foram largamente apresentados e discutidos no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia conforme pesquisas disponibilizadas no banco de dissertações (SOUZA, 2013; ROCHA, 2017; VEIGA, 2017; CRUZ, 2018; GIRARDI, 2018; PEREIRA, 2019). Destarte, julgamos necessário fazer essa ressalva para que possamos avançar na aplicação da análise discursiva do *corpus* coletado na rede social virtual, compreendida como espaço público gerador de novas formatações das instâncias cidadã e de opinião (CHARAUDEAU, 2016).

4.1 Breve abordagem expositiva acerca da Teoria Semiociológica

Apresentado o cenário em que ocorreu o recrudescimento do conservadorismo brasileiro e como as redes sociais contribuíram para amplificar o discurso de ódio, nesta seção utilizamos conceitos e categorias da Teoria Semiociológica para analisar o *corpus* constituído pelo comportamento linguageiro nas maneiras de dizer de sujeitos internautas. Daqui por diante aprofundaremos a compreensão sobre como o discurso de ódio utilizado pela extrema-direita reverberou no espaço de troca Facebook.

Observamos, porém, que, pelo fato de as postagens dos jornalistas serem publicadas em páginas abertas, os sujeitos interpretantes (interlocutores) são constituídos não apenas pelos seguidores dos jornalistas, mas por qualquer membro ativo do Facebook, permitindo o que pode ser considerado uma “brecha” para a constituição da pluralidade de identidades, bem como a inexistência de uma fidelidade dos sujeitos-internautas para com os comunicadores. Isto, no entanto, não impossibilita a materialização do ato de linguagem

posto que ao adentrar na rede social virtual, o sujeito-internauta compreende o funcionamento do ambiente virtual e adquire as condições mínimas requeridas para o jogo comunicativo.

Conforme Charaudeau (2016) o ato de linguagem (A de L) é composto pela combinação entre implícito e explícito diante das circunstâncias de discurso (C de D) cuja fórmula é expressada “A de L = [Explícito x Implícito] C de D”. Nesta pesquisa o ato linguageiro acontece em um canal de transmissão gráfico direto instituído em dispositivo digital mediado pela *internet* e os sujeitos inscritos na troca linguageira estabelecem um encontro virtual cujo gênero textual é identificado como “discussão-debate”. Ao se reconhecerem como semelhantes ou diferentes, os parceiros (atores sociais) firmam o acordo do fenômeno linguageiro e, fundamentado em uma intencionalidade de informar e serem informados, estabelecem relações que podem ser de aliança ou de oposição (CHARAUDEAU, 2016).

O estudioso francês considera que entre os elementos estruturantes e indispensáveis à existência do ato de linguagem, estão presentes um Eu, visualizado como sujeito produtor da linguagem, e um Tu, que assume a função do sujeito interpretante. Ocorre que esse interlocutor não é o mesmo da comunicação tradicional que apenas decodifica a mensagem emitida, ao contrário, interpreta e questiona. Desta maneira, o funcionamento do ato discursivo acontece nos circuitos externo e interno.

Enquanto o primeiro é representado pelas identidades sociais, isto é, os indivíduos reais representados pelo EU Comunicante-EUc (Emissor/Locutor) e pelo TU Interpretante – TUi (Receptor/Interlocutor), o segundo, restrito às entidades discursivas no âmbito teórico, é composto pelo EU Enunciador - EUE e o TU Destinatário - TUD. Isto ocorre porque o TUi possui autonomia em sua ação de interpretação e nem sempre vai compreender a intencionalidade comunicativa do EU. Conseqüentemente cria uma imagem do EUE e ao criar uma imagem do locutor, constitui um EUE – diferente do EUc sujeito falante que profere a comunicação.

Para que o ritual linguageiro se efetive é requerido aos sujeitos participantes a constituição de um contrato de comunicação formatado em uma espécie de estatuto contendo o conjunto de restrições que codificam as práticas sociolinguageiras com a função de orientar e constituir as estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2016). O conceito encontrado em Charaudeau (2006, p.67) define o contrato de comunicação como a regulação do ato de linguagem, isto é, o “quadro de referência ao qual se reportam os

indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação”. Daí porque ser necessário compreender as restrições de uma situação de comunicação para que o ato linguageiro se concretize de forma saudável e tranquila. Nesse sentido, os parceiros firmam um acordo tácito que vai delinear o comportamento perante o jogo comunicativo.

Em *Discurso das Mídias*, Charaudeau (2015) trata do contrato de comunicação dos dispositivos tradicionais (imprensa escrita, televisão e rádio), no entanto, não há uma definição para os dispositivos móveis mediados pela *internet*. Não obstante, ao se ressignificar, a variante do contrato de comunicação do debate midiático (CHARAUDEAU, 2005) pode acomodar a noção de contrato de comunicação efetivado entre os envolvidos no ato linguageiro que se reconhecem (princípio da alteridade) e se aceitam como parceiros baseados em consensos linguageiros das práticas sociais. Ainda que ao final não ocorra um entendimento entre os parceiros da comunicação.

Dessa maneira, na análise do *corpus* podemos considerar que o contrato comunicativo é estabelecido nas possibilidades discursivas das mídias digitais cuja situação de comunicação é estruturada por características contratuais que perpassam pela troca dialogal escrita (interlocutiva) dada a interatividade constitutiva em uma situação de debate (mesmo sem a presença física dos parceiros) e monologal escrita (monolocutiva) em que não há uma troca devido à ausência física dos parceiros (CHARAUDEAU, 2016).

4.2 À guisa de Metodologia

Descrevemos, então, o percurso metodológico utilizado para conduzir a pesquisa à luz dos preceitos encontrados na Teoria Semiolinguística. A escolha pela Análise do Discurso oriunda da Semiolinguística ocorreu pela possibilidade que este aporte teórico-metodológico oferece em relação ao contexto da problemática linguageira, por tratar de aspectos sociais e psicológicos da linguagem e ainda por considerarmos as categorias e procedimentos adequados ao nosso objetivo. Explicamos ainda como se deu o método de coleta, tratamento e análise do *corpus*, assim como a seleção dos sujeitos-comunicantes.

O *corpus* selecionado é composto por produções linguísticas escritas contendo 16 comentários intitulados “reações discursivas” de internautas identificados como “sujeitos-internautas” cuja problemática comunicativa nos conduziu a estabelecê-lo de maneira ordenada, isto porque na análise de discurso charaudeauriana a construção do *corpus* depende da conexão entre o posicionamento teórico e o objeto de análise. Charaudeau

(2011) anota que na problemática comunicativa e descritiva o objeto de estudo é empírico estruturado em “tipos ideais” de observação das manifestações do mundo fenomênico exemplificado pela recorrência dos atos de troca social de indivíduos, permitindo assim formular a hipótese de que as condições de realização obedecem a regras. O estudioso reforça que o *corpus* originado dessa visão empírica, geralmente, é concebido por textos agrupados em função de seu pertencimento a tal ou qual tipo de situação, o que possibilita proceder comparações em torno de um mesmo contexto paratextual e situacional.

Charaudeau e Maingueneau (2016) explicam que o *corpus* designa o conjunto de dados que servem para descrever e analisar um fenômeno daí porque a constituição do *corpus* ser determinante para a pesquisa, pois com base em um conjunto fechado e parcial, busca analisar um fenômeno mais amplo que a amostra selecionada. Adotando a conceituação encontrada em Sinclair, a dupla define o *corpus* como “uma coleção de dados linguageiros que foram selecionados e organizados segundo critérios linguísticos explícitos para servir de amostra da linguagem” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p.137).

A concepção de contrato faz com que os textos atinentes às mesmas condições situacionais (CHARAUDEAU, 2004) possam ser agrupados. Nesse sentido, a coleta da amostra aconteceu durante a campanha para a eleição presidencial do Brasil no período de 16 de agosto a 28 de outubro de 2018 no espaço de comentários/discussões das postagens publicadas em *fanpages* de quatro jornalistas, distribuídos entre a mídia comercial e alternativa. O período da campanha eleitoral presidencial brasileira de 2018 é utilizado como recorte histórico por compreender que neste período, naturalmente, os ânimos se acirram em virtude da disputa de projetos políticos antagônicos. O fato é que, a bem da verdade, a coleta das amostras poderia ocorrer em qualquer momento quando consideramos 2013 como marco inaugurador da ascensão da extrema-direita que se consolidaria nos anos seguintes.

Como a nossa problemática decorre do envolvimento da linguagem, consoante às explicações de Charaudeau (2011), quatro importantes questões devem ser consideradas na constituição do *corpus*. O primeiro ponto concerne à coleta de dados, cuja efetivação depende da materialidade linguística (produções linguísticas escritas), e o suporte que veicula a situação de comunicação (dispositivo virtual). Em seguida aparece a importância do material coletado e o seu valor de representatividade, observando, entretanto, que a hipótese da exaustividade não se sustenta mais. Depois elenca as categorias do objeto de análise distribuídas em gramaticais, lexicais, sintáticas e as variáveis externas referentes

aos tipos de locutores, dispositivos de comunicação, tempo e espaço. Por fim, destaca a utilização da ferramenta de tratamento de dados, se manual como é o caso desta pesquisa, ou se o processamento informatizado.

Ainda em relação ao *corpus*, Charaudeau (2011) afirma que o *corpus* não passa de pretexto no sentido de ser um ponto de partida indispensável para a análise do discurso e atenta para duas variáveis da contrastividade de modo a permitir a comparação de sequências discursivas. De um lado estão as variáveis externas que averiguam conjuntos textuais ou discursivos pertencentes a tempos, espaços ou dispositivos situacionais diferentes e de outro as variáveis internas, que por se situarem no interior de um mesmo campo de discurso, correspondem aos componentes situacionais que estruturam um domínio de práticas sociais que aproximam textos com a mesma temática.

Finalmente, seguindo as orientações de Charaudeau (2011), a lógica da pesquisa está baseada em um tratamento “empírico-dedutivo” em mão-dupla (idas e vindas) em que, de um lado, concentra-se a determinação dos objetivos de análise e das hipóteses significantes, e, de outro, estão os métodos de observação dos objetos e de coleta de dados em conformidade com uma instrumentação que trata dos objetivos e das hipóteses previamente estabelecidas. Por isso mesmo, na análise de discurso charaudeauriana a abordagem quantitativa assume um sentido provisório que deve ser confirmado, corrigido ou até mesmo contradito e, se for o caso, aprofundado pelo estudo qualitativo.

4.2.1 Método de coleta

De acordo com Charaudeau (2011), a prática de sujeito analisante e do método de análise experimentado nos trabalhos do Centre d'Analyse du Discours sobre *corpora* midiáticos aponta para a necessidade de discernir o que pertence à ordem da coleta de dados, da seleção das recorrências e da apuração das condições de comunicação. Com base nessa premissa, estabelecemos um Fluxograma de Coleta amparado na abordagem quantitativa. Segundo Charaudeau (2011) uma análise quantitativa fornece preciosas informações para análises posteriores, principalmente se utilizadas ferramentas técnicas cada vez mais eficientes como *softwares* e outros recursos digitais. Com isso, é possível estabelecer um “*corpus*-amostra” representativo composto por um conjunto de fragmentos de texto que, na etapa seguinte, possibilitará uma análise qualitativa da “fala dos atores, as características do dispositivo e o tratamento da temática” (CHARAUDEAU, 2011, p. 12).

No primeiro momento a seleção das amostras ocorreu com a coleta de 100 comentários (25 amostras coletadas igualmente em cada *fanpage*) selecionadas ao longo de 40 postagens (dez por cada *fanpage*). A seleção final das 16 reações discursivas ocorreu com base em critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos como conteúdo relacionado ao discurso de ódio, ordem cronológica do comentário e número de curtidas (demonstração de concordância), preferência política constatada com base no histórico do *feed* ou referenciados pelos grupos públicos que os selecionados participavam ou pelas *fanpages* que seguiam. Ao final, as reações discursivas foram retiradas de 14 postagens.

É importante anotar que os perfis de pessoas que tiveram comentário selecionado foram visitados para verificar se se tratava de um usuário real ou não. Os comentários originados de perfis comprovadamente fakes foram desconsiderados.

Finalmente, sob a abordagem qualitativa, aplicamos a Análise do Discurso nos 16 comentários selecionados para identificar e relacionar conceitos e categorias da Semiologia tais como as minuciosidades dos modos de organização do discurso, imaginários sociodiscursivos, sujeitos do discurso, saberes de crença e de conhecimento, visadas e efeitos de sentido. Na tabela abaixo o fluxograma metodológico da pesquisa.

Tabela 1 – Fluxograma da coleta e processamento das amostras.

1ª Fase – Abordagem quantitativa	2ª Fase – Abordagem qualitativa
<p>1.1 – Coleta dos comentários</p> <p>Critérios de Inclusão e Exclusão: Proximidade com a publicação e maior número de curtidas e respostas, e concordância com o dito.</p> <p>1.2 - Catalogação</p> <p>Cem (100) mensagens, das quais 25 oriundas de cada página coletadas ao longo de 40 postagens (dez de cada jornalista).</p>	<p>2.1 - Seleção</p> <p>Separação dos 16 comentários provenientes das 100 mensagens selecionadas na etapa anterior (1.2)</p> <p>Critérios de Inclusão e Exclusão: Visita aos perfis para verificação se perfil real ou fake. Foram observadas informações essenciais como estar ativo no Facebook, cidade de origem, idade (votante conforme legislação brasileira) e preferência política com base no histórico do <i>feed</i> ou referenciados pelos grupos públicos aos quais os selecionados participavam ou ainda as <i>fanpages</i> que seguiam.</p>

4.2.2 Identificação dos jornalistas

A escolha dos jornalistas fundamentou-se na relevância e na capacidade que os profissionais selecionados dispunham para promover o debate em suas respectivas páginas e, em algumas situações, interagir com os sujeitos internautas que responderam à postagem. Amparamos a escolha dos jornalistas referenciado nos conceitos de Norberto Bobbio (1994) de modo que os espaços de coleta dos comentários oferecessem elementos das opiniões circulantes do imaginário sociodiscursivo da extrema-direita.

A primeira é a jornalista Cynara Menezes, editora do *site* Socialista Morena e integrante da rede Jornalistas pela Democracia. Assumidamente de esquerda, formou-se na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em sua atuação profissional passou pelas redações de vários veículos de imprensa comercial como *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo (Estadão)*, revistas *IstoÉ*, *Veja*, *Vip*, além de veículos com viés político à esquerda como *Carta Capital* e *Caros Amigos*. Autora dos livros “*Zen Socialismo*”, “*O Que É Ser Arquiteto*” e “*O Que É Ser Geógrafo*”. Atualmente é editora do *site* Socialista Morena. Em agosto de 2018 quase 500 mil pessoas haviam curtido sua página no Facebook.

Formada pela Universidade de Brasília (UnB), em agosto de 2018 Eliane Cantanhêde atuava como colunista do “*O Estado de S. Paulo*”, comentarista no programa “GloboNews Em Pauta” do canal fechado *Globo News*, além de analista política na *Rádio Eldorado* de São Paulo. Ao longo de sua carreira também trabalhou no *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil*, *O Globo*, *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*. Apresentada como atenta crítica do poder, os textos e comentários desta comunicadora apresentam um viés liberal. É autora dos livros “*José Alencar: Amor à Vida*”, “*O PFL*” e “*As cidades do Brasil: Brasília*”. Sua página no Facebook possuía pouco mais de 100 mil curtidas em agosto de 2018.

Um dos primeiros jornalistas a sofrerem ameaças diante da ascensão da extrema direita, o esquerdista Leonardo Sakamoto é graduado pela Universidade de São Paulo (USP). Possui mestrado e doutorado em Ciências Políticas pela USP e ao longo de sua vida profissional cobriu conflitos armados pelo mundo e o descumprimento dos direitos humanos no Brasil. Também atuava como professor de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e na Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP). É ainda diretor da Organização Não Governamental ONG Repórter Brasil e conselheiro do

Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão. Escreveu e publicou os livros *“Trabalho Escravo no Brasil do Século XXI”*, *“Pequenos Contos Para Começar o Dia”*, *“Repórter Brasil - 10 anos de estrada de terra”*, *“O que Aprendi Sendo Xingado na Internet”* e *“Escravidão Contemporânea”*. Atualmente é blogueiro do Portal UOL. Em agosto de 2018 sua página no Facebook era curtida por pouco mais de 500 mil pessoas.

Criador do termo “Petalha”, José Reinaldo Azevedo e Silva é jornalista graduado pela Universidade Metodista de São Paulo. Durante sua trajetória profissional escreveu para o jornal *Diário do ABC*, *Folha de São Paulo*, revistas *Veja*, *Primeira Leitura* e *Bravo!*, além de ter atuado no programa *“Os pingos nos Is”* da *Rádio Jovem Pan* e como âncora do programa *“Pela Ordem”* na *Rede TV!*. Por todo esse período vocifera um costumaz anticomunismo. Atualmente é colunista no jornal *Folha de São Paulo* e apresentador do programa *“O É da Coisa”* na *Band News FM*, além de blogueiro colunista do site UOL. Escreveu os livros *“Contra o Consenso - Ensaios e Críticas”*, *“O País dos Petalhas”*, *“O País dos Petalhas II – O inimigo agora é o mesmo”* e *“Objecções de um Rottweiler Amoroso”*. Sua página no Facebook contava com quase 315 mil curtidas em agosto de 2018.

Pontuamos, por fim, que a seleção destes jornalistas ocorreu em condições adversas, especialmente no que diz respeito ao número reduzido de jornalistas mulheres que atuassem na cobertura política por grandes veículos da mídia comercial. As profissionais identificadas estavam com os perfis desativados ou sem atualizações, as poucas postagens existentes estavam relacionadas aos bastidores da profissão, possuíam um pequeno grupo de seguidores ou mantinham pouca interação com os seguidores. A exceção foi a então jornalista apreciada pela extrema-direita e âncora do programa *SBT - Brasil*, Rachel Sheherazade, que às vésperas da eleição anunciou em sua *fanpage* que não trataria de política durante o período da campanha. Por este motivo, foi necessário substituí-la pela colunista Eliane Cantanhêde.

Quanto aos números das páginas, é importante pontuar que quando uma pessoa opta por curtir uma página, automaticamente ela se torna uma seguidora desta mesma página. No entanto, é possível deixar de segui-la e continuar sendo apenas um “curtidor”, assim como “descurtir” e optar em apenas ser notificado sobre as publicações ou ainda segui-la sem que seja necessário curti-la. Por isso, a diferença encontrada entre os números de curtidas e seguidores.

Tabela 2 – Endereços dos *sites* dos jornalistas na *internet*, fanpage e a audiência das páginas.

Jornalista	Site/Fanpage	Curtidas	Seguidores
Cynara Menezes	www.socialistamorena.com.br www.facebook.com/SocialistaMorena	478.309	474.086
Eliane Cantanhêde	www.estadao.com.br/blogs/eliane-cantanhede/ www.facebook.com/elianecantanhedejornalista	100.214	100.459
Leonardo Sakamoto	www.blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br www.facebook.com/leonardo.sakamoto	525.751	517.642
Reinaldo Azevedo	www.redetv.uol.com.br/blog/reinaldo www.facebook.com/ReinaldoAzevedoColunista	314.658	314.683

4.3 Análises

Descrito o percurso metodológico que conduz esta pesquisa, passamos, então, a analisar como o discurso de ódio reverberou nas manifestações languageiras selecionadas.

4.3.1 Cynara Menezes – Socialista Morena

Publicada nos primeiros dias da campanha, a Postagem 01 datada de 03 de setembro de 2018 resultou em 320 interações no momento em que foi selecionada. Foram 263 curtidas³⁴, 33 comentários e 51 compartilhamentos. No contexto discursivo um primeiro sujeito-internauta se dirige ao sujeito-interpretante 1 e diz que [*Foi no governo do "apedeuta, analfabeto, iletrado", também conhecido como Luíz Inácio Lula da Silva, que, pelas mãos do ministro da Cultura, Gilberto Gil, foi criada a primeira política pública para museus da história do Brasil, a "Política Nacional de Museus", traduzida na lei 11.904/2009*]. Um segundo sujeito-internauta intervém e complementa [(**nome suprimido**) *deu até oportunidade para pobre estudar, mas acho que (**nome suprimido**) não quis...*]. No Quadro 1 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 1.

³⁴ Inicialmente a reação “curtida” no Facebook se resumia ao Like (Gostei) representado pelo ícone dedo polegar para cima. No início de 2016 a plataforma acrescentou cinco novos botões e as reações passaram, então, a contar com o coração Amei (representa algo positivo), a carinha Haha (representa sorriso – em algumas situações pode até soar ironia), a carinha Uau (representa surpresa), a carinha triste (contendo lágrimas de choro) e a carinha Grr (representa descontentamento e raiva).

QUADRO 1 – Reação Discursiva 1 - Facebook - Cynara Menezes

Cynara Menezes Postagem 01- 03/09/2018	
	COMUNICANTE: “Destruição do museu Nacional é fruto da desestabilização do país promovida pelo golpe”
	SUJEITO INTERPRETANTE 1: (nome suprimido), Não estudei muito mas não sou cego e vejo VCS idolatrando um candidato corrupto por ROUBAR o país. Vivo às minhas custas PORQUE trabalhei não como alguns que precisa de viver pendurados em políticos corruptos porque não conseguem caminhar com as próprias pernas...Inteligente é o ELEITOR de presidiário...

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Logo após o incêndio do Museu Nacional, a jornalista Cynara Menezes escreveu na Postagem 01 (QUADRO 1) que o fato seria consequência da instabilidade que o país atravessava desde a consolidação do *impeachment* da presidenta Dilma Roussef. Na performance a comunicante investe em um ponto de vista enunciativo ao lançar mão das funções alocutiva (influenciar) e elocutivo (opinião da jornalista), visando *fazer-compreender* que o Brasil havia se tornado um país de terras arrasadas. Assim, o período eleitoral seria uma oportunidade para que a população brasileira avaliasse a situação do país e elegeisse um candidato comprometido com a cultura e a preservação do patrimônio histórico. Esse candidato, necessariamente, seria uma pessoa da oposição, de esquerda e que, assim como ela, compreendesse que o processo de deposição da presidenta foi um golpe político, daí, portanto, a utilização da expressão “golpe” logo no título do texto.

Nesta postagem encontramos uma reação discursiva não mais à publicação da jornalista locutora de origem, mas em resposta ao comentário de um sujeito-internauta que precedeu o sujeito-interpretante 1. Duas pessoas debatiam a criação da Política Nacional de Museus pelo ex-presidente Lula quando, em tom de escárnio, a terceira pessoa direciona a resposta para as oportunidades que o Governo Lula havia proporcionado aos brasileiros, entre os quais, a possibilidade do pobre estudar, no entanto, oportunidade não havia sido aproveitada pelo sujeito-internauta que produz o comentário selecionado.

Em sua encenação linguageira o sujeito-interpretante 1 recorre aos modos descritivo e argumentativo para contrapor o sujeito-internauta precedente utilizando-se dos componentes da construção descritiva 1) “nomear” [*Não estudei*]; [*não sou*]; [*Vivo*]; [*trabalhei*] para dar existência a si mesmo e apresentar uma diferença entre ele e o sujeito-

internauta; 2) “localizar-situar” ao invocar a noção de tempo para se desvencilhar de uma suposta situação de cegueira a qual o sujeito-internauta estaria imerso por idolatrar um candidato corrupto que roubou o país, isto é, enquanto ele buscava um país livre e honesto, o seu antecessor insistia em defender “o tempo” do Brasil corrupto dos governos petistas; e 3) “qualificar” quando testemunha a sua subjetividade pelo olhar sobre o sujeito-internauta e manifesta o imaginário coletivo por meio de expressões qualificativas como [*pendurados em políticos corrupto*] e [*não conseguem caminhar com as próprias pernas*].

Para refutar a tese sobre a qual ele seria desprovido de conhecimento, o sujeito-interpretante 1 busca construir uma relação triangular do modo argumentativo constituída por ele, pela proposta sobre o mundo defendida por ele (viver às próprias custas e não às custas de político) e pelo sujeito-alvo (sujeito-internauta). No entanto, há uma ausência de racionalidade em sua tentativa argumentativa, posto que recorre a um universo discursivo de explicação constituído fundamentalmente em representações languageiras de suas experiências individuais.

No fechamento do ato comunicativo o sujeito-interpretante 1 utiliza a ironia identificada no trecho [*inteligente é ELEITOR de presidiário*] enquanto recurso textual defensivo de discordância (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006) ao comentário do sujeito-internauta antecedente. Na ironia a palavra inteligente assume o sentido de “burro” para fazer-crer que o “burro” seria o sujeito-internauta antecedente e não ele, já que ele não idolatrava candidato corrupto. Ademais, o ponto de vista está imbricado por marcas sociodiscursivas pós-verdadeiras que fazem desaparecer o hiato entre o real e o imaginário.

A nova postagem da jornalista Cynara Menezes de 20 de outubro de 2018 gerou 672 interações, das quais 444 curtidas, 78 comentários e 150 compartilhamentos. No Quadro 2 apresentamos as reações discursivas dos sujeitos interpretantes 2 e 3.

QUADRO 2 – Reações Discursivas 2 e 3 - Facebook - Cynara Menezes

Cynara Menezes Postagem 02 - 20/10/2018	
	<p>COMUNICANTE: este cristo que tudo proíbe, tudo pune, que só pensa em bens materiais e que vê maldade em tudo não está nos evangelhos. desafio qualquer um destes fundamentalistas religiosos a me mostrar onde, no novo testamento, jesus ensina a agir como eles agem. tecnicamente jesus cristo ainda nem nasceu para eles. ainda estão na velha bíblia de jeová, antes do nascimento de cristo. a maior evidência disso é que, ao incitar o ódio contra o PT, descumprem um dois principais mandamentos de jesus: amar o próximo como a ti mesmo. para terminar, peço aos bolsonaristas que me respondam</p>

com sinceridade: jesus, que foi chicoteado, apedrejado e por último crucificado, defenderia sob qualquer hipótese a tortura de seres humanos, como faz bolsonaro? Eles não são cristãos: Jesus de Bolsonaro, Malafaia e companhia não existe nos evangelhos

SUJEITO INTERPRETANTE 2: Tuas ideias não correspondem aos fatos, QUANDO tu falas no martírio de JESUS apresentando-o à nossa REALIDADE, estás acusando ISRAEL que é a LINHAGEM terrena de cristo, vc subiu ao céu pra PERGUNTAR a JESUS se ele ACEITA ser CHAMADO de gay, VIADO, travesti, bicha? O que ele disse a vc?

SUJEITO INTERPRETANTE 3: Sou cristão.. voto em Bolsonaro...não voto em quem e a favor do aborto.. em quem apoia o comunismo...em que desrespeita a fé cristã...em quem prega que ninguém nasce homem e mulher....quem quiser ser ter outra orientação sexual fiquem a vontade mais não confundam nossas crianças...Jesus xicoteau os mercados do templo...então amar não significa concordar 100%..podemos discordar e mesmo assim amar os homossexuais sem problema....devemos amar o próximo....mas no que se refere ao criminosos eles tem que pagar pelo seu crime...E sobre o porte de arma...Sou a favor...Temos que ter o direito de defesa caso algum meliante entre em nossas casas...

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No comentário seguinte são identificadas marcas sociodiscursivas do fundamentalismo religioso, uma das expressões do neoconservadorismo brasileiro. Na postagem 2 (QUADRO 2) o sujeito comunicante compartilha um texto direcionado aos seguidores do candidato Jair Bolsonaro [*peço aos bolsonaristas que me respondam*] aplicando a *visada de provocação* presente no procedimento discursivo da categoria questionamento. Ela busca esclarecer que o Jesus Cristo pregado pelos fundamentalistas religiosos [*que tudo proíbe, tudo pune, que só pensa em bens materiais e que vê maldade em tudo*] não era o mesmo Jesus Cristo relatado nos Evangelhos. Assim, provoca o destinatário a tomar posição.

A comunicante posiciona-se em um texto construído em 1ª pessoa revelando o modo de organização enunciativo cuja intencionalidade é demonstrar conhecimento de um propósito e expressar o ponto de vista acerca de um Jesus diferente do Jesus defendido pelos fundamentalistas. O modo de organização argumentativo é percebido na combinação da lógica-argumentativa “modo raciocínio alternativo” proveniente da escolha entre duas negativas, um dilema enxergado por Charaudeau (2015), e o procedimento discursivo de

citação quando ela utiliza o mandamento bíblico [*amar o próximo como a ti mesmo*] como fonte de verdade do seu argumento.

Inicialmente cabe observar que se não muitos, pelos menos dois “bolsonaristas” aceitam o desafio proposto pela locutora e apresentam respostas ao questionamento. Podemos notar que os sujeitos interpretantes 2 e 3 organizam a interpretação do enunciado com base em suas referências cristãs-conservadoras e tentam construir o raciocínio evocando o princípio da pertinência já que o assunto tratado se assenta em um saber referente ao universo de suas identidades religiosas. Para eles, a locutora desvirtua o ensinamento histórico, viola os preceitos do cristianismo e desrespeita os próprios cristãos.

Verificamos que o sujeito-interpretante 2 ordena a tomada de posição em duas frentes de contestação utilizando dos componentes da construção descritiva. No primeiro momento ele formata uma visão simbolizada, isto é, este sujeito-internauta encontra-se naquele espaço para refutar a comunicante quanto às concepções que ele diz serem equivocadas, por isso alerta [*Tuas ideias não correspondem aos fatos*] para descredenciar a locutora, numa espécie de desautorização político-sagrada uma vez que ela não possui autoridade religiosa para discutir o assunto, haja vista ser uma pessoa de esquerda, logo, anticristã. O sujeito-internauta produz um efeito de realidade [*noSSA REALIDADE*] para deslegitimar indivíduos externos e refutar o que ele acredita ser uma tentativa de acusar Israel do martírio sofrido por Jesus Cristo. Para ele, somente os evangélicos adoradores de Israel [*que é a LINHAGEM terrena de cristo*] poderiam tomar decisões a respeito do legado de Cristo e, por isso, a discussão sobre o comportamento dos evangélicos compete somente aos próprios evangélicos.

No segundo momento o sujeito-interpretante 2 prossegue a sua asserção lançando provocações em relação à postagem original. O sujeito-internauta 2 indaga se a comunicante havia subido ao céu para saber como foi a reação de Jesus Cristo diante da acusação supostamente feita pela esquerda [*se ele ACEITA ser CHAMADO de gay, VIADO, travesti, bicha?*] e [*O que ele disse a vc?*]. As indagações do sujeito-internauta 2 são referenciadas no imaginário sociodiscursivo construído pela extrema-direita exemplificado pelo caso da *fake news* da camisa de Emanuela Davila. O sujeito-internauta 2 utiliza-se de elementos do procedimento discursivo na categoria questionamento para confrontar a argumentação da locutora e produzir efeitos de persuasão. Nos questionamentos apresentados identificamos a presença da visada de *verificação de saber*

dada a situação de troca polêmica em que o sujeito-internauta 2 almeja demonstrar que possui conhecimento sobre o assunto tratado e busca assegurar superioridade.

A estratégia aplicada pela locutora com a utilização do procedimento discursivo questionamento alcançou êxito na medida em que os “bolsonaristas”, nos dizeres dela, aceitaram o desafio. No enunciado do sujeito-interpretante 3 é possível verificar elementos das marcas sociodiscursivas do neoconservadorismo, entre eles, o fundamentalismo cristão e anticomunismo. Em sua tomada de posição contrária à visada provocativa da jornalista, este sujeito-internauta recorre aos modos descritivos e argumentativos para afirmar sua expressão cristã enquanto eleitor de Jair Bolsonaro e organizar seu discurso compartilhando critérios que norteiam a descrição (CHARAUDEAU, 2016) enumerada por ele como (1) ser contra o aborto, (2) contra o comunismo, (3) contra quem desrespeita a fé cristã, (4) contra o que pode ser compreendido como a “ideologia de gênero” e (5) a favor do porte de armas.

Como vimos anteriormente, a extrema-direita rebaixou o debate público ao inundar as redes sociais virtuais de *fake news* e o resultado se constata nos motivos apresentados pelo sujeito-internauta 3 para fazer a defesa de sua escolha pelo candidato da extrema-direita. De igual maneira ao seu antecessor, quando escreve [*Jesus xicoteau os mercados do templo*] o sujeito-internauta 3 sustentar recorrendo a uma visada de *verificação de saber* no intuito de assegurar que possui conhecimento superior a jornalista. A passagem bíblica a qual se refere retrata a expulsão dos vendilhões (comerciantes da fé) dos templos religiosos. Com isso, ele quer *fazer-compreender* que o mesmo Jesus fará isso com os novos vendilhões, numa alusão aos pastores citados pela comunicante, fazendo crer que não compete a ela promover tal discussão.

Quando o sujeito-internauta 3 elenca os critérios para a tomada de posição contrária ao questionamento provocado pela comunicante, produz um “efeito de saber” transcorrido em uma encenação descritiva procedente de uma série de identificações e qualificações que, conforme Charaudeau (2016), presumivelmente o sujeito leitor (comunicante) não conhece. Ao se posicionar e supostamente demonstrar conhecimento religioso, este sujeito-internauta busca construir uma imagem de si (*ethos*) como um *descriptor sábio* com o objetivo de provar a veracidade do relato em forma de argumentação.

Para reforçar sua estratégia argumentativa no fragmento [*amar não significa concordar 100%..podemos discordar e mesmo assim amar os homossexuais sem problema....devemos amar o próximo....mas no que se refere ao criminosos eles tem que*

pagar pelo seu crime] o sujeito-internauta 3 utiliza do *procedimento semântico de domínio ético* para revelar valores do grupo sociocultural no qual está inserido. Segundo Charaudeau (2016) o *domínio ético* cumpre a função de classificar o comportamento humano como bem ou mal diante de uma moral externa proveniente das leis consolidadas pelo consenso social e uma moral interna formada pelas próprias convicções.

Neste trecho ele pondera a aceitação dos homossexuais a uma recomendação divina (ame o seu próximo como a si mesmo) e estabelece uma categorização de criminosos em que a homossexualidade é equiparada a infratores em atitude reprovada. Por conseguinte, o sujeito-internauta quer dizer que há “crimes do bem”, ainda que condenáveis, são socialmente aceitos, como a homossexualidade e “crimes do mal”, exemplificado por roubos, cujo criminoso deve ser exemplarmente punido, inclusive com a morte.

A última postagem da jornalista Cynara Menezes selecionada no dia 26 de outubro de 2018 demonstrou o aumento do engajamento tendo em vista a aproximação do dia de votação. Foram geradas 4.732 interações, das quais 3.200 curtidas, 132 comentários e 1.400 compartilhamentos. No Quadro 3 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 4.

QUADRO 3 – Reação Discursiva 4 - Facebook - Cynara Menezes

Cynara Menezes Postagem 03 - 26/10/2018	
	COMUNICANTE: atores e atrizes estão montando banquinhas nas ruas das capitais do país para conversar com indecisos e esclarecer sobre o perigo que representa para a democracia uma vitória do candidato de extrema-direita jair bolsonaro no próximo domingo. e sobre a importância da eleição de fernando haddad acima de divergências políticas. eventos semelhantes estão acontecendo em todo o país. em Brasília, a panfletagem será daqui a pouco, na rodoviária do plano piloto - Artistas montam banquinhas e conversam com indecisos pela democracia, por Haddad
	SUJEITO INTERPRETANTE 4: Devem estar com medo do futuro sem Lei Rouanet. Nunca se manifestaram contra a corrupção e afins.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A virulência que abateu o Brasil durante a campanha eleitoral, intensificada na véspera da votação, se confirmou no enunciado encontrado na última postagem da jornalista Cynara Menezes (QUADRO 3). Em meio ao clima do Vira-Voto a comunicante postou que artistas brasileiros aderiram à campanha contra o candidato da extrema-direita e

foram às ruas e praças das principais capitais brasileiras para dialogar com a população. A jornalista organizou o ato linguageiro nos princípios do modo descritivo ao “nomear” (atores e artistas), “localizar-situar” (capitais do país, Brasília) e “qualificar” a ação dos artistas (conversar e explicar o perigo da eleição de Jair Bolsonaro e a importância de eleger Fernando Haddad) e do modo narrativo ao contar como o evento estava acontecendo no sábado pré-votação. Em sua intencionalidade psico-sócio-discursiva revela que famosos estavam na rua e o leitor, de igual maneira, também deveria ir às ruas em busca de votos para o candidato petista.

Para mobilizar os seguidores da página a também aderirem à tática do Vira-Voto é possível identificar que a comunicante recorre ao que Charaudeau (2004) descreve como sendo *visada de informação* pois ela está diante de sua posição legítima de jornalista (‘eu’ quer *fazer-saber*) e os sujeitos-internautas na posição de leitor (‘tu’ *dever-saber*) sobre os fatos, e a *visada de incitação* na intenção de persuadir ou seduzir os sujeitos interpretantes a agirem. Por não estar na posição de autoridade, restava à jornalista incitar a tomada de decisão.

A reação-discursiva do sujeito-interpretante 4 seguiu a narrativa construída pela desinformação sustentada em *fake news* contra a Lei Rouanet e conseqüentemente aos “artistas-esquerdistas” apontados como parasitas de recursos públicos. Sem destoar, o sujeito-internauta responde a locutora com uma provocação irônica direcionada aos artistas [*Devem estar com medo*] se referindo ao fato de o presidenciável da extrema-direita ter prometido rever a referida lei de apoio à cultura e acabar com a “mamata”. Na encenação argumentativa o sujeito-interpretante 4 utiliza o procedimento discursivo de *comparação* [*Nunca se manifestaram contra a corrupção e afins*] visando reforçar a compreensão do seu julgamento e assim produzir um *efeito pedagógico* (CHARAUDEAU, 2016). O comentário deste sujeito-internauta revela que os “artistas-esquerdistas” são corruptos igualmente aos governantes e, por isso, são corresponsáveis pela situação na qual o Brasil se encontrava naquele momento.

Para demonstrar uma tomada de posição contrária ao enunciado, o sujeito-interpretante 4 produz um comentário marcado por traços semânticos do imaginário sociodiscursivo neoconservador. Charaudeau (2017) lembra que o imaginário é uma forma de percepção do mundo decorrente da mecânica das representações sociais, resultante de um processo de simbolização do mundo mediante a intersubjetividade das relações humanas, e que se encontra depositado na memória coletiva, isto é, na opinião coletiva.

Dessarte, “o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação” (CHARAUDEAU, 2017, p.8). Isto é, desde a ascensão do neoconservadorismo a pauta cultural se tornou uma das principais frentes de ataques da extrema-direita porquanto, na visão dos extremistas de direita, os “artistas esquerdistas” beneficiados pela Lei Rouanet, seriam os responsáveis pela propagação do Marxismo Cultural³⁵ com o objetivo de destruir as instituições basilares da sociedade como a família e os valores tradicionais.

Na exposição do sujeito-interpretante 4 identificamos ainda o que Wander Emediato (2015, p.189) classifica como *opiniões circulantes* uma vez que as opiniões nas redes não são reguladas e obedecem a uma espontaneidade semelhante ao “espaço doméstico, onde se pode falar de quase tudo sem limites rígidos de censura além da própria ética pessoal” e estão no limite entre a *doxal* e *adoxal*. Nesse sentido, a opinião deste sujeito-internauta se encaixa na categoria *doxal* por obedecer a critérios de razoabilidade admissíveis e, portanto, possíveis de serem aceitos (EMEDIATO, 2015). É certo, pois, que o sujeito-interpretante 4 faz uma provocação que pode até ser considerada qualificada ao ser comparada com outros comentários encontrados nesta pesquisa.

4.3.2 Eliane Cantanhêde - Representante da grande mídia

No dia 23 de setembro de 2018 selecionamos a primeira postagem da jornalista Eliane Cantanhêde. Nesta publicação foram registradas 504 interações, sendo 206 curtidas, 255 comentários e 43 compartilhamentos. No Quadro 4 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 5.

QUADRO 4 – Reação Discursiva 5 - Facebook – Eliane Cantanhêde

Eliane Cantanhêde Postagem 04 - 23/09/2018	
	COMUNICANTE: Dois Brasis: direita sólida no Sul e no Centro-Oeste, esquerda reinando no Nordeste.
	SUJEITO INTERPRETANTE 5: O Centro-oeste é direita pq foi colonizado em grande parte por sulistas. Somos herdeiros do pragmatismo realista daqueles que lutaram quase a vida inteira para formar e manter suas

³⁵ Trata-se de uma Teoria da Conspiração de inspiração conservadora surgida na década de 1990, nos Estados Unidos, que prega supostas mudanças táticas do marxismo. Nesta perspectiva o marxismo passaria a atuar na sociedade mundial por meio da estratégia da dominação cultural ao invés de promover a revolução comunista.

fronteiras contra a invasão dos castelhanos. O Nordeste sempre buscou um reino encantado idílico como escape das angústias do presente. Veja como o que digo é verdade, pega o livro mais importante do gaúcho o Tempo e Vento (Érico Veríssimo) e compara com a obra do grande Suassuna à Pedra do Reino. O primeiro conta uma história crua, pragmática sem misticismo, sem magia. A segunda é mágica, cheia de coisas mirabolantes que tentam, sem muito sucesso, esconder o sofrimento do sertão. O mote da primeira diz que sofrer é preciso. Já a segunda fala que imaginar é preciso. Por isso um grupo é de direita e outro de esquerda. Um grupo não sabe sonhar e outro só sabe sonhar.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Durante o período eleitoral a jornalista Eliane Cantanhêde utilizou a sua *fanpage* para compartilhar links dos artigos de análise política publicados pelo Jornal *O Estado de S. Paulo* e disponibilizados no portal do veículo a qual ela submetia o serviço intelectual de analista. A 15 dias da votação em primeiro turno ela postou o artigo intitulado “Dois Brasis: direita sólida no Sul e no Centro-Oeste, esquerda reinando no Nordeste” (QUADRO 4) em que, na condição de comentarista, examinava os números revelados pela pesquisa Datafolha publicada anteriormente. No ato de linguagem, considerado apenas o título do artigo, uma vez que a jornalista não produz qualquer escrita na postagem além da reprodução do próprio título, a comunicante age adotando o modo enunciativo por meio de um comportamento elocutivo para enunciar um ponto de vista acerca das informações contidas na pesquisa, resumindo o cenário de divisão política que o país registrava naquele momento.

A opinião dela reúne uma mescla dos pontos de vista “*modo de saber*” e “*avaliação*” (CHARAUDEAU, 2016), pois estão presentes elementos que, por um lado, especificam o conhecimento dela sobre um determinado propósito e, por outro, singularizam o julgamento dela sobre o referido propósito. Como bem observa Charaudeau (2016), o comportamento elocutivo ocorre quando o locutor expressa seu ponto de vista, configurando-se linguisticamente através de categorias modais específicas.

Desempenhando o seu papel de comunicante, a articulista reconhece o fato e busca relatar de maneira objetiva para não ser implicada no que é dito. Aparentemente, atende aos princípios requeridos pelo jornalismo para criar efeitos de objetividade e imparcialidade, no entanto, o título demonstra que a locutora utiliza do recurso de

construção de sentidos cuja intencionalidade é provocar o julgamento do fato pelos seguidores da página.

Nesse sentido, é possível constatar que o sujeito-interpretante 5 ativa seus conhecimentos linguísticos, reúne informações acerca do fato na construção dos sentidos sobre o enunciado na tentativa de seduzir a audiência (demais seguidores). Para isso, o sujeito-internauta estimula o procedimento discursivo de comparação presente no modo argumentativo a fim de produzir efeitos de persuasão e reforçar o seu julgamento fundado na dicotomia da superioridade dele (região) sobre a inferioridade dos nordestinos. Ele recorre à categoria de qualificação para apresentar as características das respectivas regiões, uma formada por trabalhadores, à direita, e outra constituída por “sonhadores”, à esquerda, e, desta maneira, destacar as diferenças existentes entre elas, notadamente no aspecto sociocultural.

Apesar da tentativa de ocultar o insulto aos nordestinos, o enunciado do sujeito-interpretante 6 revela uma patologia social grave supostamente organizada em uma lógica argumentativa distribuída em asserção de partida (A1), em asserção de chegada (A2) e na asserção de passagem (Charaudeau, 2016). Assim, o sujeito-internauta utiliza o fragmento [*O Centro-oeste é direita pq foi colonizado em grande parte por sulistas*] como premissa e o trecho [*Por isso um grupo é de direita e outro de esquerda. Um grupo não sabe sonhar e outro só sabe sonhar*] para legitimar e concluir o raciocínio.

O sujeito-interpretante 5 virtualiza um quadro comparativo de duas importantes obras da literatura brasileira como asserção de passagem para justificar que [*O Nordeste sempre buscou um reino encantado idílico como escape das angústias do presente*] por ser uma região [*mágica, cheia de coisas mirabolantes que tentam, sem muito sucesso, esconder o sofrimento do sertão*]. Logo, o universo de crença deste sujeito-internauta tenta estabelecer a prova de que regiões que não sonham, votam na direita e são superiores, enquanto que a região Nordeste, por ser sonhadora e por votar na esquerda, é considerada inferior.

Cabe ainda observar que ao enunciar sua posição de concordância, o sujeito-interpretante 5 tenta construir um *ethos* (imagem de si) intelectual afinal, julga ser um herdeiro do pragmatismo realista dos sulistas. Como nacionalista que se apresenta, deveria considerar a história do país e observar que o processo de Independência do Brasil foi iniciado com as inúmeras revoltas populares ocorridas no litoral nordestino, notadamente a Revolução Pernambucana e a Independência da Bahia.

Já a postagem do dia 25 de setembro de 2018 recebeu 555 interações, sendo 189 curtidas, 325 comentários e 41 compartilhamentos. No Quadro 5 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 6.

QUADRO 5 – Reação Discursiva 6 - Facebook – Eliane Cantanhêde

Eliane Cantanhêde Postagem 05 - 25/09/2018	
	COMUNICANTE: Fim da zona de conforto: Ibope dá três más notícias para quem vota em Bolsonaro só para tentar conter o PT
	SUJEITO INTERPRETANTE 6: As urnas sempre foram fraudadas e o Ibope faz suas pesquisas fraudulentas p confirmar o roubo. A verdade é: PT nunca ganhou uma eleição honestamente, foi tudo fruto das mesmas máquinas que elegem Maduro. Acha mesmo que o povo da Venezuela queria o Maduro? Se fosse verdade não estariam se refugiando em outros países, que mesmo dormindo nas praças há alguma esperança e c Maduro só fome, miséria, morte e dor. E com o PT no poder novamente nós é que teremos que nos refugiar em outros cantos. Ah , aproveitem antes do muro do Trump, pq depois vamos todos morrer de fome, sem ter p onde fugir, pois o projeto da Nova Ordem Mundial é nos trancafiar do México p baixo sem termos p onde fugir p morrermos e o Lula/ esquerda tem esse compromisso assinado Pnds e até 2.030 redução populacional, pq acreditam que o planeta não tem recursos naturais p todos. Sugiro que leiam Os 10 mandamentos/ Pedraa Guias da Geórgia. Temos que lutar contra essa agenda assassina.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Dois dias após, Eliane Cantanhêde voltou a compartilhar um novo link do seu artigo mais recente publicado pelo Jornal *O Estado de S. Paulo*, desta vez, analisando os dados do levantamento realizado pelo Ibope. Naquele momento Jair Bolsonaro já liderava a disputa, mas as sondagens começaram a apontar que a diferença para o segundo colocado, Fernando Haddad, diminuía. Por isso, ao comentar a pesquisa, a jornalista avaliou o cenário e expressou um ponto de vista dando o título “*Fim da zona de conforto: Ibope dá três más notícias para quem vota em Bolsonaro só para tentar conter o PT*”.

Segundo Charaudeau (2015), comentários e análises de jornalistas especialistas que, por vezes, também se encontram na posição de analistas engajados, como é o caso das análises desenvolvidas por Eliane Cantanhêde, estão situados na zona “acontecimento comentado” (CHARAUDEAU, 2015, p.209) no quadro de tipologização dos gêneros de informação midiática. Já os títulos dos textos jornalísticos são objetos de regularidades textuais controlados por uma instância de enunciação e, mesmo apresentando elementos de

comentários, se enquadram na zona de “acontecimento relatado” (CHARAUDEAU, 2015, p.209). Para registro, Charaudeau (2015, p.209) define como terceira e última tipologia o “acontecimento provocado”.

Recorrendo às visadas de informação e incitação, a comunicante busca atrair a audiência dos seguidores. Porém, ao provocar o conteúdo da notícia que está revelando, restringe a visada apenas aos eleitores de Bolsonaro [*quem vota em Bolsonaro*]. No espaço de manifestações um eleitor do direitista se opôs à visada da jornalista para colocar em suspeição a credibilidade do instituto de pesquisa.

Embrenhada por *fake news*, a reação-discursiva do sujeito-interpretante 6 se ampara em um imaginário social criado pela extrema-direita distribuída em quatro eixos: fraude nas urnas, comparação com a situação da Venezuela, separatismo do presidente americano e um suposto acordo da esquerda para reduzir a população brasileira.

Durante as eleições, o candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro, voltou a demonstrar desconfiança em relação à confiabilidade da urna eletrônica e durante uma *live* direto do hospital onde se recuperava do atentado, levantou suspeitas sobre a possibilidade de ocorrer fraude na votação. No período em que esteve como deputado federal Jair Bolsonaro apresentou, em 2015, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) estabelecendo o voto impresso, argumentando que esta iniciativa possibilitaria ao cidadão o direito de provar em quem havia votado, além de viabilizar a recontagem manual dos votos. A proposta foi inserida na Reforma Política, mas às vésperas das eleições de 2018 o Superior Tribunal Federal (STF) considerou a medida inconstitucional por violar o direito do voto secreto.

Em seguida, emenda a argumentação explanando que as vitórias alcançadas pelo PT não foram honestas, mas resultados das mesmas estratégias de manipulação adotadas pelo presidente venezuelano, Nicolás Maduro. Prossegue a linha de raciocínio para dizer que o povo venezuelano não teria eleito o esquerdista Nicolas Maduro tanto que, para fugir da miséria que o país havia se transformado, muitos venezuelanos estavam se refugiando em outros países. Para não acontecer no Brasil o mesmo que acontecia no país vizinho, seria necessário impedir uma nova vitória do PT sob o risco de os brasileiros terem que se refugiar dali por diante.

Ao adentrar na questão dos refugiados o sujeito-internauta conduz a argumentação para uma discussão geopolítica e implicitamente revela que, se os brasileiros necessitassem de refúgio, este local deveria ser os Estados Unidos. Porém, desde que a medida fosse

adotada antes que o presidente norte-americano construísse o muro na fronteira com o México como havia prometido. Do contrário, não haveria mais saída para os brasileiros, já que estariam impedidos de chegar aos Estados Unidos devido ao despontar da Nova Ordem Mundial.

Aliado a este cerco, os brasileiros ainda precisariam sobreviver a uma suposta redução da população, pois Lula teria se comprometido com a Nova Ordem Mundial ao assinar a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS) diante da insustentabilidade do planeta. Por isso mesmo recomenda que a audiência conhecesse os [10 mandamentos da Pedra Guias da Geórgia], um monumento construído nos Estados Unidos, em 1979, que despertou o interesse dos mais variados teóricos da conspiração quanto ao objetivo do painel, uma vez que as dez frases que compunha a escultura, supostamente seriam os dez mandamentos do anticristo, incluído a redução populacional do planeta.

Neste quadro o sujeito-interpretante 6 organiza o seu discurso utilizando os modos de organização descritivo e argumentativo. Ao comparar um possível cenário que o Brasil atravessaria diante de uma eventual vitória petista, ele descreve uma sucessão de situações vivenciadas pelo país vizinho como forma de impactar a audiência. No comentário, as marcas do modo descritivo são suscitadas no procedimento de identificação “*nomear*” (Lula, Maduro e Trump) de modo a fazer com que o ser seja, no procedimento construção objetiva do mundo ao “*localizar-situar*” (Brasil, Venezuela, México e 2030) para fazer com que o ser esteja. Finalmente, o procedimento subjetiva ao “*qualificar*” (urnas fraudadas, refugiar e agenda assassina) para fazer com que o ser seja alguma coisa, neste caso, o caos ao qual ele acreditava que o Brasil se tornaria.

Na tentativa de incitar e construir uma visão de verdade sobre o mundo, o sujeito-internauta recorre à construção objetiva do mundo. Para isso, indica a leitura dos “10 mandamentos da Pedra Guias da Geórgia” como elemento indicador de traços verificáveis visando atestar a veracidade do que afirmava sobre o suposto plano de redução populacional previsto para acontecer até o ano de 2030. Charaudeau (2016) observa que não se trata de uma verdade de mundo, mas de um imaginário social compartilhado por indivíduos que creem ser a verdade, quando não passa de uma ilusão de verdade, um fantasma de verdade ou preferivelmente uma verossimilhança realista.

Como nos lembra Charaudeau (2016), o modo descritivo é livre e está sempre em relação com outros modos que no caso do comentário exemplificado (QUADRO 5), se

relaciona ao argumentativo. Assim, a relação triangular que atesta a argumentação é constituída pelo próprio sujeito-interpretante que assume o papel de sujeito argumentante, pela defesa da proposta de mundo [*lutar contra a agenda assassina*] e, por fim, a presença do sujeito-alvo representado pela jornalista ao qual ele dirige o comentário em refutação.

Apesar de a reação discursiva do sujeito-interpretante 6 ser marcada por uma “combinação frástica” (CHARAUDEAU, 2016) e não registrar uma operação lógica, ainda assim é possível localizá-la enquanto modo argumentativo posto que a “argumentação não se limita a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos” (CHARAUDEAU, 2016, p.203) além de que, o aspecto argumentativo é identificado no que está implícito. Como exemplo, no trecho [*Acha mesmo que o povo da Venezuela queria o Maduro?*] o sujeito-interpretante faz uma associação entre dois projetos políticos em diferentes países e iguala os sistemas eleitorais brasileiro e venezuelano. Implicitamente o sujeito-internauta quer dizer que os dois grupos vencem as eleições porque controlam o “mecanismo”, termo este recorrentemente empregado pela extrema-direita para se referir ao sistema repressor.

Na terceira publicação da jornalista Eliane Cantanhêde postada em 05 de outubro de 2018 foram contabilizadas 966 interações, das quais 554 curtidas, 191 comentários e 221 compartilhamentos. No Quadro 6 consta a reação discursiva do sujeito-interpretante 7.

QUADRO 6 – Reação Discursiva 7 - Facebook – Eliane Cantanhêde

Eliane Cantanhêde Postagem 06 - 05/10/2018	
	COMUNICANTE: A estratégia e a experiência eleitoral do PT não estão dando conta da onda Bolsonaro. Ele reina entre mais ricos e escolarizados e continua crescendo, Haddad cresce entre mais pobres e sem instrução, mas praticamente estaciona no geral. “Os antagonistas”.
	SUJEITO INTERPRETANTE 7: Logico que o Haddad cresce entre os sem instrução q acham q vão ficar ricos como o Lula. A ignorância é um fato no Brasil. O PT nunca se preocupou com a educação. Educar para que? A instrução leva à questionamento. os outros são tão corruptos quanto os dirigentes.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A dois dias da votação em primeiro turno, a jornalista Eliane Cantanhêde voltou a comentar as pesquisas de sondagem que apontavam o candidato Jair Bolsonaro na dianteira, seguido do candidato petista Fernando Haddad. No artigo intitulado “Os

Antagonistas” ela sugeria que os esforços adotados e a experiência eleitoral do PT não estavam sendo capazes de conter o avanço do extremista que naquele momento da campanha sonhava com a vitória na primeira etapa. Mais uma vez ela estratifica os resultados para apontar que os mais ricos apostaram na candidatura da extrema-direita enquanto os mais pobres permaneciam votando com o PT.

Dotada do conhecimento sobre a situação política do país, no ato linguageiro (QUADRO 6) a comunicante investe nas visadas de “informação” e “incitação” (CHARAUDEAU, 2004) para revelar uma informação obtida por ela, ao mesmo tempo em que motiva o consumo da notícia. Legitimada pela sua posição de saber jornalístico e conhecedora da identidade dos participantes, a locutora quer “fazer saber” aos seguidores da página que os ricos votam em Jair Bolsonaro e os pobres em Fernando Haddad. Ademais, como não é uma autoridade capaz de “mandar fazer”, quando adiciona um comentário na postagem do artigo, ela está, senão, incitando o ímpeto dos seguidores na discussão que se seguiria e desta maneira captar a audiência para a sua página. É possível ainda identificar que a locutora institui uma expectativa (*enjeu*) na situação de comunicação com seus seguidores.

O ato linguageiro selecionado se inscreve no modo de organização descritivo observado no componente “*nomear*” presente no procedimento de identificação cuja finalidade é informar. Assim, ao citar os nomes “Bolsonaro” e “Haddad”, logo no início da postagem, a comunicante faz com que estes seres do mundo (políticos) tenham suas identidades reconhecidas pela audiência de modo que esta informação contribua com a compreensão do texto. Charaudeau (2016) lembra que é justamente nos meios de comunicação que este procedimento de caracterização identificatória é empregado com mais intensidade. A intenção é discernir os adversários e evitar ambiguidades ao longo da leitura e apresentar os personagens, ainda que àquela altura os candidatos fossem amplamente conhecidos.

Captado pela estratégia adotada pela jornalista, o sujeito-interpretante 7 manifesta elementos do discurso de ódio empregado pela extrema-direita brasileira para categorizar os eleitores de Haddad como vagabundos que vivem às custas do Estado. Apesar de a manifestação do sujeito-internauta evidenciar uma perspectiva de setores da camada média alta brasileira, sem conhecer o indivíduo, contudo, não é possível dizer se ele pertenceria à elite ou se seria um cidadão das camadas populares que estaria nas redes sociais virtuais compartilhando um discurso na qual havia se identificado.

O indivíduo projeta uma racionalidade com o objetivo de explicar um fenômeno, segundo ele, criado pelo PT. Para isso, recorre à razão demonstrativa do modo de organização argumentativo na tentativa de expressar a sua convicção, embora não apresente “bons argumentos” e condizentes com a realidade. Charaudeau (2006) vai dizer que a razão demonstrativa está fundamentada em um mecanismo no intuito de estabelecer relações de causalidades através de procedimentos que constituem a organização da lógica argumentativa.

Nesse sentido, obedecendo à organização da lógica argumentativa esquematizada por Charaudeau (2016), os elementos de base da reação discursiva do sujeito-interpretante podem ser detalhados da seguinte maneira. Quando atribui propriedades e faz os seres existirem, o trecho [*Logico que o Haddad cresce entre os sem instrução q acham q vão ficar ricos como o Lula*] assume o ponto inicial ou a Asserção de Partida (A1). A premissa, observa Charaudeau (2016), vai requerer um efeito final. Ocorre que o caminho percorrido na argumentação não acontece de modo arbitrário e este ponto do percurso expresso no intervalo [*O PT nunca se preocupou com a educação*] caracteriza a Asserção de Passagem, pois, segundo Charaudeau (2016), é o espaço que justifica a relação de causalidade e reflete o universo de crenças do sujeito-internauta. Finalmente, a Asserção de Chegada assinalada no fragmento [*A instrução leva à questionamento. os outros são tão corruptos quanto os dirigentes*] representa o desfecho do raciocínio e expressa a causa da premissa.

Desta maneira, o sujeito-internauta revela em sua argumentação que, propositadamente, os pobres eleitores do candidato petista não foram instruídos para que assim permanecessem votando em corruptos posto que são igualmente corruptos. Ao sugerir uma diferença entre militantes e simpatizantes (os outros) e o corpo dirigente do partido, implicitamente, o sujeito-interpretante 7 está equiparando diferentes formas de “corrupção” supostamente cometidas pelas instâncias. Para ele, votar em Fernando Haddad seria, pois, um ato de corrupção e quem assim o fizesse deveria ser abominado.

O clima da pré votação foi constatado na última postagem da articulista Eliane Cantanhêde ocorrida no dia 21 de outubro 2018. Nesta publicação foram registradas 2.622 interações, sendo 1.700 curtidas, 523 comentários e 399 compartilhamentos. No Quadro 7 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 8.

QUADRO 7 – Reação Discursiva 8 - Facebook – Eliane Cantanhêde

Eliane Cantanhêde Postagem 07 - 21/10/2018	
	COMUNICANTE: Com Bolsonaro, caça às bruxas no Itamaraty: ele acusa “diplomatas petistas” pelas reportagens negativas no exterior e vai ter dança de cadeiras, fim de embaixadas criadas pelo PT e guinada na política Externa. Caça às bruxas
	SUJEITO INTERPRETANTE 8: Não vejo a hr de acabar com certas palavras, ex: políticas públicas, facistas, homofobia, vivíamos, tds sem palavras de divisão de classes, temos que voltar a ter respeito uns p outros... a esquerda coloca uns contra os outros.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Intitulado “Caça às bruxas” o artigo publicado a uma semana da votação em segundo turno já antevia a vitória do candidato direitista e apontava a direção da política externa que seria adotada pelo novo presidente. A comunicante investe em uma visada informativa para relatar uma fala do então candidato sobre a mudança de rumo no relacionamento com outros países, notadamente as nações – que estreitaram os laços com o Brasil durante os governos petistas. Conforme Charaudeau (2004) a visada é uma intencionalidade psico-socio-lingueira que determinará a expectativa (*enjeu*) na troca entre os parceiros do ato de linguagem.

Charaudeau (2004) descreve a visada de informação como o “eu quer fazer saber”, e ela está legitimada em sua posição de saber; tu se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como do surgimento. Com isso, no papel de articulista, ela está não apenas relatando uma fala, mas também contribuindo para provocar o debate público, posto que dispõe de um lugar particular que funciona como dispositivo que oportuniza o surgimento e o confronto de falas divergentes. Ocorre que, como pondera Charaudeau (2015), esse confronto não acontece espontaneamente, mas resulta de uma encenação estruturada capaz de tornar os confrontos um importante acontecimento.

O texto de apresentação do artigo também está organizado com base no comportamento delocutivo do modo de organização enunciativo. Isto porque ela se apaga do ato de comunicação para reportar a fala de um terceiro (Jair Bolsonaro) e não implicar o interlocutor, para assim proferir uma enunciação aparentemente objetiva ao retomar um texto que não pertence a ela. Charaudeau (2016) pontua que se trata de uma enunciação

aparentemente objetiva porque todo ato de enunciação que descreve a relação com um terceiro é peculiar uma vez que todo ato de linguagem depende do sujeito falante e dos seus diferentes pontos de vista. Assim, ele vai dizer que se trata, na verdade, de um jogo estruturado pelo protagonista devido à impossibilidade de desaparecer por completo do ato de enunciação e deixar o discurso falar sozinho.

Ademais, o ato de linguagem da comunicante se insere na modalidade “Discurso Relatado” (CHARAUDEAU, 2015; 2016) e apoia-se em uma operação de empréstimo com o objetivo de produzir “provas”, isto é, garantir a autenticidade do que foi dito, a responsabilidade daquele que disse, da verdade do que foi dito, e, finalmente os propósitos do locutor-relator (CHARAUDEAU, 2015). O estudioso francês explica que o discurso relatado se constrói pelo encaixe de um dito num outro dito, em que ao menos uma parte do que foi dito deve ser atribuída a um locutor (de origem) diferente daquele que fala (escreve). Ou seja, o dito do presidenciável (locutor de origem) é (re)dito pela jornalista (locutora relatora).

No fragmento (QUADRO 7) a identidade social e discursiva do sujeito-internauta se revela e mais do que assumir o papel do TU interpretante, o sujeito-internauta se comporta como um leitor ideal (TU Destinatário) não só por admitir razoabilidade no dito do presidenciável, mas também por endossar a necessidade da perseguição.

Provocado a reagir ao ato enunciativo da locutora, o interlocutor arregimenta seu dizer e o alicerça através do imaginário sociodiscursivo construído com base em discursos sociais circulantes formatados por saberes de crenças de uma opinião coletiva (para a direita) sobre a qual a esquerda provoca a divisão da sociedade entre pobres e ricos. Nesse sentido, Charaudeau (2017) esclarece que o imaginário sociodiscursivo é uma forma de apreensão do mundo surgido das representações sociais, que constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos produzidos, os seres humanos e o comportamento e, finalmente, transforma a realidade em real significante. O analista do discurso complementa afirmando que o imaginário sociodiscursivo é resultado de um processo de simbolização do mundo decorrente da intersubjetividade das relações humanas depositada na memória coletiva.

Na ordem afetiva, o sujeito-interpretante lança mão da forma alocutiva exemplificado na expressão [*Não vejo a hr*] para realçar a emoção (*pathos*) diante da aproximação da provável vitória do seu candidato. Certamente o sujeito-internauta não está recorrendo à audiência da página para criar uma imagem de si (*ethos*), mas apenas

expressa sua vontade política daquele momento. Além disso, é provável que para este indivíduo, o dito por Jair Bolsonaro, condicionado ao título da postagem, o encorajou a revelar abertamente em uma rede social virtual o seu desejo de acabar com a divisão de classes e as palavras decorrentes dessa segmentação.

Esta, no entanto, como já apresentado anteriormente, não é uma manifestação individual. Trata-se, pois, de uma opinião coletiva sobre a qual havia chegado o momento de superar os anos dos governos de esquerda no que diz respeito à remodelagem da sociedade brasileira, inclusive com a supressão de expressões que compõem o universo vocabular das organizações sociais e de movimentos populares. Charaudeau (2017) descreve que a opinião coletiva é uma categoria que acontece quando um grupo adota determinadas posições limitadas a despeito de outro grupo que, no caso citado acima, representam posicionamentos de partidários antagônicos. Ou seja, trata-se de uma questão de opinião de forte valor identitário, indiscutível e indispensável a determinado grupo.

A reação discursiva em questão permite ainda observar que o comentário está estruturado diante do modo argumentativo. A despeito da inexistência de uma linearidade na exposição do raciocínio é possível compreender que, ao concordar com o enunciado, o sujeito-internauta deseja que o novo presidente promova uma caça às bruxas às expressões que alega terem sido criadas e utilizadas pela esquerda. Desta maneira, a reação discursiva atende às operações previstas na descrição do modo de raciocínio dedução pragmática (CHARAUDEAU, 2016). O interlocutor sustenta uma ideia - A1 [*acabar com certas palavras*] para chegar a uma conclusão - A2 [*voltar a viver sem divisão*] distribuída no vínculo modal identificado na expressão [*Não vejo a hr de acabar com certas palavras*] e no escopo de particularização detectado no fragmento [*vivíamos, “tds sem palavras de divisão de classes, temos que voltar a ter respeito uns p outros...”*].

Segundo Charaudeau (2016), na dedução, A1 e A2 estão numa relação de causalidade orientada no sentido da causa para a consequência, cuja dedução pragmática se diferencia devido a existência de modos de encadeamento consequência-explicativa, conjunção e a presença de asserções de ordem narrativa. Assim, o interlocutor deduz que a eventual vitória do seu candidato (Jair Bolsonaro) poderia proporcionar o fim da divisão de classes e o emprego de palavras supostamente implementadas pelos governos petistas, assim como a divisão política que o país atravessava. Ele quer fazer crer que o respeito [*uns p outros*] seria suficiente para o país superar as desigualdades históricas.

4.3.3 Leonardo Sakamoto - O “japa” esquerdista

A primeira postagem do jornalista Leonardo Sakamoto foi selecionada no dia 06 de setembro de 2018 e registrou um dos momentos mais importantes na eleição. Nesta publicação houve o registro de 3.479 interações, sendo 2.300 curtidas, 406 comentários e 773 compartilhamentos. No Quadro 8 segue a reação discursiva do sujeito-interpretante 9.

QUADRO 8 - Reação Discursiva 9 - Facebook – Leonardo Sakamoto

Leonardo Sakamoto Postagem 8 - 06/09/2018	
	COMUNICANTE: Atentado contra Bolsonaro inaugura nova etapa na violência política do país
	SUJEITO INTERPRETANTE 9: O agressor e os militantes estão acostumados a ver seus líderes apoiarem a violência e a infração às leis, seja fechando uma rodovia, invadindo terras e imóveis alheios, queimando ônibus e pneus em protestos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Práxis em sua atuação profissional de posicionar-se acerca dos fatos de grande repercussão política, logo após a tentativa do assassinato do presidente Jair Bolsonaro, Leonardo Sakamoto escreveu um artigo apontando as sequelas que o fato deixaria na continuidade da campanha eleitoral em decorrência da extrema polarização que o país atravessava. Apesar de não apresentar aparente intencionalidade de implicar o interlocutor, o locutor emite uma opinião acerca do ocorrido, haja vista se enquadrar na categoria de analista político. O seu ato de enunciação revela um ponto de vista baseado em um comportamento elocutivo (CHARAUDEAU, 2016). Esse ponto de vista absorve características do “*modo de saber*” quando o locutor expressa o seu conhecimento sobre violência na política e “*avaliação*” quando, ao apreciar aquele momento, o locutor projeta um cenário ainda mais polarizado.

Na postagem “*Atentado contra Bolsonaro inaugura nova etapa na violência política do país*” o locutor assume uma posição de conhecedor do assunto e evidencia para seus seguidores uma consequência que aconteceria dali por diante. Ao dizer que o atentado inaugura uma nova etapa, o jornalista revela que já havia uma etapa em curso, se referindo à violência verbal consumada pela extrema-direita no ambiente virtual. Daí então a

expressão “inaugura” pode corresponder a consumação da violência física concretizada em diversas cidades do país como veremos adiante.

Neste comentário (QUADRO 8) são encontradas marcas sociodiscursivas compartilhadas pelo Interlocutor 9 que constituem o imaginário coletivo da extrema-direita e revelam uma posição em defesa da tese que incriminava a esquerda pelo atentado. Implicitamente o sujeito-internauta admite a escalada da violência, não por vontade do seu campo político, mas como uma reação ao que acreditava ser um “ato orquestrado pela esquerda”. O sujeito-interpretante utiliza-se dos modos de organização descritivo e argumentativo para naturalizar a violência em meio ao processo eleitoral.

Quando o sujeito-internauta descreve exemplos de supostas ações promovidas por militantes de esquerda, ele reúne informações para construir sentidos e recorre ao procedimento construção objetiva do mundo que “consiste em construir uma visão de verdade sobre o mundo, qualificando os seres com a ajuda de traços que possam ser verificados por qualquer outro sujeito além do sujeito falante” (Charaudeau, 2016, p.120). Para o Interlocutor 9 a verdade é que os militantes de esquerda, apoiados pelas lideranças, sempre promoveram a violência e infringiram as leis. Os traços da verdade deste sujeito-internauta constituem o imaginário social exemplificado no trecho [*fechando uma rodovia, invadindo terras e imóveis alheios, queimando ônibus e pneus em protestos*] cuja intencionalidade é produzir efeitos de realidade.

Já o modo argumentativo é construído não por uma sequência de proposições lógicas, mas em uma universalidade de explicações de sua asserção de chegada implícita. Como nos lembra Charaudeau (2016), a argumentação se constrói numa relação entre o sujeito argumentante (Interlocutor 9), uma proposta de mundo (a violência como método político) e o sujeito-alvo (jornalista autor da postagem). Para isso, o sujeito-internauta recorre à razão demonstrativa no intuito de estabelecer relações de causalidade e uma possível razão argumentativa visando estabelecer provas para a sua proposta de mundo.

Os elementos da relação argumentativa estão distribuídos da seguinte maneira. No fragmento [*O agressor e os militantes estão acostumados a ver seus líderes apoiarem a violência e a infração às leis*] encontramos a asserção de partida que localiza a existência de seres e descreve as ações desses seres; no excerto [*seja fechando uma rodovia, invadindo terras e imóveis alheios, queimando ônibus e pneus em protestos*] o Interlocutor 9 busca justificar a sua proposta presente de maneira implícita na asserção de chegada. Assim, utilizando o modo de raciocínio dedução, o sujeito-internauta deixa inferir que

diante dos atos promovidos pela esquerda, a direita estaria legitimada a recorrer ao mesmo método, por isso, também estaria autorizada a pregar a violência como estratégia política.

Com vistas a reforçar a tomada de posição referenciada pelo consenso social que perpassa o imaginário do campo da direita, o sujeito-internauta compartilha valores que podem ser enquadrados no procedimento semântico de domínio do Ético. Esse domínio define o comportamento humano em termos de bem ou mal que, no caso deste comentário (QUADRO 8), admitimos que o sujeito-internauta assume o emprego da violência para contrapor supostas ações violentas cometidas pela esquerda.

A publicação do jornalista Leonardo Sakamoto no dia 30 de setembro de 2018 registrou 13.544 interações, das quais 9.300 curtidas, 744 comentários e 3.500 compartilhamentos. No Quadro 9 expomos a reação discursiva do sujeito-interpretante 10.

QUADRO 9 – Reação Discursiva 10 - Facebook – Leonardo Sakamoto

Leonardo Sakamoto Postagem 9 - 30/09/2018	
	COMUNICANTE: Quem não entendeu os protestos acha que fotos das multidões são “falsas”
	SUJEITO INTERPRETANTE 10: A maconha rolou solta, e a orgia também, vejo isso é vejo q estou no caminho certo, Deus, família

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Os grandes protestos realizados em inúmeras cidades brasileiras a uma semana do dia da votação contra o candidato da extrema-direita foram pautados pelo jornalista na publicação “*Quem não entendeu os protestos acha que fotos das multidões são “falsas”*”. O locutor investe em uma visada de “demonstração” na tentativa de desconstruir as *fake news* criadas pela extrema-direita para deslegitimar o movimento #elenão. Neste caso, Charaudeau (2004) aponta que o Eu comunicante, em uma certa posição de autoridade, busca “estabelecer a verdade e mostrar as provas” para um Tu que, em posição inferior, deve avaliar uma verdade. Leonardo Sakamoto é um renomado jornalista brasileiro com mestrado e doutorado em Ciência Política e grande defensor dos Direitos Humanos, daí, portanto, a sua autoridade para falar sobre o assunto.

Reconhecendo a posição de detentor de um saber que os “desinformados” não possuíam, Leonardo Sakamoto recorre a estratégias discursivas no ato de transmissão (CHARAUDEAU, 2015) para explicar objetivamente que as fotos das passeatas eram verdadeiras e não haveria porque as pessoas que não entenderam os protestos duvidarem

das imagens reais. Com isso, segundo Charaudeau (2015) ele enuncia sua visão de mundo como um portador da verdade que fornece informações verídicas, combatendo as notícias falsas, assumindo assim, o papel de interprete da informação e “educador da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2015).

Naquele momento as redes sociais virtuais fervilhavam com a intensificação das *fake news* com imagens manipuladas pela extrema-direita com o objetivo de estabelecer a desinformação generalizada e deslegitimar o movimento das mulheres contra a conduta machista e homofóbica do candidato Jair Bolsonaro em seu histórico de atuação política. Diante da amplitude das manifestações em todo o Brasil, especialmente na cidade de São Paulo, grupos favoráveis ao direitista estimularam as pessoas a acreditarem que as imagens de multidões compartilhadas pela esquerda, tratava-se, na verdade, de registros fotográficos de outros eventos festivos como o carnaval. Daí porque, o locutor, combatente da desinformação, ter recorrido à razão (*logos*) na tentativa de “apresentar a verdade” sobre o ocorrido no sábado, 29 de setembro de 2018.

Também neste enunciado “*Quem não entendeu os protestos acha que fotos das multidões são falsas*” é possível identificar a função elocutiva do modo enunciativo e o modo argumentativo posto que o comunicante apresenta um ponto de vista para explicar e convencer a audiência sobre um fato. Charaudeau (2016) aponta que a função elocutiva é uma relação do locutor consigo mesmo cujo sujeito-falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo (o propositivo referencial) independente da implicação do interlocutor. Com efeito, o resultado é alcançado por uma enunciação que modaliza subjetivamente a verdade sobre o propósito.

Para isso, o enunciador opera as categorias da função elocutiva: *modo de saber*, pois demonstra possuir conhecimento do propósito; *avaliação*, já que apresenta um julgamento sobre o propósito enunciado; *motivação*, ao especificar a razão que o motivou; *engajamento*, por corresponder ao grau de adesão ao propósito e, por fim, *decisão*, ao tratar do estatuto do locutor e do tipo de decisão que o ato realiza. Deste modo, Leonardo Sakamoto apresenta o seu conhecimento sobre a verdade dos fatos, desenvolve uma avaliação sobre o cenário, e, motivado pelo interesse em combater a desinformação já que é um combatente, engaja na missão de desmentir *fake news* para finalmente proclamar que o fato precisava ser esclarecido e a verdade ser restabelecida.

Como pontua Charaudeau (2016), a argumentação não se limita a uma sequência de frases lógicas. Apesar da inexistência de marcas explícitas de uma operação lógica no

título do artigo, não obstante, o comunicante apresenta o aspecto argumentativo implicitamente. Ao dizer que “*Quem não entendeu*” numa referência aos apoiadores de Jair Bolsonaro e indecisos, ele restringe o grupo a um pequeno número de não entendedores para fazer valer a ideia de que a maior parte das pessoas conseguiram compreender a dimensão dos protestos. Portanto, para o comunicante era preciso desmistificar as manipulações das imagens de modo que fosse possível fazer a um grupo enxergar o episódio como verdadeiro.

Ainda que tenha obtido êxito no jogo comunicativo por ter alcançado o ser social, o esforço jornalístico, entretanto, foi inútil para o sujeito-interpretante 10, que na reação discursiva (QUADRO 9) agiu fora do ato enunciativo ao manifestar elementos do fundamentalismo religioso conformador do imaginário sociodiscursivo. Referenciado em uma opinião coletiva sobre o qual os protestos #EleNão reuniram drogados em uma imoral libertinagem sexual promovida pela esquerda, o sujeito-internauta revela ter acreditado nas *fake news* que circularam em resposta às manifestações, condena a participação das pessoas no evento e em seguida proclama estar do lado certo, ao lado de Deus e da família. O comentário deste sujeito-internauta pode ser classificado como uma opinião circulante adoxal (EMEDIATO, 2015) por extrapolar os limites do aceitável e do razoável, além de ser chocante e vergonhosa.

Na dimensão discursiva, presenciamos o modo de organização descritivo, pois na instância de fala o sujeito-interpretante descreve sua visão sobre o acontecimento, através do componente “qualificar”. Charaudeau (2016) diz que essa atividade permite ao sujeito falante manifestar um imaginário e faz com que um ser seja alguma coisa perpassando pelas construções objetiva e subjetiva.

De um lado, a construção objetiva do sujeito-interpretante é construída por uma visão de verdade emitindo supostamente traços verificáveis, já que para ele, as imagens manipuladas representavam o fato e, portanto, plausível de aceitação. Por outro lado, a construção subjetiva é evidenciada por sua própria visão, não necessariamente verificável, como alerta Charaudeau (2016), posto que a construção desse universo é relativa ao imaginário social do interlocutor. Desta maneira, ao caminhar para irracionalidade, a reação discursiva do sujeito-internauta 10 beira uma descrição ficcional por se amparar em um mundo mitificado que existe na esfera de um imaginário simbólico em contraste com o mundo real.

Também na dimensão discursiva deparamos com aspectos do modo argumentativo no que diz respeito ao procedimento semântico nos domínios de avaliação “verdade” e “ético”. Primeiro porque o sujeito-interpretante define de maneira absoluta que [*a maconha rolou solta, e a orgia também*] em termos de verdadeiro como único princípio capaz de explicar o saber dele sobre o acontecimento. Segundo porque ao recorrer às regras do comportamento humano, consolidadas pelas leis do consenso social ou mesmo por regras próprias, define o lado dele como “do bem” e os participantes dos protestos como pessoas “do mal”. Essa distinção identificada no trecho [*vejo q estou*] institui, por fim, um saber imagem de si (*ethos*) de cidadão de bem considerando que o bem seria inerente às pessoas religiosas como ele, detentores de um bom comportamento, ao contrário das pessoas do mal possuidoras de comportamento reprovável por ferir os princípios cristãos por estarem naquele evento.

As publicações do jornalista Leonardo Sakamoto continuaram a registrar um número considerável de engajamento e no dia 11 de outubro de 2018 foram constatadas 9.025 interações, das quais 5.200 curtidas, 625 comentários e 3.200 compartilhamentos. No Quadro 10 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 11.

QUADRO 10 – Reação Discursiva 11 - Facebook – Leonardo Sakamoto

Leonardo Sakamoto Postagem 10 - 11/10/2018	
	COMUNICANTE: Parte de fãs de Bolsonaro acha que vitória é salvo-conduto para violência
	SUJEITO INTERPRETANTE 11: Alarmismo bobo... o Brasil sempre foi um país violento ao extremo. Morrem mais de 60mil pessoas assassinadas por aqui e só agora o Sr. Sakamoto está preocupado com a violência... Curioso é q ele sempre foi um crítico do programa do Datena e afins por "espetacularizarem" a violência, agora vem ele com desespero, pior q o próprio Datena. Qdo a violência atinge o trabalhador diariamente, condenar e pedir justiça na TV é espetáculo midiático, qdo é da turminha dele q sai arrumando briga com todo mundo (coisa q ele não fala), é "assustador"! Sei q é até difícil pedir isso pra um esquerdista, mas seja mais coerente, Sakamoto, não repita o q vc condena só pq chegou no seu quintal.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nesta postagem (QUADRO 10) o comunicador trata da morte do capoeirista Moa do Katende e o projeto de fala do jornalista revela um comportamento elocutivo ao enunciar seu ponto de vista acerca da violência que se intensificava após a vitória da

extrema-direita no primeiro turno. Nesta circunstância, o comunicante emite um ponto de vista avaliação para alertar quanto ao crescimento da violência durante a campanha como ele já havia advertido em publicação posterior ao atentado contra o capitão da reserva. Este ponto de vista funciona também como uma visada de explicação cuja intencionalidade é esclarecer a audiência da página sobre possíveis consequências geradas pelo fato.

Sem implicar o interlocutor, o locutor aproveita da posição de saber jornalístico para explicitar sua opinião e indicar o espaço que a situação ocupava em seu universo de crenças. Para ele, a situação era abominável e merecia a devida atenção do candidato da extrema-direita de modo a acalmar a parcela de fãs que agiam em seu nome. O presidencial, no entanto, desdenhou da ocorrência ao apenas afirmar não possuir controle sobre seus apoiadores e dizer que seus eleitores não praticassem violência.

Outro aspecto presente na postagem trata da identidade discursiva (CHARAUDEAU, 2009) em função da sua competência (comunicacional-situacional/semântica/discursiva/semiollingüística) e das estratégias discursivas (legitimação/credibilidade/captação) utilizadas. A sua aptidão em organizar os diferentes tipos de saberes que conformam suas bases referenciais e a capacidade de tematizá-los são, nos dizeres de Charaudeau (2009), compreendidos como “competência semântica”, enquanto que a aplicação do recurso “estratégia credibilidade” visa assegurar que ele (jornalista) é digno de fé sobre o que comenta.

Nesse sentido, depreendemos que o comunicante reconhece a vitória de Jair Bolsonaro, mas rechaça o comportamento de uma parte do eleitorado conceituada “grupo de fãs”. Como analista político pondera que não é o conjunto de eleitores da extrema-direita que praticava a violência, mas uma parcela, e ao empregar a expressão “*parte dos fãs*” está produzindo um efeito discursivo de restrição.

Ademais, ainda que Charaudeau (2015) considere a atitude contraditória, uma vez que o jornalista enquanto construtor do discurso da informação deveria apenas simplificar as explicações sem pretender a didaticidade, ao aspirar o ofício de educador da opinião pública, o comunicante assume o papel de didático. Reforça-se assim, a sua identidade discursiva.

Mesmo recorrendo à estratégia discursiva de credibilidade - imagem de si (*ethos*) decorrente da responsabilidade pelo que escreve - mais uma vez o comunicante não consegue persuadir a audiência da página e na reação discursiva o sujeito-interpretante 11 testemunha (toma conhecimento) da opinião, no entanto, desenvolve um engajamento

oposto, contestando a publicação. Charaudeau (2016) explicita que o espaço de interpretação do interlocutor é o local onde os efeitos de sentidos (ou efeitos produzidos) se concretizam e, diante disso, reforça a compreensão que é preciso aceitar que os efeitos visados não irão coincidir necessariamente com os efeitos de sentido. O comentário está dividido em quatro partes como segue.

No primeiro fragmento do comentário o interlocutor recorre ao modo argumentativo e descritivo objetivando desconstruir o enunciado do locutor. O emprego da expressão [*alarmismo bobo*] logo no início do comentário é uma estratégia discursiva que assume o efeito de anúncio e antecede a sua argumentação objetivando minimizar a morte de Moa do Katende, seguindo a linha de desdenho adotada pelo presidencial. Neste sentido, o sujeito-internauta recorre aos componentes da construção descritiva para reforçar a asserção fazendo existir seres significantes ao “nomear” o enunciador [*Sr.Sakamoto*] como se presencialmente estivesse com dedo em riste, “localizar” ao dizer que o [*o Brasil sempre foi um país violento ao extremo*] para determinar o espaço-temporal onde a violência é elevada e “qualificar” a situação sugerindo um imaginário que a ocorrência havia promovido preocupação por demais da parte do jornalista.

Dando sequência à asserção, no segundo momento o interlocutor utiliza a palavra [*curioso*] admitida em um contexto extralinguístico com o objetivo de criar efeito de saber sob a tentativa de criar uma imagem de si (*ethos*) de descritor sábio (conhecedor) da atuação do profissional. Nesse sentido, o termo [*curioso*] pode ser compreendido como “Olha só, gente” ou então “Atenção para essa contradição”. Desta maneira, ao demonstrar ser um conhecedor do trabalho do jornalista revelando, inclusive, que o comunicador seria um crítico ferrenho dos programas policiais exibidos na grande mídia, implicitamente questiona o motivo pelo qual Leonardo Sakamoto estaria explorando e demonstrando preocupação com a morte de pessoas de maneira igual aos programas sensacionalistas.

Prosseguimento a asserção, no intuito de reforçar o julgamento argumentativo, no trecho [*Qdo a violência atinge o trabalhador diariamente, condenar e pedir justiça na TV é espetáculo midiático, qdo é da turminha dele q sai arrumando briga com todo mundo (coisa q ele não fala), é "assustador"!*] o sujeito-internauta opera o procedimento discursivo comparação do modo argumentativo através de um *efeito de ofuscamento*. Charaudeau (2016) diz que este efeito tem caráter subjetivo e acontece quando o sujeito falante busca desviar a atenção do receptor a fim de impedir o exame de validade da prova. Ao apresentar a comparação de um caso de violência política com os inúmeros casos de

violência cotidiana registrados nas grandes cidades brasileiras, o sujeito-interpretante 11 está, ao fim, reforçando a tomada de decisão anterior de negar o texto do jornalista.

Em sua conclusão o sujeito-internauta recorre a efeitos de ironia exemplificadas nas expressões [*difícil pedir isso*] e [*seja mais coerente*] para demonstrar discordância com o enunciador, revelar a existência de um paradoxo (como a esquerda cobra justiça para este caso quando desconhece inúmeros outros casos cotidianos), assim como para desqualificá-lo. Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 291), trazem uma discussão sobre a ironia e a define como “um efeito de não assumir a enunciação por parte do locutor e de discordância em relação à fala esperada para tal tipo de situação”. Trata-se de um fenômeno contextual fortemente marcado pelos componentes interacionais e paraverbiais.

Sobre os imaginários sociodiscursivos percebemos uma manifestação de valores circulantes no espectro político à direita que apresenta a esquerda como defensora de bandidos para que diante desta realidade os atos sejam justificáveis. Mais uma vez identificamos uma posição limitada imbuída por saberes de crença de opinião coletiva.

A última postagem de Leonardo Sakamoto datada de 22 de outubro de 2018 registrou o maior número de participações entre as publicações selecionadas nesta pesquisa. Neste dia foram contabilizadas 18.300 interações, das quais 9.700 curtidas, 1.500 comentários e 7.100 compartilhamentos. No Quadro 11 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 12.

QUADRO 11 – Reação Discursiva 12 - Facebook – Leonardo Sakamoto

Leonardo Sakamoto Postagem 11 - 22/10/2018	
	COMUNICANTE: Após Justiça demonstrar fraqueza, Bolsonaro avisa que banirá opositores
	SUJEITO INTERPRETANTE 12: A mídia já abusou de mostrar que é parcial e influenciadora, e alguém tem colocar limites.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Neste último enunciado produzido pelo jornalista Leonardo Sakamoto identificamos, simultaneamente, os comportamentos elocutivo e delocutivo do modo enunciativo. Isto porque o ato linguageiro revela um ponto de vista modalizado subjetivamente quanto à inércia da justiça brasileira que não atuava para frear as atitudes antidemocráticas adotadas por Jair Bolsonaro. Ao mesmo tempo está estruturado em um ponto de vista externo, desvelado quando o locutor faz a retomada de propósitos e textos

de terceiros, neste caso, a reprodução da mensagem transmitida pelo candidato em atividade de campanha no dia anterior.

Em seu ato linguageiro o comunicante também assume o papel de locutor intermediário na medida em que apresenta elementos do discurso relatado de um locutor de origem. O discurso relatado, lembra Charaudeau (2015) é caracterizado pelo encaixe de um dito num outro dito que pode ser representado da seguinte forma. O candidato havia dito que faria uma faxina completa e avisou que quem desejasse ficar no Brasil teria que se colocar diante da lei de todos. Já o dito relatado do jornalista no título da postagem diz que “*Bolsonaro avisa que banirá opositores*”. De fato, a fala do presidente se tratava de um aviso em formato de ameaça aos seus adversários, notadamente militantes de partidos de esquerda e de movimentos sociais, além de parte da imprensa.

A orientação discursiva da comunicação está, ainda, determinada por uma visada de “demonstração” cuja intencionalidade do comunicante é “estabelecer a verdade e mostrar as provas” que, no caso dele, só é possível de ser adotada porque possui “certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, expert)” (CHARAUDEAU, 2004, p.05). Por ele ser um jornalista experiente em assuntos de Direitos Humanos detém a credencial para analisar o cenário e fazer com que o destinatário avalie o conteúdo apresentado no texto.

Movido pelo autoritarismo concernente aos extremistas, o sujeito-internauta não engaja na proposta do locutor e admite a necessidade de censurar órgãos da imprensa e perseguir opositores. Na cena argumentativa presente nesta reação discursiva (QUADRO 11), o sujeito-interpretante 12 recorre ao modo de raciocínio “explicação por silogismo” (A2 porque A1) para responder que era necessário que “alguém” (o futuro novo presidente) impusesse limites na mídia porque ela (a mídia) havia demonstrado ser parcial e influenciadora de ideias. Ou seja, as atitudes adotadas pela mídia resultam em consequências implicativas na formação dos princípios da sociedade.

Apesar de o locutor não se referir a um veículo específico da mídia, a resposta do interlocutor atende a um saber partilhado sobre o ponto de vista do candidato (locutor de origem) que na *live* havia acusado o Jornal *Folha de São Paulo* de ser o maior propagador de *fake news* do país. A acusação intimidatória foi proferida em resposta a uma reportagem publicada pelo veículo informativo na qual a campanha de Jair Bolsonaro estaria envolvida em esquema de Caixa 2 financiada por empresários apoiadores. A inserção da expressão *fake news* não assume o sentido de inverdade, mas uma contraposição ao conteúdo revelado com o propósito de desacreditar o jornal.

Podemos verificar também que, quando o sujeito-internauta refuta o locutor do ato linguageiro e retoma aspectos da manifestação do locutor de origem, ele está adotando um saber de opinião relativa, isto porque, Charaudeau (2017) explica que ao emitir uma opinião relativa o sujeito está sempre, necessariamente, contra ou a favor de outra opinião, ela própria relativa. Esse saber de opinião relativa decorre de um processo avaliativo do fato que motivou o sujeito a tomar partido para se engajar em um julgamento. Com efeito, complementa Charaudeau (2017), a opinião é resultado da apropriação que o sujeito faz de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais.

Por emanar de um sujeito individual ou de grupos menores, a opinião relativa possui um aporte mais limitado, daí porque o sujeito falante necessite afirmar sua adesão ou oposição ao dito, de modo a se apresentar para a presente discussão. Por isso, ao expressar que [*alguém tem colocar limites*] o sujeito-internauta está não apenas rejeitando o dizer do locutor, mas engajando na proposta defendida pelo candidato da extrema-direita.

4.3.4 Reinaldo Azevedo - Alvo preferido dos intolerantes

A despeito de Reinaldo Azevedo ter recebido boa parte dos ataques da extrema-direita, as postagens selecionadas deste profissional não provocaram tamanha reação como os jornalistas anteriores. Isto porque, o comunicador publicava várias postagens ao longo do dia, ao contrário dos demais que se resumiam a uma postagem ou duas no máximo. Assim, a postagem selecionada no dia 03 de outubro de 2018 registrou 512 interações, das quais 240 curtidas, 245 comentários e 27 compartilhamentos. No espaço de discussão o sujeito-interpretante 13 se dirige a outro sujeito-internauta que havia comentado a publicação anteriormente para afirmar que concordava com a valorização da mulher, porém não seria daquela forma. Assim, no Quadro 12 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 13.

QUADRO 12 – Reação Discursiva 13 - Facebook – Reinaldo Azevedo

Reinaldo Azevedo Postagem 12 - 03/10/2018	
	COMUNICANTE: Já no primeiro dia de protestos, fotos ousadas do #elenão invadiram templos evangélicos e católicos. Foi contraproducente. Não se trata de culpar o #elenao pela inversão dos resultados, mas é preciso entender como as coisas funcionam!

SUJEITO INTERPRETANTE 13: (nome suprimido) eu acho válida a valorização da mulher mas não é mostrando as tetas, defecando em fotos, etc que vão mostrar seu valor. O ridículo desse movimento ele não é que pedem tanto respeito mas desrespeitam a tudo e a todos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As manifestações protagonizadas por mulheres contra o candidato da extrema-direita também foram assunto do jornalista Reinaldo Azevedo que, passadas poucos dias do evento, analisou o impacto dos atos suprapartidários sobre o desempenho de Jair Bolsonaro ainda no primeiro turno. Na postagem “*Já no primeiro dia de protestos, fotos ousadas do #elenão invadiram templos evangélicos e católicos. Foi contraproducente*” o locutor assume o papel de comentarista ao recomendar a necessidade de uma reflexão por parte dos adversários do ultradireitista que organizaram a iniciativa.

Como observa Charaudeau (2016, p.75) “para o locutor, falar (escrever) é, pois, uma questão de estratégia” e assim o locutor revela o seu ponto de vista de avaliação (comportamento elocutivo) na modalidade opinião de modo a apresentar um julgamento condenando a estratégia adotada pelos adversários para enfrentar a retórica do presidencialista. Ao explicitar a sua posição diante do fato, o locutor revela o que Charaudeau (2016) intitula como sendo o “universo de crenças” e conseqüentemente avalia a verdade do seu propósito.

No ato linguageiro o jornalista se inscreve em um raciocínio dedutivo e, de maneira implícita, recorre ao modo argumentativo visando explicar o seu ponto de vista. Assim, os elementos da base argumentativa estão distribuídos na asserção de partida “*Já no primeiro dia de protestos*” – cujo trecho justifica o ponto inicial para colocar em causa o resultado das manifestações; asserção de passagem “*fotos ousadas do #elenão invadiram templos evangélicos e católicos*” – fragmento responsável por justificar a consequência e finalmente a presença da asserção de chegada “*Foi contraproducente*” – momento em que o locutor legitima o ponto de vista sugerindo que, ao contrário do que os manifestantes esperavam, os atos não obtiveram êxito e acabaram favorecendo o extremista de direita.

Ao desenvolver um cálculo mental representado pela soma (asserção de partida + asserção de passagem = asserção de chegada), o locutor está recorrendo ao domínio do pragmático proveniente da categoria linguística “procedimento semântico”. Este domínio é responsável por medir “os resultados das ações humanas em função das necessidades

racionais dos sujeitos agentes que os realizam” (CHARAUDEAU, 2016, p.232) e assim referendar a definição da ação (manifestação) como inútil.

Na encenação linguageira o Interlocutor 13 reage ao comentário de um sujeito-internauta precedente que discutia com os seguidores da postagem na tentativa de explicar o quanto o candidato da extrema-direita era machista e misógino. Apesar de supostamente racional por apresentar uma aparente concordância com o sujeito-internauta precedente, ao ponto de poder ser considerada uma opinião *doxal*, a reação discursiva do Interlocutor 13 está embrenhada pelo discurso de ódio construído ao longo dos últimos anos com o objetivo de deslegitimar a luta das mulheres contra o machismo e o patriarcado.

Entretanto, ao assumir posição contrária ao que acreditava ser uma forma de valorização da mulher, o sujeito-internauta 13 revela um ponto de vista marcado pelo imaginário sociodiscursivo edificado nas redes sociais virtuais logo que as manifestações ocorreram. Imagens manipuladas em formato de *fake news* foram estrategicamente divulgadas por grupos e lideranças da extrema-direita e compartilhadas incontáveis vezes nas *timeline's* dos usuários do Facebook.

Instado pelo posicionamento do sujeito-internauta precedente, o Interlocutor 16 enuncia um ponto de vista de avaliação do comportamento elocutivo para julgar a informação apresentada pelo seu antecessor. Em seguida é possível perceber o emprego do modo de raciocínio de concessão restritiva (dedutivo) representado pela palavra [*mas*]. Para argumentar, o Interlocutor 13 faz uma concessão ao aceitar como verdadeira a asserção de partida ao mesmo tempo em que busca retificar parte do posicionamento do sujeito-internauta precedente. Segundo Charaudeau (2016, p.219), modo de raciocínio de concessão restritiva pode ser encontrado em “situações de troca polêmicas, nas quais se concorda (ou finge concordar) com certas asserções do outro para melhor invalidá-las ou retificá-las”.

Ainda em sua refutação argumentativa para justificar a posição adotada, o Interlocutor 13 admite o procedimento semântico que pode ser visualizado no fragmento [*O ridículo desse movimento ele não é que pedem tanto respeito mas desrespeitam a tudo e a todos*]. Neste trecho verificamos a presença dos domínios de avaliação do Estético representado pela expressão [*ridículo*] e do Ético encontrado em [*respeito*] e [*desrespeitam*]. A representação estética que é estabelecida sobre o movimento #EleNão está associada à imagem que ele construiu sobre as performances promovidas em outras situações por grupos feministas. Os valores éticos são manifestados em nome de um

princípio cujo respeito é compreendido como um comportamento humano do bem e exemplar, logo, desrespeito é um comportamento do mal e, portanto, deve ser desprezado.

No dia 17 de outubro de 2018 a postagem do jornalista Reinaldo Azevedo contabilizou 325 interações, distribuídas em 183 curtidas, 105 comentários e outros 37 compartilhamentos. No Quadro 13 apresentamos a reação discursiva do sujeito-interpretante 14.

QUADRO 13 – Reação Discursiva 14 - Facebook – Reinaldo Azevedo

Reinaldo Azevedo Postagem 13 - 17/10/2018	
	COMUNICANTE: Não há nenhuma incompatibilidade entre o Código Florestal e o Acordo de Paris. Pra que arranjar sanções e indisposições com a comunidade internacional? Tem análise da entrevista no blog: Nabhan Garcia, o homem da 'agricultura e meio ambiente' de Bolsonaro
	SUJEITO INTERPRETANTE 14: Pq o acordo de Paris é igual a falácia do Aquecimento Global, faz 20 anos que falam q em 10 as calotas polares deixariam de existir, e elas continuam lá e pasmem no último inverno no hemisfério norte elas cresceram, tb esqueceram de avisar que o ciclo climático dura entre 70 e 100 anos alternando as temperaturas como vêm ocorrendo, tb esqueceram de falar q estamos no final de uma era do gelo (a Terra teve pelo menos umas 10). Tb esqueceram de falar que o próprio planeta produz 400 x mais gases de efeito estufa que o homem por ano. Lembra do vulcão da Finlândia q impediu o tráfego aéreo por dias? Então em 4 dias de erupção ele produziu mais gases de efeito estufa q toda humanidade em 3 anos. Sem falar q a maioria dos poluentes produzidos por nós ao entrar em contato com a água da atmosfera reage quimicamente com o vapor d'água e cai como chuva ácida (Não q isso seja uma boa coisa) mas em resumo seu Reinaldo Azevedo é por isso.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Ainda que não tenha proporcionado um amplo debate durante a campanha eleitoral, a questão ambiental registrou alguns breves momentos de discussão por parte dos usuários das plataformas de redes sociais virtuais como exemplificada na postagem (QUADRO 13) cujo comunicador enuncia de forma alocutivo a opinião sobre uma eventual saída do Brasil do Acordo de Paris. Apesar de o comunicante não possuir autoridade para impor uma ação, ao negar que existia incompatibilidade entre a legislação brasileira e o acordo internacional, é possível perceber que, de forma imperativa, o comunicante mobiliza estratégias de captação e interpela o possível futuro ministro para que ele não descumpra o

acordo climático. Em seguida, ao dirigir uma solicitação “*Pra que arranjar*” ele assume a posição de inferioridade perante o interlocutor.

No ato linguageiro, o comunicante está designando uma pessoa (Nabhan Garcia) dentre um conjunto de interlocutores possíveis, e ao fazer isso, está adotando a categoria modal Interpelação da construção enunciativa. Também recorre à modalidade Interrogação intencionando adquirir uma informação sobre o porquê do país tomar tal decisão, tratando-se, pois, de um pedido para dizer. Seria o mesmo que afirmar “Senhor Nabhan Garcia, é realmente interessante para o Brasil ‘comprar’ esta briga?”.

Segundo Charaudeau (2004) a visada corresponde as atitudes enunciativas possíveis de serem encontradas em um grande *corpus* de atos comunicativos reagrupados em nome de sua orientação pragmática. Ainda conforme descrição do autor, as visadas são definidas por um duplo critério, “a intenção pragmática do eu em relação a posição que ele ocupa como enunciator na relação de força que o liga ao tu; a posição que da mesma forma tu deve ocupar” (CHARAUDEAU, 2004, p.5).

E é esta atitude enunciativa que encontramos quando nos dirigimos o olhar para o título do artigo. Percebemos que o uso da expressão “o homem” determina a orientação discursiva da comunicação marcada por uma combinação das visadas “incitação” e “solicitação”. Há, portanto, uma provocação dirigida a um sujeito destinatário ideal para que este responda o questionamento apresentado. Como já dissemos, mesmo sem o poder de autoridade, o comunicante está legitimado em sua demanda e, por isso, “manda fazer” (*faire faire*) e simultaneamente quer “saber” do destinatário uma resposta.

Por fim, neste enunciado, o emprego das aspas como estratégia discursiva revela o julgamento do locutor para apontar a irônica contradição existente em o senhor Nabhan Garcia eventualmente assumir simultaneamente os Ministérios da Agricultura e Meio-ambiente. Diferentemente de caracterizar o distanciamento das palavras do comunicante, nesta situação discursiva, as aspas operam com finalidades persuasivas bem definidas e recorrente nas práticas jornalísticas.

Embora o eventual ministro não estivesse presente naquele ambiente virtual para aderir ao jogo comunicativo, não faltaram sujeitos internautas para representá-lo na contestação ao comunicante. Nesse sentido, o engajamento partiu do sujeito-interpretante 14 que organizou o seu discurso recorrendo aos modos descritivo e argumentativo. Construído com base na disseminação de campanhas de desinformação (*fake news*) o comentário (QUADRO 13) apresenta marcas do imaginário sociodiscursivo circunscritas

no espectro da extrema-direita conhecido como negacionismo climático. Este segmento nega o aquecimento global por considerá-lo um complô científico contra os países industrializados e o enquadra como uma teoria conspiratória de esquerda no intuito de regular a livre-iniciativa e fortalecer o Estado.

Desta maneira, na dimensão discursiva o modo descritivo é ativado pelo sujeito-internauta com a construção objetiva do mundo na tentativa de evidenciar uma visão de verdade e explicar seu ponto de vista. Para isso, ele apresenta traços de informações verificáveis baseados em textos com características científicas, porém marcada pela ausência do rigor necessário à pesquisa científica. O comentário é ainda marcado por efeitos de realidade e de ficção cuja intencionalidade do sujeito-internauta é criar falsas dicotomias e provocar um fenômeno de alternância entre estes dois modos de visão do mundo. Por exemplo, para os negacionistas é verdade que a temperatura do planeta aumentou, porém a causa não seria decorrente da atividade humana, mas pela incidência da atividade solar. Portanto, negam o aquecimento global como consequência das ações humanas e o coloca como produto dos fenômenos naturais do planeta.

Ainda na dimensão discursiva, ao aderir ao ato de fala, o sujeito-interpretante 14 utiliza o modo argumentativo para refutar o comunicante e demonstrar que sua tese seria falsa. Como não se trata de uma simples asserção, o procedimento argumentativo deste interlocutor atende às condições indicadas por Charaudeau (2016). Assim, ele declara falsa a Proposta do comunicante e ao mostrar-se em desacordo, estabelece um quadro de questionamento Proposição para em seguida desenvolver um ato de Persuasão destinado a produzir provas à sua encenação argumentativa.

Para provar que sua proposição é justificável, admite a composição linear inerente ao procedimento de composição. De maneira a facilitar a compreensão da mensagem, o sujeito-internauta distribui os elementos do processo argumentativo de forma encadeada em quatro afirmações ao longo do texto. Diz ele que a proposta do comunicante é uma farsa [*Pq o acordo de Paris é igual a falácia do Aquecimento Global*] e elenca: 1) já fazem vinte anos que as calotas deveriam ter derretido; 2) alteração das temperaturas provoca mudança do ciclo climático; 3) fim da era do gelo; e 4) a natural produção de gases pelo próprio planeta. Prossegue apresentando elementos parcialmente verdadeiros (meia-verdade) de um fenômeno natural ocorrido em 2010. Parcialmente verdadeiro porque o vulcão que causou a suspensão do tráfego aéreo ocorreu em 2010 enquanto que a erupção do vulcão que provocou a liberação de material tóxico perdurou de agosto de 2014 a

fevereiro de 2015³⁶. Há, portanto, uma soma de dois fatos distintos na tentativa de consolidar sua argumentação.

Nessa perspectiva, ao concluirmos a análise desta reação discursiva é possível perceber a presença de um saber de crença revestido por um suposto saber de conhecimento. Isto é, o sujeito-internauta apresenta uma argumentação supostamente racional, capaz até mesmo criar uma imagem de si (*ethos*) de conhecedor do assunto quando, na verdade, os elementos expostos são nada mais que reproduções das inúmeras correntes de desinformação que circulam no ciberespaço e contribuem para constituir o saber de opinião coletiva.

A última postagem selecionada na página do jornalista Reinaldo Azevedo datada de 19 de outubro de 2018 registrou 1.126 interações, das quais 490 curtidas, 589 comentários e 47 compartilhamentos. No Quadro 14 apresentamos as reações discursivas, não sequenciadas, dos sujeitos interpretantes 15 e 16.

QUADRO 14 – Reações Discursivas 15 e 16 - Facebook – Reinaldo Azevedo

Reinaldo Azevedo Postagem 14 - 19/10/2018	
	COMUNICANTE: Mesmo virtualmente vitoriosos, bolsonaristas querem exercer o poder das vítimas. Hora de parar. Sexta é dia da minha coluna na Folha de S. Paulo. Bolsonaro tem de aprender a vencer
	SUJEITO INTERPRETANTE 15: ENGRAÇADO que ninguém MAIS fala, de crimes de fome de desemprego de pornografia que o PT estava entupindo o povo Só pra poder ficar no PODER, CANSAMOS PT JÁ ERA, UFÁ.
	SUJEITO INTERPRETANTE 16: Mais de 1 milhão de petistas recebiam Bolsa Família. 585 mil funcionários públicos. R\$ 2,6 bilhões em fraudes Lula e Dilma defendiam o Bolsa Família com unhas e dentes não por causa dos pobres, mas sim para garantir mais de um milhão de militantes e cabos eleitorais pagos com dinheiro do contribuinte

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Com o título “*Bolsonaro tem de aprender a vencer*” a postagem do jornalista Reinaldo Azevedo apresenta conceitos finais da Teoria Semiollingüística. Como comentarista, o comunicante emite um ponto de vista “avaliação” acerca da eventual

³⁶ Disponível em <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/09/um-vulcao-na-islandia-poluiu-tres-vezes-mais-que-europa-inteira.html>>. Acesso em 24 jan 2020.

vitória do candidato da extrema-direita e neste ato linguageiro identificamos marcas do comportamento elocutivo inerente ao modo enunciativo. Para ele, pouco importa se o interlocutor se engajará no jogo comunicativo. Importa, entretanto, revelar o ponto de vista julgado internamente quanto ao pensa acerca da necessidade de o presidenciável aprender a se tornar vitorioso.

Na abertura da postagem o enunciador utiliza a expressão “*Hora de parar*” como modalidade de Injunção do comportamento alocutivo ao mesmo tempo em que apela para a emoção (*pathos*) na tentativa de se fazer “ouvir”. A aplicação desta sentença pode ser compreendida sendo uma imposição para que o interlocutor execute uma ordem de maneira cominatória, como explica Charaudeau (2016). Mas isto só ocorre porque o locutor está atribuindo a si um estatuto de poder que ele não possui.

Ademais, a expressão representa uma visada de incitação, cuja intencionalidade do comunicante é mandar fazer, ou seja, dá uma ordem, mas não estando em posição de autoridade, cabe a ele apenas incitar o fazer. Assim, neste jogo comunicativo, compete a ele um “fazer acreditar” que o Tu será beneficiado em caso da adoção do ato. Com isso, ele está dizendo para que o candidato assuma um agir diplomático e se adapte à compostura que o cargo de presidente requer.

Não menos importante, a sentença “*Sexta é dia da minha coluna na Folha de S. Paulo*” constitui uma visada informativa no qual ele faz lembrar ao Tu que o artigo de sua autoria estava disponível para leitura naquele dia. Esta passagem aproxima-se do gênero publicitário e constitui uma ação sociolinguageira com o objetivo de persuadir o interlocutor (compreendido como consumidor) a “comprar” a proposta anunciada, ou seja, ler o artigo.

Enquanto representante da mídia, o comentarista tem a função de pontuar diferentes intervenções e, neste caso, recorre ao drama como artifício de reflexão e a provocação como forma de engajar a audiência. Esta situação é dada para “provocar o acontecimento”, pois, como explica Charaudeau (2015), trata-se do local onde se constrói acontecimentos e opiniões, além de que, também pode ser considerado o espaço de surgimento e de confronto de palavras que desnudam análises (comentários) acerca dos acontecimentos sociais e dos julgamentos emitidos.

Nesta última análise deparamos com dois comentários profundamente marcados por saberes de crença que os sujeitos internautas utilizaram para arregimentar seus dizeres em oposição ao enunciado do jornalista. Nas reações discursivas (QUADRO 14) os

sujeitos internautas 15 e 16 organizam a interpretação do enunciado ancorado no princípio da pertinência já que o assunto tratado se assenta em elementos que conformam as marcas sociodiscursivas do neoconservadorismo brasileiro constituído em variadas *fake news* que circularam no ciberespaço.

Logo na primeira palavra [*ENGRAÇADO*] o sujeito-interpretante 15 produz um efeito de sentido irônico e consolida a quebra de expectativa do ato linguageiro, posto que a ironia é um jogo instigado pelo locutor (agora no papel de interlocutor) preenchido por seu modelo de pensamento e valores próprios (resultante do imaginário social). Charaudeau e Maingueneau (2016, p.291) reforçam que a ironia “consiste em dizer o contrário do que se quer fazer o destinatário compreender”.

Nesse sentido, ocorre uma completa discordância em relação ao dito na situação discursiva como podemos perceber na sequência quando o sujeito-internauta desconsidera o conteúdo enunciado pelo comunicante visando preencher sua resposta. Como não houve uma concordância, o sujeito-interpretante 15 segue a sua asserção marcada por um conteúdo insólito e lança provocações descontextualizadas em relação à postagem original.

Prosseguindo a sua reação discursiva, o sujeito-internauta recorre à composição linear (procedimento de composição) do modo argumentativo de maneira a programar a apresentação dos seus eventuais argumentos. Destarte, ele sugere que o enunciador deveria tratar de questionar os [*crimes de fome de desemprego de pornografia que o PT estava entupindo o povo Só pra poder ficar no PODER*]. A exposição revela que àquela altura ele pouco se importava com a eleição de Jair Bolsonaro, mas demonstrava extrema preocupação em uma possível vitória do PT.

Comumente, os eleitores da extrema-direita não conseguiam discernir a saída do PT por ocasião do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, não identificaram o hiato do Governo Temer (2016-2018) e, geralmente, as intervenções desse grupo no ambiente virtual revelavam uma suposta continuidade dos governos petistas como observado no fragmento [*CANSAMOS PT JÁ ERA, UFÁ*]. Ademais, na ordem afetiva, o uso da Caixa Alta na escrita de algumas palavras demonstra uma forte emoção (*pathos*) na entonação do dizer, expressando, portanto, expressões do discurso de ódio como raiva e gritos.

Igualmente, a reação discursiva do sujeito-interpretante 16 se constitui por maneiras de dizer e valores de um grupo social (extrema-direita), atuando como testemunho de identidades coletivas inerentes a um imaginário sociodiscursivo que se sobrepõe e constrói “espécies de arquétipos coletivos inconscientes” (CHARAUDEAU, 2006, p. 207).

Novamente, presenciamos a ideia de que os beneficiários do Programa Bolsa Família são vagabundos que vivem às custas do que o Estado arrecada dos contribuintes brasileiros. Adiciona-se a isso a percepção de um saber de crença procedente de interpretações e julgamentos que conformam a opinião coletiva sobre a qual funcionários públicos seriam todos petistas e esquerdistas.

Verificamos, então, que o interlocutor empreende esforços em uma lógica argumentativa. Na asserção de partida o sujeito-interpretante endossa a compreensão de que o PT seria o partido mais corrupto, quiçá o único, e afirma que, do universo de vagabundos, mais de um milhão seriam petistas, ou seja, não bastando ser vagabundos, também seriam petistas. Em seguida ele modaliza a argumentação na asserção de passagem representada pelo fragmento “*Lula e Dilma defendiam o Bolsa Família com unhas e dentes não por causa dos pobres*” para finalmente alcançar a asserção de chegada cujo universo de crença o faz acreditar que mais de um milhão seriam, na verdade, cabos eleitorais em favor da campanha petista.

Charaudeau (2016) defende que a razão demonstrativa não é o único elemento da argumentação e, por isso, deve associar-se a uma razão persuasiva. Com efeito, o interlocutor revela os quadros do dispositivo argumentativo “Proposta” ao dizer que a defesa do PT pelo Programa Bolsa Família ocorria apenas para nutrir militantes, “Proposição” ao expressar que a defesa não ocorria por causa dos pobres e “Persuasão” utilizando como prova de sua refutação uma notícia verídica publicada no portal *Globo.com*. A postagem do link noticioso objetivava criar um efeito de verdade sobre o que escreveu. Ocorre que sem qualquer menção a uma coloração partidária, a denúncia revelava que 585 mil funcionários públicos, das diversas esferas governamentais, recebiam valores totais de R\$2,5 milhões provenientes de verbas destinadas ao Programa Bolsa Família. O sujeito-interpretante 16, no entanto, tomou a reportagem como forma de conferir *status* de verídico à *fake news* compartilhada e provar a sua tomada de posição.

Nesta situação de comunicação também é possível perceber que o sujeito-internauta enuncia um ponto de vista sobre seu propósito referencial admitindo, para isso, uma opinião da modalidade elocutiva. Isto porque, referenciado pelas *fake news*, compreendidas como suas bases referenciais daquele instante, o sujeito-interpretante 16 explicita sua posição (ainda que não relacionada à postagem original) sustentado por uma convicção íntima presente em seu universo de crença.

PARA FINS CONCLUSIVOS

Dividimos nossas considerações finais em dois momentos de modo a dar conta da relevância da Teoria Semiolinguística no desenvolvimento desta pesquisa ao passo que apontamos os efeitos do discurso de ódio sob a Opinião Pública brasileira no período eleitoral. Em vias de conclusão, é importante ressaltar que o nosso interesse se deu pelo discurso em si, isto é, a materialização do discurso de ódio na rede social virtual Facebook em comentários durante a campanha eleitoral. No entanto, para chegar ao centro do furacão, compreendemos a necessidade de perpassar por aspectos importantes, daí porque a profundidade da discussão teórica apresentada nos dois primeiros capítulos.

Para tanto, nos atentamos ao nosso objetivo geral visando elucidar o discurso da intolerância política difundido na rede social virtual Facebook, perpassando pelo debate dos objetivos específicos identificados nos conceitos de *fake news* e pós-verdade, nos formatos multimodais utilizados na disseminação do discurso de ódio e finalmente nas formas e significados de discursos da intolerância no espaço público virtual representado pelo Facebook. Entendemos esta plataforma como um dispositivo midiático, não no sentido da produção da notícia e de conteúdo, mas de um macro espaço de circulação de saberes de crença e de conhecimento.

Quanto aos formatos multimodais, cabe pontuarmos que, apesar de inicialmente ter sido nossa intenção aprofundar a conceituação e apresentar as situações encontradas, optamos por focar a análise apenas nos comentários em formatos de texto, excluindo-se, portanto, memes, GIFS, imagens e vídeos. A decisão se baseou na impossibilidade de identificar a origem dos conteúdos imagéticos, enquanto os comentários em texto permitiram demonstrar a expressão do pensamento do sujeito que emitia o comentário.

O olhar semiolinguístico para o comportamento dos sujeitos-internautas, ao qual demos o nome de reações-discursivas, demonstrou que a organização discursiva desses indivíduos foi majoritariamente amparada no modo de organização argumentativo. Dos 16 comentários selecionados, 13 sujeitos-internautas recorreram a diferentes formas de argumentação para sustentar o pensamento. Ao nosso ver, isso se deu por dois motivos. Primeiro porque, como alertou Charaudeau (2016), o receptor (leitor/interlocutor) possui autonomia para interpretar e questionar a mensagem por vontade própria, não agindo mais como o destinatário da comunicação tradicional visualizado por Marshall McLuhan que apenas decodifica a mensagem passivamente. Em segundo lugar, mesmo reconhecendo o

sujeito autônomo, percebemos que em muitos casos esta reação não se deu em decorrência da sua autonomia, mas como resultado de uma estratégia política coordenada que incentivava a investida ao pensamento diferente utilizando-se, para isso, o arsenal de *fake news*. A maior parte dos comentários registrou um intenso ataque em que o propósito não foi encontrar soluções, mas refutar as informações públicas, recorrendo, muitas vezes à violência verbal.

Depois encontramos a presença do modo de organização descritivo cuja essência foi a apresentação de cenários e situações através do componente para “localizar e situar” os sujeitos presentes na reação discursiva de modo a determinar o lugar que os indivíduos ocupam no espaço-tempo e assim garantir *status* de credibilidade à informação contida no comentário. Os sujeitos-internautas complementavam o modo descritivo com o componente “nomear” os indivíduos para determinar a existência de seres em seus comentários, ou seja, funcionando como uma categoria da expressão popular “dar nome aos bois” na qual necessita responsabilizar alguém da esquerda por algo. Por fim, a participação do componente “qualificar” para garantir a infinitude do mundo, construindo classes e subclasses no sentido de atribuir sentido próprio aos fatos e adjetivar os indivíduos ou mesmo as situações transcorridas.

Em nossos achados identificamos que apenas dois sujeitos-internautas recorreram ao modo enunciativo nos comentários. A resposta para esse número reduzido pode ser encontrada na função de reação desempenhada pelos sujeitos-internautas no jogo comunicativo e não de ação, esta última executada pelo comunicante. Este modo organizativo, por sinal, esteve mais presente, como já era de se esperar, nas encenações discursivas dos comunicadores. O quarto e último modo de organização narrativo não foi percebido.

Também identificamos que o comportamento dos sujeitos-internautas se constituiu impregnado pelo imaginário sociodiscursivo cujo modo de apreensão do mundo se deu por saberes de crença construídos com a grande contribuição das campanhas de desinformação contida nas inúmeras *fake news* que circularam no ambiente digital pesquisado. Grande parte dos saberes arregimentados pelos sujeitos-internautas foram aqueles de opinião coletiva e relativa, podendo contribuir para revelar que ao se engajarem em um julgamento acerca dos fatos, os sujeitos-internautas não se interessaram no debate propositivo, mas expor suas visões de mundo e na intencionalidade de deslegitimar os jornalistas concebidos como adversários e aliados da esquerda. Importava não apenas contestar o conteúdo da

postagem do comunicante, mas também “desconstruir” o próprio comunicante já que a informação apresentada pelo jornalista era compreendida como falsa e manipulada a serviço do establishment da esquerda.

Ainda em relação à aplicabilidade da Teoria Semiolingüística, a presença das visadas discursivas foi identificada com maior intensidade nos enunciados dos comunicantes, dado que as visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção uma vez que compete aos jornalistas o princípio da influência na tentativa de instigar os sujeitos-internautas a lerem seus textos. Isto, entretanto, não isenta os jornalistas, que inúmeras vezes recorreu a estratégias de neutralidade para não se comprometer ante o discurso e influenciar (no sentido de manipular) o pensamento dos sujeitos-internautas, como se isso fosse possível. Ainda assim, em nome da orientação pragmática da pesquisa, foi possível verificar que ao menos três sujeitos-internautas acionaram as categorias “provocação” e “verificação do saber” na tentativa de contrapor o comunicante.

O segundo momento conclusivo trata das implicações do discurso de ódio na esfera pública e conseqüentemente a deformação da Opinião Pública. A esfera pública virtual, transversalizada para o terreno da materialidade onde os sujeitos físicos se encontram, não funcionou como espaço de troca racional, mas como local de embate. Majoritariamente não houve trocas comunicativas, salvo raras exceções identificadas ao longo das coletas que, no entanto, não constituíram o *corpus* desta pesquisa. Constatamos que o conflito e a violência verbal impediram a formação democrática da opinião e da vontade (GOMES, 2008), acarretando em uma escolha eleitoral sem o discernimento do que de fato estava em disputa.

A percepção das redes sociais virtuais enquanto extensão da esfera pública devido ao seu caráter gerador de uma rede de discussões e circulação de informações como sugerida por Gomes (2008) não se consolidou. Constatamos que a presença dos indivíduos no ciberespaço não se deu por uma mobilização visando a construção de um projeto político que contrapusesse o oponente (Lula/Dilma/PT), ao contrário, esses sujeitos-internautas utilizaram do ambiente virtual para proferir o discurso de ódio enquanto expressão do neoconservadorismo de forma a contrapor ideologicamente a um cenário e atender aos objetivos de radicalização e reconfiguração do neoliberalismo visando a preservação do sistema capitalista.

Desta maneira, a estratégia adotada pela extrema-direita de recorrer à emoção e às crenças particulares alcançou o objetivo, deixando consequências no caminho da democracia liberal. Para isso as *fake news* cumpriram a função de desinformar e assim insuflar os ânimos, suscitar o preconceito, o ódio e a intolerância. Em concordância com o que apontou D'ancona (2017) percebemos que as campanhas de desinformação prepararam o terreno para a pós-verdade e diante de um debate rebaixado a temas comportamentais e religiosos, as questões-chaves para o país foram omitidas durante a campanha eleitoral.

Os exemplos encontrados nesta pesquisa corroboram com a compreensão de que a pós-verdade contribuiu com a reconfiguração da vida política uma vez que os sujeitos-internautas, imersos em saberes de crença de opinião relativa e coletiva, agiram sem qualquer racionalidade. As manifestações linguageiras resultantes do entrecruzamento de discursos que os indivíduos receberam, ouviram ou mesmo produziram, certificam que houve uma manipulação da Opinião Pública nos termos pontuados anteriormente por Charaudeau (2016a). Quanto a isso, cabe assinalar que a despeito de termos constatado a maior presença de elementos do modo argumentativo, não implica dizer que houve essência argumentativa nas reações-discursivas dos sujeitos-internautas no sentido racional do termo como propôs Habermas (1984).

A despeito de termos chegado a estas considerações finais, não significa que outras pesquisas não possam alcançar resultados diferentes. Outras perspectivas para este mesmo *corpus* podem resultar em um entendimento divergente, ampliado ou mesmo complementar, afinal esta é uma investigação possível entre tantas outras. Ademais, passado o período de maturação da escrita e de análise das amostras, temos a compreensão de que um olhar mais amplo em uma eventual nova produção nos conduziria por um caminho ainda mais desafiador, possibilitando novas reflexões em torno das práticas discursivas no mundo digital. Como diria Heráclito de Éfeso, “o homem que volta ao mesmo rio, nem o rio é o mesmo rio, nem o homem é o mesmo homem”.

Decorrido o primeiro ano de governo, talvez este assunto já não seja crucial no debate público como foi constatado durante a campanha e até mesmo alguns meses após as eleições. Ainda que hoje a questão das *fake news* e do discurso de ódio possa parecer uma discussão esgotada este assunto não está superado e há muito ainda para ser investigado. É, pois, missão da academia promover estudos que registrem este momento histórico.

Por isso mesmo, esta pesquisa não deve ser encarada como um ponto final. O discurso de ódio enquanto parte da estratégia de ascensão da extrema-direita ao poder

central no Brasil é o mesmo que sustenta o governo do presidente Jair Bolsonaro. Trata-se, portanto, da abertura de uma perspectiva mais ampla e ao mesmo tempo focada, posto que o objeto de pesquisa não se daria mais em um momento eleitoral em que as coisas estariam aparentemente soltas, mas durante um governo em que o país deveria estar em uma situação segura, respeitando-se o princípio republicano.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. *In*: Esther Solano Gallego. (Org.). **O Ódio como Política: a reinvenção da direita no Brasil**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018, v. 1, p. 27-32.
- AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 5.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- AMOSSY, Ruth. **O intercâmbio polêmico em fóruns de discussão online**: o exemplo dos debates sobre as opções de ações e bônus no jornal Libération. *Comunicação e Sociedade*, vol. 19, 2011, p. 319-335.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. **A informação nas estratégias educativas de recusa à intolerância em contextos virtuais/reais**. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. I, p. 1-16, 2001.
- BEDINELLI, Talita. **Congresso Nacional se enche de representantes ultraconservadores**. El País, 07 out 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/08/politica/1412729853_844912.html>. Acesso em: 03 mai.2019.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- BRAGA, Isabel; KRAKOVICS, Fernanda. **Em convenção, Aécio diz que Dilma não concluirá mandato e faz apelo por unidade no PSDB**. O Globo. 05 jul 2011. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/em-convencao-aecio-diz-que-dilma-nao-concluira-mandato-faz-apelo-por-unidade-no-psdb-16667961>>. Acesso em 04 mai 2019.
- BRAKE, David K.; SAFKO, Lon. **A bíblia da mídia social**: táticas, ferramentas e estratégias para construir e transformar negócios. São Paulo: Edgard Blucher, 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil>>.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 12 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual**. *In*: MACHADO, I. L.; MELLO, R (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, NAD/FALE-UFMG, 2004, p. 13-42.
- _____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In*: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- _____. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional**. *In*: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009

_____. **Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática.** Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, 2011.

_____. **A conquista da opinião pública:** como o discurso manipula as escolhas políticas. Trad. de Angela M. S.Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. **Discurso das Mídias.** Trad. de Angela M. S.Corrêa. 2. ed, São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Linguagem e discurso:** modos de organização. 2. ed, São Paulo: Contexto, 2016b.

_____. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor.** Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3.ed, 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

CORSALETTE, Conrado. **O atentado a Bolsonaro sob o olhar da psicanálise.** Jornal Nexo. 09 Set 2018. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/09/09/O-atentado-a-Bolsonaro-sob-o-olhar-da-psican%C3%A1lise>>. Acesso em 09 mai 2019.

CQM. **Dossiê Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital.** Agência Nova S/B. Dez 2017. Disponível em: <<https://dossie.comunicaquemuda.com.br/intolerancia2017/8-politica/>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

CRUZ, Luiz Pedro Passos da. **O Twitter como espaço de luta:** o embate entre o discurso político e o religioso. 2018. 118f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Vitória da Conquista, 2018.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fakenews. Trad. de Carlos Szlak. 1 ed, Barueri: Faro Editorial, 2018.

DREIFUSS, René. **O jogo da direita.** Petrópolis: Vozes, 1989.

DUNKER, Christian et al. **Ética e Pós-verdade.** Porto Alegre: Dublinense, 2017

EMEDIATO, Wander. **Discurso e Web:** As múltiplas faces do Facebook. Revista da ABRALIN, v.14, n.2, p. 171-192, jul./dez. 2015

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos:** a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

GIRARDI, Crislene Lisboa. **A construção discursiva nas narrativas de Marcelo Rezende:** o ethos como uma espetacularização estratégica. 2018. 175f. Dissertação

(mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens PPGCEL, Vitória da Conquista.

GOMES, Wilson. Apontamento sobre o Conceito de Esfera Pública Política. In: **Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas**; Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2006.

GOMES, Wilson. Da discussão à visibilidade. In: MAIA, Rousiley. C. M.; GOMES, Wilson. (Ed.) **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 117-162.

GOMES, Wilson. **Antipetismo, neoconservadorismo e “novos participantes” nas eleições de 2018**. Revista Cult. 12 abr 2018. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/antipetismo-neoconservadorismo-e-novos-participantes-nas-eleicoes-de-2018/>>. Acesso em 02 mai 2019.

JABOR, Arnaldo. **'Passe Livre' vale mais**. 17 jun 2013. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/passe-livre-vale-mais-8717407>>. Acesso em 04 mai 2019.

KIRBY, Emma Jane. **A cidade europeia que enriquece inventando notícias – e influenciando eleições** - BBC News - 12 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38206498>>. Acesso em: 09 abr 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LÉVY, Pierre. **O Que é o virtual?** NEVE, Paulo Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Trad. Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOPES, Poliana; ARAÚJO, Denise Castilhos de. **Compreendendo o papel dos sujeitos no ato de linguagem: estudo de caso das manifestações de 15 de março de 2015 no Twitter**. Comunicação, Mídia e Consumo / Escola Superior de Propaganda e Marketing, Ano 1, v. 13, n. 37, p. 29-53, maio/ago. 2016.

LÖWY, Michael. **Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

MAIA, Rousiley. Democracia e a Internet como esfera pública virtual: aproximação às condições da deliberação. In: MAIA, Rousiley. C. M.; GOMES, Wilson. (Ed.) **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 277-326.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

MELO, Campos Patrícia. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo Whatsapp**. Folha de São Paulo. 18 out. 2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em 08 fev. 2020.

MESQUITA, Lígia. **Denúncias de discurso de ódio online dispararam no 2º turno das eleições, diz ONG.** BBC Brasil. 09 nov 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46146756>>. Acesso em 21 mai 2019.

MEYER-PFLUG, Samanta Ribeiro. **Liberdade de expressão e discurso de ódio.** Editora RT: 2009.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. *In:* Esther Solano Gallego. (Org.). **O Ódio como Política: a reinvenção da direita no Brasil.** 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018, v. 1, p. 17-26.

MILL, John Stuart. **De la liberté.** Trad. D. White. Paris: Gallimard, 1869 (1963).

MOTTA, Luiz Gonzaga. MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. **O Jornal: da forma ao sentido.** 2.ed. Brasília: Editora UnB, 2002.

NETO, Luiz Peres; PEREIRA, Gabriela Agostinho. **Ética, liberdade de expressão e discurso de ódio de gênero em sites de redes sociais.** E-compós (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), v. 22, jan–dez, 2019, p. 1–25.

ORWELL, George. *1984.* tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio Moretto. **O que são e como lidar com as notícias falsas.** SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 27, p. 71-83, 2018.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Word of the year 2016 is....** Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 17 abr 2019.

PASQUINI, Patrícia. **90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news, diz estudo.** 02 nov 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>>. Acesso em 15 abr 2019.

PERASSO, Valeria. **Brasileiros se veem menos tolerantes e mais divididos que há dez anos, diz pesquisa.** 23 abr 2018. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/04/23/brasileiros-se-veem-menos-tolerantes-e-mais-divididos-que-ha-dez-anos-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em 03 mai 2019.

PEREIRA, Paula Souza. **Modos de organização do discurso no webjornal Folha de S. Paulo: uma análise semiolinguística das estratégias discursivas em notícias sobre a “Reforma do Ensino Médio”.** 2019. 236f. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens PPGCEL, Vitória da Conquista.

PINHEIRO-MACHADO, ROSANA. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, Coleção Cibercultura. 2009a.

_____. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009b, v., p. 1-269.

_____. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: Dulcilia Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. 1ed.Sao Paulo: Almedina, 2012a, v. 1, p. 259-274.

_____. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: Alex Primo. (Org.). **Interações em Rede**. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70.

_____. Jogos e práticas sociais no Facebook: Um estudo de caso do Mafia Wars. In: ANDRADE, Luiz Adolfo; FALCÃO, Thiago (Org.). **Realidade Sintética: Jogos Eletrônicos, Comunicação e Experiência Social**. 1 ed. São Paulo: Scortecci, 2012b, v. 1.

REVISTA EXAME. **O TSE (só agora) tenta se armar contra as fake news**. 16 out 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/o-tse-so-agora-tenta-se-armar-contras-fake-news/>>. Acesso em 15 abr 2019.

ROCHA, Letícia Martins Freitas. **A narrativa verbo-visual no kit escola sem homofobia: a questão da sexualidade**. 2017. 129f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Vitória da Conquista.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; DOS SANTOS, Rodrigo Hamilton. **Discurso de Ódio: Da Abordagem Conceitual ao Discurso Parlamentar**. 2015. Disponível em < <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/515193>> Acesso em 02 mai. 2019.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SOUZA, Alana dos Santos. **Por trás da voz: análise sobre um discurso radiofônico**. 2013. 96f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Vitória da Conquista.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à lava-jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

TANDOC JUNIOR, Edson C.; LIM, Zheng W.; LING, Richard. **Defining fake news**. Digital Journalism, Abingdon, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **TSE vai combater fake news com apoio da imprensa**. 08 fev 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Fevereiro/tse-vai-combater-fake-news-com-apoio-da-imprensa>>. Acesso em 15 abr 2019.

VEIGA, Valdirene de Jesus Alves da. **Mídia, corpo e identidade: imaginários sociodiscursivos e ethos na construção da figura feminina em capas da Revista Boa Forma**.

2017. 178f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em letras: cultura, educação e linguagem - PPGCEL, Vitória da Conquista.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.

ZARZALEJOS, José Antonio. **A era da pós-verdade**: realidade versus percepção. Revista UNO. In: Comunicação, jornalismo e fact-checking. São Paulo, n.27, 9-13. Mar. 2017.

ANEXOS

ANEXO 01 – Printscreen da Postagem de Cynara Menezes – 03/09/2018

Socialista Morena
@SocialistaMorena

Página inicial
Vídeos
Publicações
Fotos
Sobre
Eventos
Comunidade
Loja
Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)

[Curtir](#) [Seguir](#) [Compartilhar](#) ...




SOCIALISTAMORENA.COM.BR

Destruição do Museu Nacional é fruto da desestabilização do país promovida pelo golpe - Socialista Morena

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

263 33 comentários 51 compartilhamentos

 Joao Carlos Amadeu Não estudei muito mas não sou cego e vejo VCS idolatrado um candidato corrupto por ROUBAR o país.
Vivo às minhas custas PORQUE trabalhei não como alguns que precisa de viver pendurados em políticos corruptos porque não conseguem caminhar com as próprias pernas ...
Inteligente é o ELEITOR de presidiário....

[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 d


ANEXO 02 – Printscreen da Postagem de Cynara Menezes – 20/10/2018

Socialista Morena
@SocialistaMorena

- Página inicial
- Vídeos
- Publicações**
- Fotos
- Sobre
- Eventos
- Comunidade
- Loja
- Informações e anúncios

Criar uma Página

👍 Curtir
🔔 Seguir
➦ Compartilhar
⋮



SOCIALISTAMORENA.COM.BR

Eles não são cristãos: Jesus de Bolsonaro, Malafaia e companhia não existe nos evangelhos - Socialista Morena

👍❤️👤 444
78 comentários 150 compartilhamentos

Tuas ideias não correspondem aos fatos, QUANDO tu falas no martírio de JESUS apresentando-o à nossa REALIDADE, estás acusando ISRAEL que é a LINHAGEM terrena de cristo, vc subiu ao céu pra PERGUNTAR a JESUS se ele ACEITA ser CHAMADO de gay, VIADO, travesti, bicha? O que ele disse a vc?

Sou cristão.. voto em Bolsonaro...não voto em quem e a favor do aborto.. em em apoio o comunismo...em que desrespeita a fé cristã...em quem prega que ninguém nasce homem e mulher....quem quiser ser ter outra orientação sexual fiquem a vontade mais não confundam nossas crianças...Jesus xicoteau os mercados do templo...então amar não significa concordar 100%...podemos discordar e mesmo assim amar os homossexuais sem problema....devemos amar o próximo....mas no que se refere ao criminosos eles tem que pagar pelo seu crime...E sobre o porte de arma...Sou a favor...Temos que ter o direito de defesa caso algum meliante entre em nossas casas...

Curtir · Responder · 7 h

ANEXO 03 – Printscreen da Postagem de Cynara Menezes – 26/10/2018

Socialista Morena
@SocialistaMorena

- Página inicial
- Vídeos
- Publicações**
- Fotos
- Sobre
- Eventos
- Comunidade
- Loja
- Informações e anúncios

Criar uma Página

👍 Curtir
🔔 Seguir
➦ Compartilhar
⋮



SOCIALISTAMORENA.COM.BR

Artistas montam banquinhas e conversam com indecisos pela democracia, por Haddad - Socialista Morena

👍❤️👤 3,2 mil
132 comentários 1,4 mil compartilhamentos

Devem estar com medo do futuro sem Lei Rouanet. Nunca se manifestaram contra a corrupção e afins.

Curtir · Responder · 11 h

ANEXO 04 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 23/09/2018

Eliane Cantanhêde ✓
@elianecantanhedejornalista

Página inicial
Sobre
Fotos
Publicações
Comunidade
Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)

Eliane Cantanhêde
23 de setembro de 2018 · 🌐

Dois Brasis: direita sólida no Sul e no Centro-Oeste, esquerda reinando no Nordeste. <https://politica.estadao.com.br/.../eleicoes,os-dois-brasis,7...>



POLITICA.ESTADAO.COM.BR
Os dois Brasis - Política - Estadão
Direita solidamente no Sul e Centro-Oeste, esquerda definitivamente no Nordeste

👍 🤔 😬 206 255 comentários 43 compartilhamentos

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

██████████ O Centro-oeste é direita pq foi colonizado em grande parte por sulistas. Somos herdeiros do pragmatismo realista daqueles que lutaram quase a vida inteira para formar e manter suas fronteiras contra a invasão dos castelhanos. O Nordeste sempre buscou um reino encantado idílico como escape das angústias do presente. Veja como o que digo é verdade, pega o livro mais importante do gaúcho o Tempo e Vento (Érico Verissimo) e compara com a obra do grande Suassuna à Pedra do Reino. O primeiro conta uma história crua, pragmática sem misticismo, sem magia. A segunda é mágica, cheia de coisas mirabolantes que tentam, sem muito sucesso, esconder o sofrimento do sertão. O mote da primeira diz que sofrer é preciso. Já a segunda fala que imaginar é preciso. Por isso um grupo é de direita e outro de esquerda. Um grupo não sabe sonhar e outro só sabe sonhar.

30

Curtir · Responder · 1 d · Editado

ANEXO 05 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 25/09/2018

Eliane Cantanhêde ✓
@elianecantanhedejornalista

Página inicial
Sobre
Fotos
Publicações
Comunidade
Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)

Eliane Cantanhêde
25 de setembro de 2018 · 🌐

Ibope dá três más notícias para quem vota em Bolsonaro só para tentar conter o PT: <https://politica.estadao.com.br/.../geral,fim-da-zona-de-conf...>



POLITICA.ESTADAO.COM.BR
Fim da zona de conforto - Política - Estadão
Ibope dá três más notícias para quem vota em Bolsonaro só para conter o PT

👍 🤔 😬 189 325 comentários 41 compartilhamentos

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

██████████ As urnas sempre foram fraudadas e o Ibope faz suas pesquisas fraudulentas p confirmar o roubo. A verdade é: PT nunca ganhou uma eleição honestamente, foi tudo fruto das mesmas máquinas que elegem Maduro. Acha mesmo que o povo da Venezuela queria o Maduro? Se fosse verdade não estariam se refugiando em outros países, que mesmo dormindo nas praças há alguma esperança e c Maduro só fome, miséria, morte e dor. E com o PT no poder novamente nós é que teremos que nos refugiar em outros cantos. Ah , aproveitem antes do muro do Trump, pq depois vamos todos morrer de fome, sem ter p onde fugir, pois o projeto da Nova Ordem Mundial é nos trancafiar do México p baixo sem termos p onde fugir p morrermos e o Lula/ esquerda tem esse compromisso assinado Pnds e até 2.030 redução populacional, pq acreditam que o planeta não tem recursos naturais p todos. Sugiro que leiam Os 10 mandamentos/ Pedra Guias da Geórgia. Temos que lutar contra essa agenda assassina.

Curtir · Responder · 9 h

ANEXO 06 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 05/10/2018

Eliane Cantanhêde 
@elianecantanhedejornalista

Página inicial
Sobre
Fotos
Publicações
Comunidade
Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)


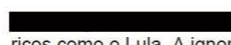
Eliane Cantanhêde
5 de outubro de 2018 · 

A estratégia e a experiência eleitoral do PT não estão dando conta da onda Bolsonaro. Ele reina entre mais ricos e escolarizados e continua crescendo, Haddad cresce entre mais pobres e sem instrução, mas praticamente estaciona no geral. <https://politica.estadao.com.br/.../geral,os-antagonistas,700...>

 POLITICA.ESTADAO.COM.BR
Os antagonistas - Política - Estadão
Bolsonaro reina entre mais ricos e escolarizados; Haddad, entre mais pobres e sem instrução

   554 191 comentários 221 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

  Logico que o Haddad cresce entre os sem instrução q acham q vão ficar ricos como o Lula. A ignorância é um fato no Brasil. O PT nunca se preocupou com a educação. Educar para que? A instrução leva à questionamento . os outros são tão corruptos quanto os dirigentes.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 4 h

ANEXO 07 – Printscreen da Postagem de Eliane Cantanhêde – 21/10/2018

Eliane Cantanhêde 
@elianecantanhedejornalista

Página inicial
Sobre
Fotos
Publicações
Comunidade
Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)

 Curtir  Seguir  Compartilhar 


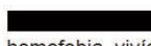
Eliane Cantanhêde
21 de outubro de 2018 · 

Com Bolsonaro, caça às bruxas no Itamaraty: ele acusa "diplomatas petistas" pelas reportagens negativas no exterior e vai ter dança de cadeiras, fim de embaixadas criadas pelo PT e guinada na política externa. <https://politica.estadao.com.br/.../eleicoes,caca-as-bruxas,7...>

 POLITICA.ESTADAO.COM.BR
Caça às bruxas - Política - Estadão
Com Bolsonaro, guinada na política externa e dança de cadeiras no Itamaraty

   1,7 mil 523 comentários 399 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

  Não vejo a hr de acabar com certas palavras, ex: políticas públicas, facistas, homofobia, vivíamos , tds sem palavras de divisão de classes, temos que voltar a ter respeito uns p outros... a esquerda coloca uns contra os outros.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 d

ANEXO 08 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 06/09/2018



Leonardo Sakamoto ✓
@leonardo.sakamoto

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Eventos

Publicações

BLOGDOSAKAMOTO.BLOGOSFERA.UOL.COM.BR
Atentado contra Bolsonaro inaugura nova etapa na violência política do país

2,3 mil 406 comentários 773 compartilhamentos

██████████ O agressor e os militantes estão acostumados a ver seus líderes apoiarem a violência e a infração às leis, seja fechando uma rodovia, invadindo terras e imóveis alheios, queimando ônibus e pneus em protestos.

Curtir · Responder · 17 h

ANEXO 09 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 30/09/2018



Leonardo Sakamoto ✓
@leonardo.sakamoto

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Eventos

Publicações

Comunidade
Informações e anúncios

Criar uma Página

BLOGDOSAKAMOTO.BLOGOSFERA.UOL.COM.BR
Quem não entendeu os protestos acha que fotos das multidões são “falsas”

9,3 mil 744 comentários 3,5 mil compartilhamentos

██████████ A maconha rolo solta, e a orgia também, vejo isso é vejo q estou no caminho certo, Deus, família

Curtir · Responder · 1 d

Ocultar 26 respostas

ANEXO 10 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 11/10/2018

Leonardo Sakamoto ✓
@leonardo.sakamoto

- Página inicial
- Sobre
- Vídeos
- Fotos
- Eventos
- Publicações**
- Comunidade
- Informações e anúncios

Criar uma Página



i

BLOGDOSAKAMOTO.BLOGOSFERA.UOL.COM.BR

Parte de fãs de Bolsonaro acha que vitória é salvo-conduto para violência

👍👎👏 5,2 mil 625 comentários 3,2 mil compartilhamentos

Alarmismo bobo... o Brasil sempre foi um país violento ao extremo. Morrem mais de 60mil pessoas assassinadas por aqui e só agora o Sr. Sakamoto está preocupado com a violência... Curioso é q ele sempre foi um crítico do programa do Datena e afins por "espetacularizarem" a violência, agora vem ele com desespero, pior q o próprio Datena. Qdo a violência atinge o trabalhador diariamente, condenar e pedir justiça na TV é espetáculo midiático, qdo é da turminha dele q sai arrumando briga com todo mundo (coisa q ele não fala),é "assustador"! Sei q é até difícil pedir isso pra um esquerdista, mas seja mais coerente, Sakamoto, não repita o q vc condena só pq chegou no seu quintal.

Curtir · Responder · 16 h

ANEXO 11 – Printscreen da Postagem de Leonardo Sakamoto – 22/10/2018

Leonardo Sakamoto ✓
@leonardo.sakamoto

- Página inicial
- Sobre
- Vídeos
- Fotos
- Eventos
- Publicações**
- Comunidade
- Informações e anúncios

Criar uma Página

👍 Curtir
📡 Seguir
➦ Compartilhar
⋮



i Sobre este site

BLOGDOSAKAMOTO.BLOGOSFERA.UOL.COM.BR

Após Justiça demonstrar fraqueza, Bolsonaro avisa que banirá opositores

👍👎👏 9,7 mil 1,5 mil comentários 7,1 mil compartilhamentos

A mídia já abusou de mostrar que é parcial e influenciadora, e alguém tem colocar limites.

Curtir · Responder · 13 h

Ocultar 13 respostas

9

ANEXO 12 – Printscreen da Postagem de Reinaldo Azevedo – 03/10/2018



Curtiu **Seguindo** **Compartilhar** **...**

Reinaldo Azevedo
3 de outubro de 2018 · **...**

Não se trata de culpar o #elenão pela inversão dos resultados, mas é preciso entender como as coisas funcionam!
<https://www3.redeTV.uol.com.br/.../ja-no-dia-do-protesto-as-.../>

Já no primeiro dia de protestos, fotos ousadas do #elenão invadiram templos evangélicos e católicos. Foi contraproducente.



Lucia Regina Gomes eu acho válida a valorização da mulher mas não é mostrando as tetas, defecando em fotos , etc que vão mostrar seu valor. O ridículo desse movimento ele não é que pedem tanto respeito mas desrespeitam a tudo e a todos.

2

Curtir · Responder · 1 d

ANEXO 13 – Printscreen da Postagem de Reinaldo Azevedo – 17/10/2018



Reinaldo Azevedo 
@ReinaldoAzevedoColumnista

Página inicial
Sobre
Fotos
Vídeos
Eventos
Publicações
Comunidade
[Criar uma Página](#)

Informações e anúncios

 Curtiu  Seguindo  Compartilhar ...

Reinaldo Azevedo
17 de outubro de 2018 · 

Não há nenhuma incompatibilidade entre o Código Florestal e o Acordo de Paris. Pra que arranjar sanções e indisposições com a comunidade internacional?
Tem análise da entrevista no blog:
<https://www3.redeTV.uol.com.br/.../homem-de-bolsonaro-para-a-.../>

**Nabhan Garcia,
o homem da 'agricultura
e meio ambiente'
de Bolsonaro...**

**pra que arranjar
encrenca tirando o país**

 Curtir  Comentar  Compartilhar

 **[Redacted]** Pq o acordo de Paris é igual a falácia do Aquecimento Global, faz 20 anos que falam q em 10 as calotas polares deixariam de existir, e elas continuam lá e pasmem no último inverno no hemisfério norte elas cresceram, tb esqueceram de avisar que o ciclo climático dura entre 70 e 100 anos alternando as temperaturas como vêm ocorrendo, tb esqueceram de falar q estamos no final de uma era do gelo (a Terra teve pelo menos umas 10). Tb esqueceram de falar que o próprio planeta produz 400 x mais gases de efeito estufa que o homem por ano. Lembram do vulcão da Finlândia q impediu o tráfego aéreo por dias? Então em 4 dias de erupção ele produziu mais gases de efeito estufa q toda humanidade em 3 anos. Sem falar q a maioria dos poluentes produzidos por nós ao entrar em contato com a água da atmosfera reage quimicamente com o vapor d'água e cai como chuva ácida (Não q isso seja uma boa coisa) mas em resumo seu Reinaldo Azevedo é por isso.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 20 h 1

ANEXO 14 – Printscreen da Postagem de Reinaldo Azevedo – 19/10/2018


Curtiu Seguindo Compartilhar ...

Reinaldo Azevedo ✓
 @ReinaldoAzevedoColumnista
 Página inicial
 Sobre
 Fotos
 Vídeos
 Eventos
Publicações
 Comunidade
 Criar uma Página

Reinaldo Azevedo
 19 de outubro de 2018 · 🌐

Mesmo virtualmente vitoriosos, bolsonaristas querem exercer o poder das vítimas. Hora de parar.
 Sexta é dia da minha coluna na Folha de S. Paulo.
<https://folha.com/185fobr7>



BOLSONARO TEM DE APRENDER A VENCER
 Sexta tô na Folha

👍👎❤️ 490 589 comentários 47 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar 🔗 Compartilhar


 ENGRAÇADO que ninguém MAIS fala, de crimes de fome de desemprego de pornografia que o PT estava entupindo o povo Só pra poder ficar no PODER, CANSAMOS PT JÁ ERA , UFÁ.
 Curtir · Responder · 4 h


 Jose Santos Silva Silva Mais de 1 milhão de petistas recebiam Bolsa Família. 585 mil funcionários públicos. R\$ 2,6 bilhões em fraudes
 Lula e Dilma defendiam o Bolsa Família com unhas e dentes não por causa dos pobres, mas sim para garantir mais de um milhão de militantes e cabos eleitorais pagos com dinheiro do contribuinte. ... Ver mais


 G1.GLOBO.COM
Mais de 500 mil funcionários públicos receberam Bolsa...
 Curtir · Responder · 10 h 3